

FÁBIO CRISTIANO RABELO

“FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO”
DISCUSSÃO DE UM ADÁGIO ANTIGO À LUZ DA ECLESIOLOGIA DO CONCÍLIO
VATICANO II

Dissertação de Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Barros

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2016

FÁBIO CRISTIANO RABELO

“FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO”
DISCUSSÃO DE UM ADÁGIO ANTIGO À LUZ DA ECLESIOLOGIA DO CONCÍLIO
VATICANO II

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de Concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Barros

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

R114f Rabelo, Fábio Cristiano
“Fora da Igreja não há salvação”: discussão de um adágio antigo à luz da eclesiologia do Concílio Vaticano II / Fábio Cristiano Rabelo. - Belo Horizonte, 2016.
89 p.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Barros
Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.

1. Eclesiologia. 2. Concílio Vaticano II. 3. Cristologia. 4. Soteriologia. I. Barros, Paulo César. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título

CDU 262.5

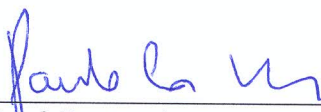
Fábio Cristiano Rabelo

**“FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO”
DISCUSSÃO DE UM ADÁGIO ANTIGO À LUZ DA ECLESIOLOGIA DO
CONCÍLIO VATICANO II**

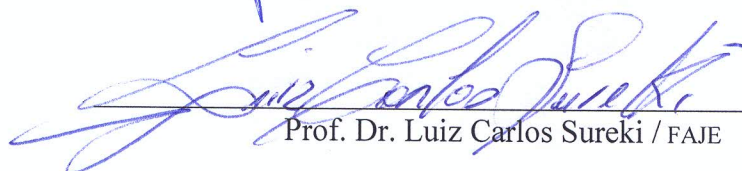
Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 05 de outubro de 2016.


COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Paulo César Barros / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Luiz Carlos Sureki / FAJE



Prof. Dr. Mário de França Miranda / PUC Rio (Visitante)

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra a Deus que sempre tem guiado meus passos e me protegido todos estes anos.

AGRADECIMENTOS

À minha tia Carmen Lúcia que cuidou da minha formação e me ajudou a ser quem eu sou.

A todos os padres jesuítas que me apoiaram e incentivaram nestes anos todos.

A meus amigos que acreditaram em mim até quando eu mesmo duvidava.

À equipe de funcionários da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

A Todos que contribuíram de alguma forma com meu crescimento

RESUMO

As compreensões do antigo adágio “Fora da Igreja não há salvação” são fruto de um longo percurso histórico ainda não encerrado. A questão atinge profundamente a teologia das religiões, a soteriologia, a cristologia e a eclesiologia. Diz respeito à salvação de milhares de homens e mulheres que viveram, vivem e ainda hão de viver sobre a face da Terra. Passa pelo sentido último da existência humana e indaga sobre o verdadeiro valor de uma vida. Um cristão consciente gastará muito tempo de sua vida na busca pela compreensão desta verdade de fé ensinada pela Igreja. A apresentação de uma interpretação adequada deste adágio é uma tarefa da teologia na contemporaneidade. A salvação pela mediação da Igreja não deixa de colocar dificuldades à teologia. O adágio “Fora da Igreja não há salvação” levanta a discussão sobre os limites e a capacidade de a Igreja determinar a pertença ou não pertença de algum sujeito à sua realidade, o que poderia implicar sua condenação ou salvação. O tema se torna problemático por ser colocado em uma perspectiva histórica sequencial, ou seja, pela sucessão dos eventos no tempo. Adotando uma perspectiva da história a partir da eternidade, a situação muda. Neste modo de ver o tempo, supostamente próprio da Deus, a salvação em Cristo atinge a humanidade em todos os tempos, dissipando a sombra da condenação eterna dos que não tiveram a chance de conhecer a Cristo. Todo ser humano é vocacionado a ser Igreja, ou seja, corpo de Cristo. Portanto, seres humanos que cumprem com sua vocação mais básica de amar a verdade e conhecer o bem estão a caminho da salvação.

Palavras Chave: Eclesiologia. Cristologia. Soteriologia. Salvação.

ABSTRACT

The understanding of the old adage "outside the church there is no salvation" are the result of a long historical journey has not yet closed. The issue reaches deeply into the theology of religions, Soteriology, Christology and Ecclesiology. Concerns the salvation of thousands of men and women who lived and still live shall live upon the face of the Earth. Through the sense of human existence and wonders about the true value of human life. A Christian consciously spend much time of his life in the search for understanding of this truth of faith taught by the Church. The presentation of a proper interpretation of this adage is a task of theology in contemporary times. Salvation through the mediation of the Church does not cease to put difficulties to theology. The adage "outside the church there is no salvation" raises the discussion on the limits and the ability of the Church to determine membership of or does not belong to a subject to your reality, which could lead to his damnation or salvation. The theme becomes problematic for being placed in a sequential historical perspective, i.e. by sequential succession of events in time. Adopting a perspective of history from the eternity, the situation changes. In this mode, see the time, supposedly of God, salvation in Christ reaches humanity at all times, dispelling the gloom of eternal damnation of those who have not had the chance to know Christ. Every human being is geared to be Church, that is, the body of Christ. Therefore, human beings who comply with their most basic vocation to love the truth and know well are on the way of salvation.

Keywords: Ecclesiology. Christology. Soteriology. Salvation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. “FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO”	11
2.1 Introdução	11
2.2 Antecedentes	15
2.2.1 Antecedentes bíblicos	15
2.2.2 Antecedentes patrísticos	18
2.3 O adágio na era patrística	21
2.4 Magistério medieval	28
2.5 Idade moderna	31
2.6 O adágio no século XX	40
2.6.1 Antes do Vaticano II	40
2.6.2 Vaticano II: uma nova colocação do problema	43
3. LIMITES E FRONTEIRAS SOTERIOLÓGICOS DA MENSAGEM CRISTÃ	50
3.1 Introdução	50
3.2 Uma questão eclesiológica	53
3.2.1 Povo de Deus	53
3.2.2 Corpo de Cristo	56
3.2.3 Templo do Espírito Santo	61
3.3 Uma questão soteriológica	64
3.3.1 Introdução	64
3.3.2 Cristologia	66
3.3.3 Antropologia	70
3.4 Conclusão	74
4. CONCLUSÃO: PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS	78
4.1 Problemática contemporânea do adágio	78
4.2 Relevância do anúncio do Evangelho	80
4.3 Questão ecumênico soteriológica	83
REFERÊNCIAS	88

1. INTRODUÇÃO

As compreensões do antigo adágio “Fora da Igreja não há salvação” são fruto de um longo percurso histórico ainda não encerrado. A questão atinge profundamente a teologia das religiões, a soteriologia, a cristologia e a eclesiologia. Diz respeito à salvação de milhares de homens e mulheres que viveram, vivem e ainda hão de viver sobre a face da Terra. Passa pelo sentido último da existência humana e indaga sobre o verdadeiro valor de uma vida. Um cristão consciente gastará muito tempo de sua vida na busca pela compreensão desta verdade de fé ensinada pela Igreja.

A apresentação de uma interpretação adequada deste adágio é uma tarefa da teologia na contemporaneidade. A salvação pela mediação da Igreja não deixa de colocar dificuldades à teologia. O adágio “Fora da Igreja não há salvação” levanta a discussão sobre os limites e a capacidade de a Igreja determinar a pertença ou não pertença de algum sujeito à sua realidade, o que poderia implicar sua condenação ou salvação.

Duas posições extremadas se apresentam diante deste desafio. De um lado, há aqueles a defender a exclusão de todos os não pertencentes à Igreja, condenando-os às penas eternas do inferno. De outro lado, diante da sensibilidade moderna, configura-se uma crença de que o anúncio do Evangelho é desnecessário à salvação e que basta uma vivência “ética” para alcançá-la. Entre estes dois extremos, surge uma miríade de interpretações possíveis do adágio tendendo para um matiz ou outro.

A sombra do adágio cobre toda a teologia contemporânea em função do diálogo macroecumênico. Alguns autores defendem a existência de salvação fora da Igreja enquanto outros defendem a ideia da salvação pela Igreja. Não consiste em uma questão meramente acadêmica, dizendo respeito ao sentido da vida de um incontável número de pessoas que caminham na história sem pertencerem à realidade eclesial. Pende na balança a paz entre os povos, pois uma interpretação extrema do adágio pode conduzir à violência e à intolerância, produzindo guerras religiosas.

O adágio, para uma adequada compreensão, deve ser estudado de modo sincrônico e diacrônico. O estudo sincrônico apresenta a atual compreensão do adágio pela teologia contemporânea. Consiste em uma pesquisa sistemática de seus fundamentos teológicos e seu significado mais profundo. A pesquisa diacrônica se revela necessária para a compreensão da evolução histórica da hermenêutica do adágio. Por meio dela, entender-se-á a intenção

original de seus formuladores e como esta interpretação sofreu modificações ao longo do tempo.

No primeiro capítulo, será feita uma análise diacrônica da hermenêutica do adágio ao longo dos últimos dois milênios. Partindo de uma fundamentação bíblica e patrística, desenvolver-se-á uma análise da evolução de sua compreensão na consciência da Igreja. Iniciando a análise com Orígenes e Cipriano de Cartago, percorrer-se-á toda a história da compreensão do adágio na Igreja católica, passando pelos medievais e modernos até alcançar o Concílio Vaticano II.

No segundo capítulo, a análise sincrônica buscará o sentido do adágio a partir de seus dois polos constitutivos: a eclesiologia e a soteriologia. Para compreender o adágio “Fora da Igreja não há salvação”, faz-se necessário entender o significado de Igreja na sentença. Está restrito a uma instituição? É uma realidade histórica? Este mistério da Igreja deve ser entendido em sua relação com a Trindade. Também necessita-se compreender em que consiste a salvação. Como ela é dada ao ser humano? A questão soteriológica deve se dividir entre uma cristologia que explicita a ação salvadora de Deus e uma antropologia que pesquisa sobre as possíveis respostas do ser humano ao chamado divino à salvação.

Na conclusão, confrontar-se-á a compreensão eclesiológica e soteriológica com algumas tendências teológicas da atualidade, buscando responder algumas questões contemporâneas. Entre elas, a relevância do anúncio do evangelho e o diálogo inter-religioso figuram em destaque.

2. “FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO”

2.1 Introdução

A questão soteriológica sempre afligiu o ser humano desde as origens. Esta consiste na busca do sentido da existência, na pergunta sobre a sua perpetuidade. Há algo que continua existindo após a morte? Qual valor possui a vida humana? A história das religiões é a busca deste sentido último, deste valor perene na existência humana. A tentativa de resposta a estas questões encontra um momento chave na mensagem cristã. E, no escopo da mensagem cristã, irrompe o adágio “Fora da Igreja não há salvação”.

A mensagem cristã, em sua pretensão universalista, dirige-se aos seres humanos de todos os tempos e lugares¹. Consequentemente, somente a mensagem cristã pode ser uma mensagem de verdadeira salvação. E a comunidade daqueles que acolheram a mensagem deste evangelho são conhecidos como Igreja, pela sua incorporação ao mistério pascal pelas águas do Batismo. Não acolher o evangelho significa perdição e danação eterna. Neste trabalho, será focada principalmente a perspectiva da tradição teológica da Igreja Católica Apostólica Romana.

Com o adágio “Fora da Igreja não há salvação” surgem alguns problemas. O primeiro refere-se à salvação dos não cristãos. Se os cristãos creem em um Deus pleno de bondade e misericórdia, como seriam condenados os seres humanos desconhecedores do Evangelho de Cristo? Uma pergunta relevante diante dos milhares de seres humanos que viveram antes do fato cristão. Isto sem falar naqueles que vivem ou viveram após a irrupção do cristianismo sem tomar conhecimento de sua mensagem. Extremando o adágio, teríamos uma imensa massa condenada e uma minoria salva². Isto contraria totalmente a ideia de um Deus benévolo e misericordioso.

A liberdade religiosa configura-se como outra questão levantada pelo adágio. Em seu livre alvedrio, o ser humano é vocacionado à busca da verdade. É um processo de encontro com Deus. Além disso, o cristianismo encontra-se cindido em muitas partes nos dias atuais. E todas estas partes reclamam, em maior ou menor grau, a exclusividade da salvação. No passado, isto causou inúmeras guerras religiosas. E, hoje, tornou-se uma razão para a rejeição da mensagem cristã por parte de muitos.

¹ Cf. SESBOÜÉ, Fuera de la Iglesia no hay salvación, p.13-14.

² Cf. *ibid.*

A questão da missiologia se fundamenta na necessidade soteriológica de estar na Igreja e no fato da vontade divina de que todos se salvem e cheguem à verdade³. Se a salvação depende exclusivamente da incursão na Igreja pelo Batismo, os cristãos, membros da Igreja, veem-se obrigados a anunciar o Evangelho para que todos tomem conhecimento da verdade, entrem na Igreja e se salvem. A rejeição gradativa e crescente do adágio pelos cristãos na modernidade produz uma redução no ardor missionário mediante a crença de que fora da Igreja há salvação.

Na Igreja Católica Romana, a questão da infalibilidade do magistério, à primeira vista, parece colocada em xeque pelas aparentes interpretações divergentes do adágio. Partindo de uma compreensão restrita, passou por uma visão excludente para alcançar uma interpretação profundamente inclusiva.

No Concílio de Florença, em 1442, é negada a possibilidade de salvação a qualquer um não pertencente à igreja romana institucional:

A Igreja crê firmemente, confessa e anuncia que “nenhum dos que estão fora da Igreja Católica, não só os pagãos”, mas também os judeus ou hereges e cismáticos, poderá chegar à vida eterna, mas irão para o fogo eterno “preparado para o diabo e para os seus anjos” [Mt 25,41], se antes da morte não tiverem sido a ela reunidos; <ela crê> tão importante a unidade do corpo da Igreja, que só para aqueles que nela perseveraram os sacramentos da Igreja trazem a salvação e os jejuns, as outras obras de piedade e os exercícios da milícia cristã podem obter a recompensa eterna. “Nenhum, por mais esmolas que tenha dado, e mesmo que tenha derramado o sangue pelo nome de Cristo, poderá ser salvo se não permanecer no seio e na unidade da Igreja católica”⁴

Já o Concílio Vaticano II coloca a possibilidade de salvação dos não cristãos e dos cristãos não católicos como algo real:

Por último, também aqueles que ainda não receberam o Evangelho estão destinados, de modos diversos, a formarem parte do povo de Deus. [...] Aqueles que ignoram sem culpa o Evangelho de Cristo e a sua Igreja, mas buscam a Deus na sinceridade do coração, e se esforçam, sob a ação da graça, por cumprir na vida a sua vontade, conhecida através dos ditames da consciência, também esses podem alcançar a salvação eterna. Nem a divina providência nega os meios necessários para a salvação àqueles que, sem culpa, ainda não chegaram ao conhecimento explícito de Deus, mas procuram com a graça divina viver retamente.⁵

[...] Com efeito, já que por todos morreu Cristo e que a vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina, devemos acreditar

³Cf. 1Tm 2,3.

⁴ DH 1351.

⁵ LG 16.

que o Espírito Santo dá a todos a possibilidade de se associarem a este mistério pascal por um modo só de Deus conhecido.⁶

Por múltiplas razões a Igreja reconhece-se unida aos batizados que se honram do nome de cristãos, mas não professam integralmente a fé, ou não mantêm a unidade de comunhão sob o sucessor de Pedro.⁷

Neste momento surge o problema: como conciliar as ideias de condenação sem apelação e matizes e de ordenação da humanidade ao povo de Deus? Como conciliar documentos oficiais que apresentam visões aparentemente tão contraditórias?⁸ Para isto, necessita-se de uma visão diacrônica bem desenvolvida do teor deste adágio e uma visão sincrônica para o entendimento de seu significado atualizado.

A semântica do adágio “Fora da Igreja não há salvação” estrutura-se em torno de quatro expressões: “Fora”, “Igreja”, “não há”, “salvação”⁹. Para um melhor entendimento do mesmo, será necessário perscrutar o significado destas quatro expressões.

O termo “Fora” possui uma conotação geo-histórica e uma conotação presencial. Pode significar uma exterioridade em função da localidade geográfica e da realidade histórica, no sentido de exclusão dos que não pertencem à realidade Igreja. Por outro lado, pode significar que toda salvação se opera pela Igreja, ou seja, sem a Igreja não há salvação.

A palavra “Igreja” sofreu muitas modificações em seu significado no decorrer dos séculos. Na era patrística, o termo identificava-se com a comunidade cristã, o corpo dos fiéis, a esposa de Cristo. A Igreja era composta de pedras vivas. Na Idade Média tardia, passou a identificar-se com as instituições visíveis. A Igreja era a Igreja Católica Apostólica Romana, muito bem delimitada geográfica e historicamente. Nos tempos modernos, o conceito de Igreja reduziu-se à hierarquia da Igreja Católica Apostólica Romana, estabelecendo uma oposição entre Igreja e fiéis.

A expressão “não há” determina a exclusão daqueles que não fazem parte da realidade Igreja. A salvação se dá somente àqueles pertencentes à Igreja. Este é o termo semanticamente encarregado de excluir todos aqueles os quais não preenchem o pré-requisito de pertença à Igreja.

⁶ GS 22.

⁷ LG 15.

⁸ Cf. SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p.11-12.

⁹ Cf. *ibid.*, p.18-20.

Salvação possui um sentido muito claro na história da experiência cristã. Consiste na justificação da humanidade, na divinização pela graça neste mundo, pela glorificação definitiva junto de Deus. Contudo, os pelagianos estabeleceram uma diferença entre vida eterna e reino dos céus que implicou na elaboração do limbo como lugar de destino final para os não evangelizados.

Conforme Sesboüé, ao se tratar da fundamentação bíblica do adágio, uma elipse com dois focos deve ser considerada: O primeiro foco consiste nas exigências colocadas para a salvação segundo a economia cristã e o segundo se refere à possibilidade e realidade da salvação para os que se encontram fora da economia cristã¹⁰.

Analizando as exigências colocadas para a salvação no cristianismo, rapidamente se perceberia o cristianismo como uma religião praticada por uma minoria. Nem a Idade Média, conhecida popularmente como era do cristianismo, escaparia desta realidade, conforme Ratzinger¹¹ e Vaz¹². Poucos dos que ingressam na Igreja poderiam se salvar, visto uma grande maioria não cumprir com as exigências da salvação.

O outro foco da elipse se pergunta sobre a possibilidade de salvação dos que se encontram fora da economia cristã. O cristianismo é algo recente na história da humanidade diante dos milhares de anos de existência humana sobre a face da terra. Uma vasta multidão nasceu antes de Jesus Cristo e, conseqüentemente, da irrupção do fato cristão na história. Estariam todos eles condenados? Por outro lado, outra multidão não tem conhecimento do Evangelho pelo fato de a mensagem cristã não os ter atingido. Esta multidão que desconhece o cristianismo sem culpa, estaria condenada? E quanto àqueles que não aceitaram a mensagem cristã por tê-la recebido distorcida?

Por causa de todas estas questões, urge, para os católicos, entender o adágio no sentido em que tem ensinado o magistério para não incorrer no erro do padre Feeney que extremou o sentido negativo da fórmula¹³.

E, para isto, necessita-se uma compreensão da possível variação sofrida pelo significado do adágio ao longo da história. Esta visão diacrônica auxiliará a obtenção de uma melhor visão da questão da infalibilidade do magistério da Igreja que não volta atrás no que ensinou de modo irreformável.

¹⁰ Cf. *ibid.*, p.27.

¹¹ Cf. RATZINGER, Introdução ao Cristianismo, p. 38.

¹² Cf. VAZ, Escritos de Filosofia I, p. 79.

¹³ DH 3866-3873.

2.2 Antecedentes

O adágio “Fora da Igreja não há salvação” possui fundamentação nas Escrituras e nos Padres que antecederam sua formulação. Como toda ideia formulada, encontram-se as raízes do adágio na atmosfera da evolução do pensamento que o circunda.

Iniciar-se-á a pesquisa pelos princípios presentes nas Sagradas Escrituras para depois prosseguir com os Padres dos dois primeiros séculos que antecedem o surgimento do adágio.

2.2.1 Antecedentes bíblicos

Nas Sagradas Escrituras, as condições para a salvação são muito claras: “Aquele que crer e for batizado será salvo; o que não crer será condenado”¹⁴. O ponto de partida para a salvação é o ato de crer. A fé e o Batismo são pré-requisitos afirmativos para a obtenção da salvação. Contudo, a condenação ou não-salvação se dará apenas para os descrentes¹⁵.

Mas em que consiste a fé? A vida na fé se inicia pela apropriação de uma vida nova em Cristo. Conforme Tg 2,17, a fé sem obras é algo morto. Implicando a fé em obras, deve-se percebê-la como o princípio de uma vida nova doada pelo Filho na cruz que derramou seu Espírito Santo sobre a criação, fazendo novas todas as coisas¹⁶.

É inadequado o esquecimento da tensão escatológica na qual os homens e mulheres de fé já vivem uma nova vida em Cristo, porém ainda não plenamente. O velho homem ainda não está definitivamente enterrado e continua presente em cada ser humano. No momento atual, existe a guerra entre o novo e o velho, entre o reino de Cristo que se instaura e o velho mundo do pecado, entre o último e o primeiro Adão¹⁷.

E a vida do novo homem renascido em Cristo pela fé é uma vida de amor e doação pelos semelhantes¹⁸. Portanto, o único critério bíblico para a salvação é o amor. E este amor se concretiza em um amor prático e eficaz assumido em favor dos pequeninos que são aqueles que necessitam de auxílio para a construção de sua dignidade¹⁹.

¹⁴ Mc 16,16.

¹⁵ Cf. SESBOÜÉ, Fuera de la Iglesia no hay salvación, p.28.

¹⁶ Cf Ap 21,5.

¹⁷ Cf. RUBIO, Unidade Na Pluralidade, p. 205-209.

¹⁸ Cf. 1Jo 3,16.

¹⁹ Cf. SESBOÜÉ, Fuera de la Iglesia no hay salvación, p.29.

Demonstrados os critérios para a salvação conforme as Sagradas Escrituras, entrar-se-á no outro foco da elipse de Sesboüé o qual trata da possibilidade de salvação para aqueles que se encontram fora da economia judaico-cristã²⁰.

No Antigo Testamento, esta desafiante questão encontra sua resposta nos santos pagãos que não pertencem à aliança abraâmica por serem anteriores a ela ou por não estarem em seu escopo²¹. As figuras aqui tratadas não são necessariamente pessoas reais e isto não importa. É relevante o retrato que a Bíblia faz destes santos pagãos.

Entre eles, destaca-se Noé por ser um dos principais referenciais ao adágio. Noé, figura do justo por excelência, foi um pagão com quem Deus realiza uma aliança cósmica, eterna e universal, anterior à aliança com Abraão. Simbolizava o pequeno resto da humanidade fiel a Deus e era visto pelos padres da Igreja como uma prefiguração de Cristo. Sua arca, figura da Igreja, é objeto de uma pregação neotestamentária sobre o Batismo que faz entrar na arca da salvação²².

Abel, pela fé, ofereceu um sacrifício agradável a Deus que é rememorado no cânon romano. Apesar de pagão, sua fé o tornou justo²³. Henoc creu em Deus, caminhou com Ele e foi arrebatado. Porém não pôde crer em nenhuma maravilha de Deus em favor de seu povo por ser anterior a elas²⁴.

Em Ez 14,14, são mencionados três homens justos: Noé, Daniel e Jó. Noé é o tipo do justo com quem Deus fez uma aliança eterna e de dimensão universal. Sua história prefigura a salvação pelas águas do Batismo. De Daniel, nada se sabe. Quanto a Jó, personagem de uma história edificante, homem justo e honrado, apartado de todo mal, que protegia o órfão e a viúva, não pertencia ao povo da aliança.

Melquisedec, oriundo de lugar estrangeiro à promessa, era sacerdote de uma religião cósmica do Deus altíssimo. O autor de Hebreus aponta seu sacerdócio como plenitude do sacerdócio²⁵.

Em Amós, declara-se que Deus cuidou também de outros povos, negando a exclusividade de Israel na economia salvífica: “Não sois para mim como os cuchitas, ó israelitas? - Oráculo de Iahweh -.Não fiz Israel subir da terra do Egito, os filisteus de Cáftor e os arameus de Quir? ”²⁶

²⁰ Cf. *ibid.*, p.27.

²¹ Cf. *ibid.*, p.31.

²² Cf. 1Pd,3,20-21.

²³ Cf. Hb 11,4.

²⁴ Cf. Gn 5,22-24; Eclo 44,16; Jd 14-15; Hb 11,5-7.

²⁵ Cf. Gn 14,18-20; Hb 7,1-14.

²⁶ Am 9,7.

Nos textos veterotestamentários, o estrangeiro não é excluído do projeto de Deus apesar de não fazer parte da aliança. Na verdade, a promessa da aliança se estende a todos os povos que serão abençoados na descendência de Abraão²⁷. Além disso, nos livros proféticos, Israel torna-se luz para as nações²⁸.

No Evangelho de Mateus, Jesus critica as cidades da Galileia por sua infidelidade fazendo uma comparação das mesmas com cidades pagãs que não tiveram a oportunidade de ver e conhecer as obras de Deus realizadas em seu nome²⁹. Também elogia a fé do centurião que crê no poder de sua palavra para curar seu criado³⁰ e a fé da cananéia que se humilhou para obter a expulsão do demônio que possuía sua filha³¹. Em Marcos, o primeiro a reconhecer Jesus como filho de Deus foi o centurião ao pé da cruz³². Em Lucas, é paradigmaticamente apresentado o bom samaritano como figura do santo pagão que corre em resgate dos que necessitam. Em João, temos a conversa de Jesus com a samaritana à beira do poço. Assim, o Cristo cumpre a profecia de Isaías: “Eu te constituí como aliança do povo, como luz das nações”³³.

Revela-se um crescente apreço pelos povos pagãos no livro dos Atos dos Apóstolos. Como exemplo, pode-se mencionar o polêmico caso do Batismo de Cornélio no qual Pedro recebe a mensagem de não se dever chamar de impuro o tornado puro por Deus com relação ao caso dos povos pagãos³⁴. Paulo e Barnabé até chegam a parar de anunciar o evangelho ao povo eleito em favor dos pagãos em face da resistência daqueles à mensagem cristã, causando grande alegria aos não-judeus³⁵.

Na Epístola de São Paulo aos Romanos, o autor afirma a ocorrência da justificação de Abraão anterior à circuncisão, ou seja, Abraão foi justificado antes de selar a aliança da circuncisão³⁶. E, ainda mais, a aliança foi selada em vista da fé que o justificou aos olhos de Deus. E tudo isto, quando ainda era pagão. Na mesma epístola, o autor afirma o fato de todos terem pecado³⁷ sem exceção. Disto pode-se inferir que o povo da aliança em nada é superior ao povo pagão. Continuando o raciocínio da epístola, não é o ouvinte da lei que será absolvido,

²⁷ Cf. Gn 22,18.

²⁸ Cf. Ez 36,23; Is 2,2-4;42,6; 49,6.

²⁹ Cf. Mt 11, 20-24; Lc 10,12-15.

³⁰ Cf. Mt 8,5-13.

³¹ Cf. Mt 15, 21-28; Mc 7,24-30.

³² Cf. Mc 15,33-41;Mt 27,45-56; Lc 23, 44-49.

³³ Is 42,6.

³⁴ Cf. At 10,1-11,18.

³⁵ Cf. At 13,44-52.

³⁶ Cf. Rm 4,1-12.

³⁷ Cf. Rm 5,12.

mas o seu cumpridor³⁸. Participar da aliança não é conhecê-la, mas cumpri-la. Os pagãos possuem um bom senso natural a chamar ao cumprimento da lei, daí se concluindo que todos são chamados a tomar parte na aliança.

Portanto, no Novo Testamento, há uma universalização da aliança que passa de ser algo exclusivo de um povo para um pacto entre Deus e toda a humanidade. Aplicando esta verdade ao adágio “Fora da Igreja não há salvação”, percebe-se o chamamento consciente ou inconsciente de todos à vida eclesial, à Qahal de Deus.

2.2.2 Antecedentes patrísticos

Nos primeiros séculos, a mensagem cristã ainda não tinha conseguido muitos adeptos, constituindo-se em minoria diante dos povos do mundo. Era desafiada a explicar sua proposta soteriológica, levando em conta a multidão dos não-cristãos. Em resposta a este desafio, os Padres da Igreja nascente propuseram uma teologia da história da salvação que abarcava toda a história da humanidade respondendo à questão da salvação dos milhares que viveram anteriormente à irrupção da mensagem cristã e dos que não viam razões para acolher tal mensagem para sua salvação³⁹.

Um dos reptos enfrentados pela comunidade cristã nascente nos primeiros séculos era o risco da ruptura pela heresia e pelo cisma. Muitos membros da Igreja eram tentados a abandoná-la⁴⁰. Assim sendo, uma das condições para se obter a salvação era a manutenção da unidade eclesial. Os hereges e cismáticos inevitavelmente encontravam condenação por cometerem o pecado de quebrar a unidade eclesial. Isto pode ser confirmado nos textos abaixo:

Isso não significa que encontrei divisão entre vós, mas o que encontrei foi pureza. Com efeito, todos aqueles que são de Deus e de Jesus Cristo, esses estão também com o bispo. Aqueles que, arrependendo-se, vierem para a unidade da Igreja, serão também de Deus, para que sejam vivos segundo Jesus Cristo. *Não vos enganeis, meus irmãos. Se alguém segue a um cismático, não herdará o Reino de Deus. Se alguém caminha fora da Igreja, esse não participa da paixão do Senhor*⁴¹.

Apresentando todos os que introduzem doutrinas ímpias sobre Deus que nos criou e modelou, que criou este mundo, sobre o qual não existe outro Deus, e refutando, com seus próprios argumentos, os que ensinam o falso sobre a natureza de nosso Senhor e a economia que atuou em prol do homem, sua criatura, demonstramos, ao mesmo tempo, a constante identidade da

³⁸Cf. Rm 2,13-14.

³⁹ Cf. SESBOÜÉ, Fuera de la Iglesia no hay salvación, p.40.

⁴⁰ Cf. ibid., p. 40-41.

⁴¹ INÁCIO DE ANTIOQUIA, Inacio aos filadelfos 3,1-3. Tradução da edição em espanhol e itálico nossos.

pregação da Igreja, em todo o mundo, da doutrina à qual dão testemunho os profetas, os apóstolos e todos os discípulos. Foi isso que mostramos, englobando o princípio, o meio e o fim, isto é, a totalidade da economia de Deus e da sua ação infalivelmente ordenada à salvação do homem e a estabelecer a nossa fé. E nós guardamos fielmente, com cuidado, pela ação do Espírito de Deus, esta fé que recebemos da Igreja, como depósito de grande valor em vaso precioso, que se renova e renova o próprio vaso que a contém.

Este dom de Deus foi confiado à Igreja, como o sopro de vida inspirado na obra modelada, para que sejam vivificados todos os membros que o recebem. É nela também que foi depositada a comunhão com o Cristo, isto é, o Espírito Santo, penhor de incorrupção, confirmação da nossa fé e escada para subir a Deus. Com efeito, “Deus estabeleceu apóstolos, profetas e doutores na Igreja”, e todas as outras obras do Espírito, das quais não participam todos os que não acorrem à Igreja, privando-se a si mesmos da vida, por causa de suas falsas doutrinas e péssima conduta. *Onde está a Igreja, aí está o Espírito de Deus, e onde está o Espírito de Deus ali está a Igreja e toda a graça. E o Espírito é Verdade. Por isso, os que se afastam dele e não se alimentam para a vida aos seios da Mãe, não recebem nada da fonte puríssima que procede do corpo de Cristo, mas cavam para si buracos na terra como cisternas fendidas e bebem a água pútrida de lamaçal; fogem da Igreja por medo de serem desmascarados e rejeitam o Espírito para não serem instruídos*⁴².

Outro desafio proposto ao cristianismo no quesito da salvação da humanidade é sua aparição tardia. Como anunciar a salvação de todos, após um número indeterminado de indivíduos terem caminhado durante séculos sobre a face da terra? Os padres da Igreja elaboraram uma teologia da história na tentativa de responder a estes questionamentos.

Justino de Roma responde esta interrogação aos judeus e aos pagãos. Aos judeus, lembra dos homens santos do Antigo Testamento⁴³. Na resposta aos pagãos, Justino considera a existência de uma revelação incompleta e parcial pela participação do gênero humano no Verbo divino graças à sua semente presente em toda a raça humana e assim associa os filósofos pagãos ao cristianismo⁴⁴.

Ireneu de Lião foi o primeiro teólogo a desenvolver uma doutrina da história da salvação cujo problema é uma questão universal. Segundo ele, o desígnio salvador da Trindade atua desde a criação. Desde sempre, o Verbo é o revelador do Pai e foi agente das quatro alianças sucessivas com Noé, Abraão, Moisés e Jesus Cristo. Pela teologia da recapitulação em Cristo responde à questão de como Cristo pode salvar todos os que lhe precederam, estendendo o alcance da salvação de Deus a toda a humanidade, conforme o texto abaixo:

⁴² IRENEU DE LIÃO, *Contra as Heresias* 3,24,1. Itálico nosso.

⁴³ JUSTINO DE ROMA, *Diálogo com Trifão* 23,1 *apud* SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p.42. Tradução nossa.

⁴⁴ Idem., *Primeira Apologia* 46,1-4 *apud* SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p.42-43. Tradução nossa.

Cristo não veio somente para os que creram nele no tempo de Tibério César; e o Pai não exerceu somente a sua providência para os homens de então, mas para todos os homens que desde o início, segundo as suas capacidades e seus tempos, temeram e amaram a Deus, praticaram a justiça e a bondade para com o próximo, desejaram ver o Cristo e ouvir a sua voz. Na sua segunda vinda acordará e porá todos estes homens de pé diante dos outros que serão julgados e os estabelecerá em seu reino. Único é o Deus que conduziu os patriarcas nas suas economias e “justificou os circuncisos em vista da fé e os incircuncisos pela fé”. Nós éramos prefigurados e anunciados nos primeiros e eles serão representados em nós, isto é, na Igreja, e recebem o salário das suas fadigas⁴⁵.

Clemente de Alexandria, predecessor de Orígenes, formulador do adágio no Oriente, defendia que Deus deu a lei aos bárbaros e a filosofia aos gregos. Assim como a lei é uma aliança de Deus com os bárbaros, a filosofia é uma aliança de Deus com os gregos. “O tão somente e único foi conhecido pelos gregos de modo pagão, pelos judeus de modo judeu, e por todos de um modo novo e espiritual”⁴⁶. Clemente também acreditava na descida aos infernos, interpretando-a de modo mais amplo que Ireneu de Lião. Cristo pregou nos infernos a todos os homens de boa vontade que o precederam⁴⁷. Se os apóstolos pregaram tanto a pagãos quanto a judeus, seu mestre não poderia ter feito diferente nos infernos.

Tertuliano, que influenciou Cipriano de Cartago, o inventor do adágio “Fora da Igreja não há salvação” no Ocidente, era otimista sobre a propagação do Evangelho⁴⁸. Considerava a ignorância de Cristo como rejeição culpável por parte da liberdade humana. Para ele, a alma dispõe de meios para conhecer a existência de um Deus pessoal, bom, benfeitor e justo juiz, criador de todas as coisas. Este testemunho da alma cristã é preferível à filosofia com a qual era muito severo. Suas reflexões encontram-se muito próximas do encontrado na epístola aos hebreus: “Pois aquele que se aproxima de Deus deve crer que ele existe e que recompensa os que o procuram”⁴⁹.

Os cristãos dos primeiros séculos não tinham a menor intenção de julgar ou condenar os que não haviam entrado na Igreja. A única exceção eram os judeus que rejeitaram Cristo. Neste período, as fronteiras entre cristãos e não cristãos estão em rápido movimento. Há um

⁴⁵ IRENEU DE LIÃO, *Contra as Heresias* 4,22,2.

⁴⁶ CLEMENTE DE ALEXANDRIA, *Stromata* 6,5 *apud* SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p.47. Tradução nossa.

⁴⁷ SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p. 47-48.

⁴⁸ Cf. TERTULIANO, *Contra os judeus* 7 *apud* SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p.48. Tradução nossa.

⁴⁹ Hb 11,6.

otimismo em função da rápida expansão da mensagem cristã a perceber os outros como cristãos em esperança⁵⁰.

2.3 O adágio na era patrística

Aquele que ousa interpretar o adágio “Fora da Igreja não há salvação”, incorre em alguns perigos. O primeiro deles é arrancar a frase de seu contexto e dar-lhe uma interpretação mais ampla do que a dada pelo autor que a formulou e, por exemplo, criar uma imensa massa de condenados jamais imaginados na criação do adágio. Outro risco é considerar somente o texto como constituinte de todo o pensamento do autor sobre aqueles que conhecem ou desconhecem a Igreja⁵¹. Do surgimento do adágio até o período medieval e, ainda, depois os dois riscos apresentaram, gradativamente, suas consequências e deixaram sua marca na história da Igreja.

A aparição da fórmula “Fora da Igreja não há salvação” ocorreu no século terceiro da era cristã. Os responsáveis pela formulação são Orígenes no Oriente e Cipriano de Cartago no Ocidente. Inspira-se no relato do dilúvio cuja interpretação pelos Padres sugere a irrupção de uma nova humanidade nas águas do Batismo.

Noé torna-se figura de Cristo Salvador, novo Adão, enterrado na arca como Cristo foi enterrado na tumba. A história do dilúvio, um relato de morte, ressurreição e de uma nova criação, é testemunha do Batismo de regeneração. As oito pessoas salvas do dilúvio lembram o oitavo dia da ressurreição enquanto a arca de Noé se desvela como figura da cruz flutuando no duplo simbolismo da água: fonte de vida e agente da morte. O pecado tem sua imagem no corvo que vai e não volta mais. Já a pomba simboliza a que virá sobre Cristo. A situação na arca que caminha do conflito entre animais puros e impuros, mansos e ferozes para um novo paraíso terreno.

O primeiro a formular o adágio “Fora da Igreja não há salvação” foi Orígenes, no Oriente. Ele também afirma a descida de Cristo aos infernos como acontecimento de uma pregação salvífica. Afirma que Deus se preocupa desde cedo com a salvação de todo o gênero humano, respondendo à acusação de Celso de que o cristianismo anuncia uma preocupação privilegiada de Deus com os cristãos. Deus pode atuar inclusive a partir das práticas mágicas dos sacrifícios ou da adivinhação paga. No comentário da história da tomada de Jericó por Josué, ele toma a casa de Raab como figura da Igreja. Os judeus são convocados a entrar nela

⁵⁰ Cf. SESBOÜÉ, Fuera de la Iglesia no hay salvación, p. 49-50.

⁵¹ Cf. *ibid.*, p. 59-60.

para alcançar a salvação. Nela também se encontra o sangue redentor. Dois casos específicos sobre salvação são tratados no texto. O primeiro refere-se aos que se recusam entrar na Igreja e o segundo aos que se afastam dele pela heresia ou cisma. Contudo, o texto não fala de salvação dos não cristãos como pode se verificar abaixo:

Assim pois, se alguém quer se salvar, que venha a esta casa da outrora prostituta. Quem deste povo quer salvar-se venha a esta casa para alcançar a salvação. Venha à casa em que está o sangue de Cristo como sinal de redenção [...] Ninguém, pois, crie ilusões, ninguém se engane a si mesmo. Fora desta casa, é dizer, fora da Igreja, não se salva ninguém. Porém se alguém sai dela, ele mesmo é culpado de sua morte. É aí que se encontra o sinal de sangue, pois é aí onde se encontra a purificação que se leva a cabo pelo sangue⁵².

O primeiro a apresentar o adágio “Fora da Igreja não há salvação” no Ocidente foi Cipriano de Cartago. Influenciado por Tertuliano, insiste na capacidade natural de todos conhecerem a Deus e no testemunho da alma. Seu discurso para com os pagãos era benévolo e positivo, pois pretendia devolver o bem da salvação pelo mal recebido. Insiste na penitência e na fé e não na pertença à Igreja que nem sequer menciona. Convida claramente à conversão à fé cristã que implica na entrada na Igreja. A afirmação principal é escatológica: a vida eterna do reino está ao alcance de todos os pagãos que se converterem.

O adágio “Fora da Igreja não há salvação” para Cipriano de Cartago se refere aos hereges e cismáticos que se separam da Igreja, privando-se das recompensas de Cristo, conforme os textos abaixo:

Não pode ter a Deus por pai quem não tenha a Igreja por mãe. Se pudesse escapar algum que estivera fora da arca de Noé, escapará também quem estiver fora da Igreja.... Esta é a advertência do Senhor: “Quem não está a meu favor, está contra mim, e quem não ajunta comigo, dispersa”⁵³.

O que se separa da Igreja e se une a uma adúltera se aparta das promessas da Igreja, e não alcançará os prêmios de Cristo quem abandona a Igreja de Cristo. É um estranho, um profano, um inimigo⁵⁴.

Que ninguém remova ao Evangelho de Cristo cristãos como vós, que ninguém colha à Igreja filhos da Igreja, que só pereçam estes que tenham querido perecer, e que fiquem fora da Igreja só os que tenham se separado da Igreja⁵⁵.

É manifesto que os que não estão na Igreja de Cristo figuram entre os mortos e que não pode receber a vida o que não está vivo ele mesmo⁵⁶.

⁵² ORÍGENES, Homilias sobre Josué 3,5 *apud* SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p.54. Tradução nossa.

⁵³ CIPRIANO, Tratado sobre a unidade da Igreja Católica 6. Tradução nossa da edição em espanhol.

⁵⁴ Ibid. Tradução nossa da edição em espanhol.

⁵⁵ Idem., Carta 43,5. Tradução nossa da edição em espanhol.

⁵⁶ Idem., Carta 71,1. Tradução nossa da edição em espanhol.

Lactânncio era um rétor africano convertido ao cristianismo que viveu entre os séculos terceiro e quarto. Recebeu dos humanistas o título de Cícero cristão. Sua principal obra, *Instituições divinas*, expõe a fé e faz apologia contra o paganismo. Nela encontra-se o seguinte desenvolvimento:

Alguns, seduzidos pelos oráculos dos falsos profetas [...] saíram fora da doutrina de Deus e abandonaram a verdadeira tradição. [...] Chamem-se frígios, ou novacianos, ou valentinianos, ou marcionitas, ou antropianos ou de qualquer outro modo, têm deixado de ser cristãos aqueles que, uma vez perdido o nome de Cristo, revestiram-se com denominações humanas e exteriores. Só a Igreja católica que guarda um culto verdadeiro. Ela é a fonte da verdade; ela é o domicílio da fé; ela é o templo de Deus: *se alguém não entra nela ou sai dela, é um estranho à esperança da vida e da salvação*. Ninguém deve gloriar-se de uma discussão obstinada. Pois se trata da vida e da salvação⁵⁷.

No século quarto, o cristianismo passou de religião perseguida a religião oficial do império romano. No império, ninguém podia ignorar sua presença. Isto coloca os cristãos frente a uma nova situação histórica diante dos numerosos pagãos que continuam seguindo suas religiões e dos judeus que rejeitam a mensagem cristã. Isto levanta uma nova questão aos escritores cristãos: Se a fé é um bem, por que não se derramou a graça sobre todos?⁵⁸ Gregório de Nissa responde a esta gravíssima questão afirmando que Deus propõe a salvação a todos, mas nem todos a acolhem. O problema do não acolhimento da fé passa pelo livre arbítrio do ser humano. Assim, o adágio “Fora da Igreja não há salvação” passa a ser aplicado tanto aos judeus quanto aos pagãos em vista da possibilidade de acolhida da mensagem cristã por todos mediante a sua oficialização no império.

Jerônimo, grande perseguidor das heresias de seu tempo, defende com ardor a necessária comunhão com a cátedra de Pedro. Até a comunhão eucarística de nada vale fora da Igreja católica. Ensina claramente que a Igreja é o caminho da salvação, pois não há salvação fora de Cristo, o único mediador. E a Igreja é a montanha de Cristo, conforme texto abaixo:

Nós compreendemos que não haverá salvação para todos que estejam fora da montanha de Jesus Cristo; que a Igreja despovoará de malvados, lobos, leões, leopardos, serpentes e outras feras o mundo inteiro [...] que, para a maior felicidade de todos, esta cidade santa será amorada não só dos homens, senão também das feras e das serpentes, a fim de que [...] o lobo habite com o cordeiro, etc. A causa de tamanha felicidade é que o mundo inteiro estará cheio da ciência do Senhor⁵⁹.

⁵⁷ LACTÂNCIO, *Instituições divinas* 4,30 apud SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p.60. Tradução nossa.

⁵⁸ Cf. SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p. 63.

⁵⁹ JERÔNIMO, *Comentário sobre o livro de Isaías 18,65,23/25* apud SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p.62. Tradução nossa.

Conforme Sesboüé, Ambrósio de Milão também afirma a perspectiva universal da salvação e a razão pela qual não alcança a todos ao comentar o salmo 118 e referindo-se à palavra evangélica do sol que Deus faz brilhar tanto sobre os maus como os bons⁶⁰:

O sol tem ordem de sair para todos, o que ocorre efetivamente. Sai, em efeito, para todos no sentido místico o sol de justiça, que tem vindo para todos, que tem sofrido por todos, que tem ressuscitado para todos, e que não tem sofrido mais que para remover o pecado do mundo [...]. Agora, bem, se alguém não tem fé em Cristo, priva-se ele mesmo deste benefício geral; se alguém, fechando sua janela, impede a entrada dos raios de sol, não se pode dizer que o sol haja saído para todos, pois este tem se subtraído a seu calor⁶¹.

Os Padres da Igreja no século IV afirmavam em primeiro lugar: judeus e pagãos que viveram antes de Cristo puderam ter acesso à salvação. Em segundo lugar, os cristãos que se separam da Igreja por heresia ou cisma ficam excluídos da salvação certamente e, em terceiro lugar, o Axioma “Fora da Igreja não há salvação” se aplica tanto aos pagãos quanto aos judeus, porque todos têm a possibilidade de acolher a mensagem de Cristo por causa da oficialização do cristianismo no império.

Para compreender bem o pensamento de Agostinho de Hipona sobre o adágio “Fora da Igreja não há salvação”, dois polos devem ser levados em conta: A consideração da salvação da humanidade e a controvérsia concreta com os hereges⁶².

Para Agostinho, a questão da salvação da humanidade passa por dois tempos diferentes. O primeiro, antes de Cristo, que vai do justo Abel até Cristo, por causa do atraso da vinda de Cristo, todos podem ser membros do corpo de Cristo. Isto estabelece uma diferença entre Igreja visível e invisível. O segundo, após a vinda de Cristo, que vai de Cristo até nossos dias, Agostinho toma uma posição severa com judeus e pagãos. Considera sua total exclusão da salvação baseado na difusão da Igreja por todo o mundo conhecido. Com isto, a rejeição da mensagem cristã passa a ser uma pertinaz rejeição a Cristo que implica em condenação. Surge uma identidade entre Igreja visível e invisível.

O segundo polo, a controvérsia concreta contra os hereges, é um tema caro aos padres da Igreja, pois considera-se a heresia um pecado contra a unidade da Igreja tendo como consequência a perda da vida no Espírito. Por causa disto não pode haver verdadeira caridade nos cismáticos e seus sacramentos, apesar de válidos, são ineficazes salvificamente. Contudo a questão se torna mais complexa se analisarmos a situação dos hereges na época de Agostinho. Havia duas categorias de herege: os formais e os materiais. Os hereges formais

⁶⁰ SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p.63-64.

⁶¹ AMBRÓSIO DE MILÃO, *Exposição sobre o salmo 118*, 8.57 *apud* SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p.64. Tradução nossa.

⁶² Cf. SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p. 64-65.

eram os responsáveis pela ruptura na Igreja enquanto os materiais eram os nascidos naquela situação de ruptura. Contudo a pertença ou não pertença à Igreja, deve-se entender como pertença de coração e não de corpo, conforme o trecho abaixo:

Por isso, pode acontecer que alguns dos batizados fora da Igreja sejam considerados, mediante a presciência de Deus, mais justamente como batizados dentro, já que ali começou a água a ser-lhes proveitosa para a salvação; pois não pode dizer-se que hajam sido salvos de outra maneira senão pela água. E, por vez, outros, que pareciam estar batizados dentro, mediante a mesma presciência de Deus sejam considerados mais justamente como batizados fora; já que ao usarem mal do batismo, morrem pela água; o que não se sucedeu a ninguém, senão aos que estavam fora da arca. É certamente evidente que as expressões “dentro da Igreja” e “fora da Igreja” devem entender-se de coração e não de corpo; já que quantos estão dentro com o coração se salvam na unidade da arca por meio da mesma água, mediante a qual quantos estão fora com o coração – estando ou não com o corpo –, perecem por serem adversários da unidade⁶³.

O pensamento de Agostinho marca uma radicalização vigorosa e uma primeira generalização do adágio “Fora da Igreja não há salvação”, conforme Sesboüé⁶⁴. Dois pontos são particularmente graves: a incapacidade de considerar um possível vínculo salvífico com Cristo naqueles que não pertencem à instituição visível da Igreja e a tendência a considerar cada vez menos a responsabilidade pessoal do sujeito na sua salvação.

Fulgêncio de Ruspe, grande discípulo de Agostinho, adversário do arianismo e do pelagianismo, retomou a doutrina da graça e da predestinação restrita. Seu tratado “Sobre a fé e sobre a regra da verdadeira fé ao diácono Pedro” foi muito utilizado durante a Idade Média por ter sido incluído entre as obras de Agostinho. Nele, recupera-se a posição de Agostinho sobre a ausência de todo fruto no Batismo dos hereges e cismáticos e estende as condenações dos hereges e cismáticos aos pagãos e judeus. Não há mais exceções ao adágio “Fora da Igreja não há salvação”. Todos que são estranhos materialmente à Igreja católica estão condenados. O adágio sai de seu contexto original e se radicaliza.

Os primeiros documentos sobre o adágio “Fora da Igreja não há salvação” publicados pelo que viria a ser chamado de magistério da Igreja no século dezenove datam do século quinto ou sexto. É conhecida uma lista de cento e quatro cânones com o título de Antigos Estatutos da Igreja, supostamente atribuídos ao concílio de Cartago no ano de 398 d.C. consagrado a diversos pontos da doutrina eclesiástica. Em seu primeiro cânon, o documento rememora as condições de legitimidade da ordenação de um bispo. Além das qualidades pessoais, morais e intelectuais, o candidato ao episcopado deve confessar a verdadeira fé que inclui, na parte

⁶³ AGOSTINHO DE HIPONA, Tratado sobre o Batismo 5, 28.39. Tradução nossa da edição em espanhol.

⁶⁴ SESBOÜÉ, Fuera de la Iglesia no hay salvación, p.74.

consagrada à Igreja e aos sacramentos, a afirmação “Fora da Igreja ninguém se salva”. A relevância deste documento consiste na inserção do adágio em um formulário de fé no coração da África marcada por Agostinho ao longo dos séculos quinto e sexto da era cristã. Esta inserção do adágio revela a crença comum de sua pertença à fé da Igreja.

Pelágio II, no ano 585 ou 586 d.C., em uma carta aos bispos cismáticos de Ístria, recorda-lhes a necessidade de comunhão com a sé romana por meio de diversos textos de Cipriano de Cartago sobre a unidade da cátedra de Pedro. Entre estes, incluem-se algumas das expressões mais fortes sobre a impossibilidade dos mártires cismáticos de receber a coroa da fé, conforme se segue:

Não podem permanecer com Deus aqueles que quiseram viver em unanimidade na Igreja de Deus: e mesmo se arderem levados a ferro e fogo ou derem a própria vida jogados aos animais ferozes, tal coisa não será a coroa da fé, mas o castigo da infidelidade; nem será a chegada gloriosa, mas a perdição desesperada. Uma tal pessoa pode ser morta, ser coroada não pode⁶⁵.

O crime do cisma é pior que o daqueles que sacrificaram <aos deuses>; estes, de fato, uma vez constituídos penitentes por seu crime, suplicam a Deus com pleníssimas satisfações. Lá se procura e se pede à Igreja, aqui se faz oposição à Igreja. Lá quem caiu causou dano somente a si, aqui quem tenta fazer um cisma engana a muitos, levando-os consigo. Lá há o dano de uma só alma, aqui perigo para muitos. <O penitente> compreende que decerto pecou, e lamenta e chora, o outro, inchando-se em seu pecado e comprazendo-se nas próprias culpas, separa os filhos da mãe, subleva as ovelhas contra o pastor, destrói os sacramentos de Deus e, enquanto o que caiu pecou uma só vez, este peca todo dia. Por fim, aquele que caiu, conseguindo mais tarde o martírio, pode receber as promessas do Reino; <mas> este, se for morto fora da Igreja, não pode chegar aos prêmios da Igreja⁶⁶.

O símbolo pseudo-atanasiano, o *Quicumque*, não menciona formalmente a Igreja, ocupando-se dos dogmas trinitário e cristológico, mas afirma com convicção implícita que a fé não pode ser vivida fora da Igreja católica, conforme o texto abaixo:

Todo o que quiser ser salvo, antes de tudo é necessário que mantenha a fé católica; se alguém não a conservar íntegra e inviolada, sem dúvida perecerá para sempre. [...]. Esta é a fé católica: se alguém não crer nela fiel e firmemente, não poderá ser salvo⁶⁷.

No XVI Concílio Provincial de Toledo, é conferida uma autoridade particular ao adágio “Fora da Igreja não há salvação”. A profissão de fé deste concílio se inicia com uma expressão universal indeterminada: “Todos aqueles que agora de modo algum estão nela...”⁶⁸. Isto indica a qualquer pessoa de outra religião. A perda da salvação se explicita pela ameaça das

⁶⁵ DH 469.

⁶⁶ DH 469.

⁶⁷ DH 75.

⁶⁸ DH 575.

fogueiras infernais. Uma leitura incompleta pode conduzir a uma visão excludente visto que o texto se refere principalmente à condenação dos que se separam da Igreja, conforme pode-se ver no texto abaixo:

Todos aqueles que agora de modo algum estão nela, ou nela não estarão, ou se afastaram ou dela se afastarão, ou que, pelo mal da incredulidade, negam que nela os pecados são remitidos, se não retornarem a ela com o auxílio da penitência e não tiverem crido sem sombra de dúvida todas as afirmações que o sínodo de Nicéia ..., a reunião de Constantinopla ... e a autoridade do primeiro Concílio de Éfeso decidiram aceitar e que a vontade unânime dos santos Padres em Calcedônia ou dos outros Concílios, ou também de todos os venerandos Padres que viveram retamente na santa fé prescrevem observar, <todos eles> serão sancionados com a condenação à punição eterna e, no fim do tempo, serão queimados com o diabo e os seus asseclas em fogueiras vomitando chamas⁶⁹.

Ao final da época patrística dois pontos devem ser considerados para a avaliação do adágio “Fora da Igreja não há salvação”⁷⁰. O primeiro é a progressiva extensão de sua aplicação. Na Igreja nascente, o adágio condenava apenas os hereges e cismáticos, vendo com boa fé os não cristãos, com exceção dos judeus. Era um período de grandes expectativas com relação à divulgação da mensagem cristã em grande expansão. Quando o cristianismo se tornou a religião oficial do império, ela considerou que aqueles que ouviram sua mensagem e não entraram em suas fileiras o fizeram por rejeitar a mensagem cristã. Então, o adágio passou a se dirigir aos judeus e pagãos que viviam no império romano. Com Agostinho de Hipona, passou a englobar os pagãos que não conheciam o Evangelho. Com Fulgêncio de Ruspe e os primeiros documentos conciliares se tornou um princípio geral.

O segundo ponto consiste no grau de autoridade que corresponde ao adágio em virtude de seu uso tradicional e magisterial posterior. Essencialmente, o adágio é um fato da tradição e o magistério não está em questão, surgindo somente no final do período patrístico como garantia de uma convicção que já é posse tranquila de toda a Igreja. Contudo um fato da ordem da tradição exige interpretação. Sua hermenêutica é mais delicada que uma afirmação magisterial clara. Não existe autoridade absoluta nos testemunhos desta tradição. Esta afirmação do adágio deve ser compreendida no conjunto de toda a fé, não podendo bastar-se a si mesma.

Dois elementos de verdade devem ser considerados na interpretação do adágio “Fora da Igreja não há salvação”⁷¹. O primeiro consiste no fato indiscutível de que toda salvação vem de Cristo e que a Igreja possui um papel essencial na comunicação desta salvação. Cristo sempre

⁶⁹ DH 575.

⁷⁰ Cf. SESBOÜÉ, Fuera de la Iglesia no hay salvación, p. 79-80.

⁷¹ Cf. SESBOÜÉ, Fuera de la Iglesia no hay salvación, p. 84.

chega aos seres humanos por meio de seu corpo. Sendo a Igreja este corpo, ela é sua presença no mundo. Então a única maneira de se salvar era compreendida como pertença sacramental e visível à Igreja pelos escritores cristãos. Não se deve esquecer as origens do adágio para os que abandonavam a Igreja de maneira culpável.

O segundo elemento de verdade é a acolhida livre e responsável da salvação proposta por Cristo. Somente se condena aquele que rejeita esta oferta de salvação de forma fundamental. Este elemento se converteu em um pressuposto implícito até ser esquecido. Segundo Sesboüé, aqui deve-se reconhecer um excesso injustificável no passo dado por Agostinho sobre os pagãos que desconhecem a mensagem do Evangelho⁷². Portanto, sua influência recapitulada por Fulgêncio de Ruspe e atribuída a ele, desempenharam um papel de bastante peso na reflexão teológica medieval que será desenvolvida a seguir.

2.4 Magistério medieval

Após a fixação do adágio “Fora da Igreja não há salvação” na tradição durante a era patrística, ocorre sua passagem dos escritos teológicos aos concílios e declarações pontificias. Na Idade Média, a Igreja identifica-se cada vez mais com a Igreja romana, passando a exigir a obediência em vez da comunhão com o bispo de Roma.

No período medieval, devido à fixação da tradição, não é significativa a contribuição teológica com relação ao adágio⁷³. Por isso, concentrar-se-ão os esforços na apresentação de alguns documentos magisteriais e na teologia de Tomás de Aquino que gozava de grande prestígio durante o período do concílio de Florença.

O sínodo de Quiercy em 853 condenou a teoria da dupla predestinação de Gotschalk que defendia a predestinação de uns para a vida eterna e de outros para a condenação. A Igreja sempre defendeu a vontade salvífica universal de Deus conforme a teoria das duas vontades divinas de João Damasceno na qual a salvação universal era a vontade de Deus originalmente e castigar os maus por justiça se tornou a vontade divina após o ato da liberdade humana. Seguem abaixo os textos dos terceiro e quarto capítulos do sínodo:

Cap. 3. Deus onipotente “quer que todos os homens” sem exceção “se tornem salvos” [1Tm 2,4], embora nem todos sejam salvos. Que alguns sejam salvos é dom daquele que salva; que alguns ao contrário se percam é culpa dos que se perdem⁷⁴.

⁷² *ibid.*

⁷³ Cf. *ibid.*, p. 87.

⁷⁴ DH 623.

Cap. 4. Como não há, não houve, nem haverá homem algum cuja natureza não foi assumida por Cristo Jesus, nosso Senhor, assim não há homem algum, não houve, nem haverá pelo qual ele não tenha sofrido; todavia nem todos são salvos pelo mistério de seu sofrimento. Que, porém, nem todos sejam salvos pelo mistério do seu sofrer, não diz respeito à grandeza e plenitude do preço do resgate, mas à parte dos infiéis e dos que não crêem com aquela fé “que opera mediante o amor” [Cl 5,6]; pois o cálice da salvação humana que foi preparado por nossa fragilidade e pela força divina, tem de certamente ser útil a todos; mas, se não for bebido, não cura⁷⁵.

Na bula *Unam Sanctam* de 1302, Bonifácio VIII exclui todo o cristianismo ortodoxo da salvação ao afirmar o papa como cabeça da Igreja e a pertença à Igreja Romana sob a autoridade do papa como condição para a salvação.

Instados pela fé, somos obrigados a crer e a afirmar que há uma só Igreja, santa, católica e que esta mesma é apostólica, e com firmeza cremos e sinceramente confessamos que fora dela não há nem salvação nem remissão dos pecados...; e ela representa um só corpo místico, e deste corpo a cabeça é Cristo, e a de Cristo é Deus. Nela há “um só Senhor, uma só fé e um só batismo” [Ef 4,5]. Uma só foi, ao tempo do dilúvio, a arca de Noé, prefigurando uma só Igreja; e com um arremate de um só côvado, ela teve um só timoneiro e dirigente, isto é, Noé; e fora dela, lemos, todo ser vivo sobre a terra foi destruído⁷⁶.

A uma e única Igreja, portanto, tem um só corpo, uma só cabeça – não duas, como um monstro-, a saber, Cristo e o vigário de Cristo, que é Pedro e o sucessor de Pedro; pois o Senhor disse ao mesmo Pedro: “Apascenta as minhas ovelhas” [Jo 21,17]. “Minhas”, ele disse, e de modo geral, não singularmente estas ou aquelas: por isto se entende que todas lhe foram confiadas. Quando, portanto, os gregos e outros dizem que eles não foram confiados a Pedro e a seus sucessores, é necessário que eles declarem não pertencer às ovelhas de Cristo, dado que o Senhor diz em João: “um só rebanho, um só e único pastor” [Jo 10,16]⁷⁷.

E, declaramos, enunciamos, definimos que, para toda humana criatura, é necessário para a salvação submeter-se ao Romano Pontífice⁷⁸.

O concílio de Florença, ocorrido de 1439 a 1445, coloca todo o peso de sua autoridade em uma fórmula que, essencialmente, procede de Fulgêncio de Ruspe. A bula *Cantate Domino*, datada de fevereiro de 1442, consiste em uma confissão de fé sem referência à liberdade pessoal na qual condenam-se formalmente todos que não pertencem visivelmente à Igreja Católica Romana, conforme se segue:

A Igreja crê firmemente, confessa e anuncia que “nenhum dos que estão fora da Igreja católica, não só os pagãos”, mas também os judeus ou hereges e cismáticos, poderá chegar à vida eterna, mas irão para o fogo eterno “preparado para o diabo e seus anjos” [Mt 25,41], se antes da morte não tiverem sido a ela reunidos; <ela crê> tão importante a unidade do corpo da Igreja, que só para aqueles que nela perseveraram os sacramentos da Igreja

⁷⁵ DH 624.

⁷⁶ DH 870.

⁷⁷ DH 872.

⁷⁸ DH 875.

trazem a salvação e os jejuns, as outras obras de piedade e os exercícios da milícia cristã podem obter a recompensa eterna. “Nenhum, por mais esmolas que tenha dado, e mesmo que tenha derramado o sangue pelo nome de Cristo, poderá ser salvo se não permanecer no seio e na unidade da Igreja católica”⁷⁹.

Contudo, a interpretação de um texto magisterial sempre deve ter em conta sua inserção em um lugar e momento da história⁸⁰. Para entender o significado deste documento em especial, existem duas pistas. Em primeiro lugar, sua fórmula drástica consiste na colocação de um princípio geral e abstrato, sendo tratado de maneira diferenciada na realidade concreta. Por outro lado, existe a questão da autoridade e infalibilidade dos concílios.

A meta do concílio de Florença era a reconciliação entre as Igrejas do Oriente e do Ocidente. Nesta situação concreta, a afirmação era bem diferente daquela apresentada na bula *Cantate Domino*. Na bula *Laetentur Caeli* sobre a união com os gregos, afirma-se a existência de dois ramos da Igreja: Oriental e Ocidental. Estes dois ramos vivem da maternidade da única Igreja que reconhece seus filhos em ambos os ramos. Portanto, a situação com relação a sujeitos concretos era realmente diversa da formalidade teórica.

O concílio de Florença cumpre com todos os requisitos para ser infalível: foi um concílio ecumênico, foi convocado conforme o direito e respeitou a liberdade de reunião e teve consentimento e confirmação papal⁸¹. Contudo as fórmulas da bula *Cantate Domino* não são infalíveis por não conterem a expressão “Em nome da santa Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, com a aprovação deste santo Concílio universal de Florença, nós definimos, para que por todos os cristãos seja crido e acolhido, e assim todos professem esta verdade de fé”⁸², presente na bula *Laetentur Caeli*.

O horizonte teológico precisa ser levado em conta para a interpretação adequada de uma afirmação magisterial. A teologia de Tomás de Aquino, que gozava de grande prestígio no período final da baixa Idade Média, restituiu o sentido do adágio “Fora da Igreja não há salvação” em um conjunto teológico racional, levando em conta outros aspectos da doutrina sacra.

Para o Aquinate, não há salvação sem Cristo. “Fora” significa “independentemente de”. É uma afirmação inerente à economia da salvação. Os dois focos da elipse se fazem mais uma vez presentes. As condições mínimas para a salvação de alguém estão descritas na epístola

⁷⁹ DH 1351.

⁸⁰ Cf. SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p. 110.

⁸¹ Cf. SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p. 105-106.

⁸² DH 1300.

aos hebreus: “Ora, sem a fé é impossível ser-lhe agradável. Pois aquele que se aproxima de Deus deve crer que ele existe e que recompensa os que o procuram”⁸³.

Ele estabeleceu uma distinção entre os que viveram antes e depois de Cristo. Os primeiros precisavam de uma fé implícita na divina providência enquanto os últimos necessitavam de uma fé explícita no mistério da Trindade. Considerando a liberdade e responsabilidade pessoal e a vontade salvífica universal de Deus, os homens de boa vontade que não conhecem o cristianismo e sua mensagem deveriam receber a ajuda excepcional por meio de um pregador para cumprir com o requisito da necessidade de fé explícita para a salvação.

Não se deve esquecer que a rejeição da mensagem cristã era considerada culpável por causa de sua divulgação em todo o mundo conhecido. Tomás coloca três tipos de infidelidade. O primeiro consiste na resistência à fé ainda não recebida. Nesta categoria encontram-se os pagãos. Os judeus apresentam resistência à fé recebida em figura pelo Antigo Testamento. A resistência à fé já recebida é cometida pelos hereges.

Tomás de Aquino conciliou a vontade salvífica universal de Deus e o adágio “Fora da Igreja não há salvação”. Em sua reflexão, estabeleceu matizes entre os diferentes casos de infidelidade, estabelecendo que a salvação passa pela Igreja e pelos sacramentos. Contudo, ainda exigia para a salvação uma fé explícita depois da vinda de Cristo. Isto somente mudaria com os grandes descobrimentos na modernidade.

2.5 Idade moderna

No século XVI, com o descobrimento do continente americano, a problemática do adágio “Fora da Igreja não há salvação” começou a sofrer uma reviravolta. Não era possível considerar culpável a não adesão ao cristianismo de populações inteiras que não tiveram a oportunidade de conhecê-lo até então. A pesquisa teológica teve grandes progressos. O magistério se manteve em silêncio sobre esta questão até ser necessário manifestar-se para acalmar os ânimos na discussão teológica.

A escola de Salamanca foi a primeira a trabalhar a questão do adágio à luz do descobrimento e da colonização da América pelos espanhóis. Três nomes merecem ser citados nesta dissertação: Francisco de Vitória, Melchior Cano e Domingo de Soto. Todos os três pretendiam permanecer fiéis à doutrina de Tomás de Aquino que se coloca entre a necessidade de uma fé explícita em Cristo para os que vivem após sua vinda e a vontade

⁸³ Hb 11,6.

salvífica universal de Deus que não deixa ninguém sem os meios necessários à salvação. O pensamento destes dominicanos tem como principal preocupação a relação de fé que une o ser humano a Cristo, único mediador.

Francisco de Vitoria observa que os aborígenes não podem ser condenados por pecado de incredulidade. Outros pecados mortais como sua idolatria podem conduzi-los à condenação. Se fazem o que podem com a graça de Deus concedida pela lei natural, a providência divina os iluminará no referente ao nome de Cristo.

Vitoria se apresenta como defensor do direito dos povos. Reprova a injustiça cometida contra os indígenas pelos colonizadores que lhes faziam guerra e escravizavam. Os colonizadores justificavam esta atitude com base no que havia sido feito aos muçulmanos. Francisco de Vitoria responde que são casos diferentes. Os índios não são obrigados a crer no Cristo após um primeiro anúncio que não foi feito de forma piedosa e conveniente para convencê-los.

Melchior Cano estabelece uma distinção entre justificação presente e salvação definitiva. Admite, em nome da vontade universal salvífica de Deus que quem nunca conheceu a Cristo pode receber a remissão dos pecados e a justificação como o que o antecederam, ou seja, poderiam ser justificados mediante uma fé implícita. Contudo, Cano nega que esta fé implícita seja suficiente para a salvação eterna, colocando novamente a necessidade da fé explícita para a salvação.

Domingo de Soto rejeita a solução de Cano e afirma audaciosamente que uma pessoa cuja ignorância da fé cristã não for culpável poderia ser justificada e salva pelo seu conhecimento natural de Deus, conforme está na Epístola aos Hebreus⁸⁴. Contudo, não ignorava que toda justificação passava pelo auxílio de uma graça sobrenatural. Apesar de seu arrependimento posterior, percebe-se em de Soto um avanço considerável na questão espinhosa da relação entre os novos descobrimentos e o adágio “Fora da Igreja não há salvação”.

Os teólogos franciscanos não experimentaram os mesmos escrúpulos com relação à teologia de Tomás de Aquino. Andrés Vega, também de Salamanca, defende a possibilidade da salvação de povos não evangelizados mediante uma fé implícita como era antes da vinda de Cristo. A obrigação do Batismo, conforme o Evangelho de João⁸⁵, impõe-se após o solene anúncio de pentecostes. Porém tal obrigação não se aplica até que o Evangelho tenha sido anunciado a todo o mundo e em cada cidade. À objeção do adágio “Fora da Igreja não há Salvação”, Vega responde que todo justificado está no interior da Igreja.

⁸⁴ Cf. Hb 11,6.

⁸⁵ Cf. Jo 3,5.

O teólogo holandês Albert Pigge, chamado Pighi, expôs formalmente a mesma tese de Vega em seu tratado “Sobre o livre arbítrio do homem e sobre a graça divina”. Este livro, contrário à tese de Calvino sobre a predestinação à condenação, tem como referência bíblica o caso do centurião Cornélio que encontrou graça diante de Deus em um tempo em que o Evangelho não havia sido pregado aos gentios. A fé de Cornélio era a mesma afirmada na Epístola aos Hebreus⁸⁶. Segundo ele, esta era a situação dos povos silvícolas antes da chegada dos missionários. Foi também o primeiro a defender a possibilidade de tal hipótese ser válida para certos turcos ou maometanos de boa fé.

No Concílio de Trento, não se fez uso do adágio “Fora da Igreja não há salvação”. O adágio era sustentado tanto pelos reformadores quanto pela tradição católica e não dava pretexto para conflitos. Os debates sobre a salvação das populações recentemente descobertas ainda estava longe de acabar. Num clima de controvérsia com os reformadores, o concílio de Trento emitiu um decreto sobre a justificação no qual ela é descrita como a passagem do estado de filhos do primeiro Adão ao estado de graça e adoção de filhos de Deus pelo segundo Adão, Jesus Cristo, nosso salvador⁸⁷. A recepção do Batismo ou o desejo dele vale para os que vivem depois da promulgação do Evangelho. Este decreto reserva o tempo dos judeus e dos pagãos como algo que faz parte de outra economia de salvação. Contudo, o concílio não precisa o termo “depois da promulgação do evangelho”.

O termo “depois da promulgação do Evangelho”, não precisado pelo concílio, deu espaço a duas interpretações possíveis. Primeiramente, entende-se por promulgação do Evangelho o período primeiro de evangelização a partir do evento pascal. O tempo da Igreja se instaura e a exigência do Batismo ou de seu desejo se tornam universais. Contrariamente, pode-se entender a expressão no sentido da efetividade local e temporal da pregação evangélica. Neste sentido, o tempo dos pagãos persiste enquanto a Igreja cresce. Os pagãos podem se salvar por meio do mistério de Cristo e da sua Igreja do mesmo modo que se salvaram os que viviam antes da vinda de Cristo.

Os primeiros teólogos jesuítas tinham uma posição particularmente interessante, derivada de suas primeiras experiências missionárias tanto no novo mundo quanto no extremo oriente. Suas posições teológicas foram influenciadas pelo descobrimento de populações e civilizações ante as quais desenvolveram esforços prodigiosos de inculturação.

⁸⁶ Cf. Hb 11,6.

⁸⁷ Cf. Rm 8,15.

O pensamento de Roberto Belarmino estava condicionado pela polêmica com os protestantes. Contra a tese de uma Igreja puramente invisível, cujos membros só Deus conhece, afirma a existência de uma Igreja visível cujos membros são conhecidos. Isto poderia levar a uma interpretação rígida da fórmula do concílio de Florença. Contudo, para Belarmino os elementos visíveis constituem mais que um corpo. A Igreja também tem uma alma que o teólogo identifica com os dons do Espírito Santo como a fé, a esperança e a caridade. São requeridos apenas os elementos visíveis para ser membro do corpo. Portanto, alguém pode ser membro do corpo da Igreja sem participar de sua alma e pode haver alguém que participe da alma da Igreja sem tomar parte em seu corpo. É a primeira vez que o desejo de pertencer à Igreja pode ser suficiente para a salvação. Também defende a tese segundo a qual a graça necessária à salvação se concede a todos de uma maneira mediata ou imediata, em algum momento ou lugar. Segunda tal tese, não é possível saber se a graça é concedida a todo momento. Porém, sempre será suficiente. Contudo, o teólogo se defronta com a afirmação da epístola aos romanos: “Mas como poderiam invocar aquele em quem não creram? E como poderiam crer naquele que não ouviram? E como poderiam ouvir sem pregador?”⁸⁸. Belarmino coloca que é possível conhecer a existência de Deus mediante as criaturas e assim chegar a uma fé implícita e ser conduzida a uma luz maior da fé, cuja natureza o teólogo se abstém de precisar.

Francisco Suárez prossegue com uma preocupação maior de dar conta da salvação dos povos recentemente descobertos e que nunca haviam ouvido a pregação do Evangelho. A seu modo de ver, Deus previu os meios necessários para a salvação destes povos. A necessidade da fé explícita para a salvação e do Batismo para ser membro da Igreja são disposições positivas de Deus e não necessidade intrínseca. Assim como a necessidade do Batismo pode ser suprida pelo desejo também a fé explícita pode ser suprida pelo desejo de tê-la. Estima que a fé em Deus é intrinsecamente necessária para a salvação enquanto que a fé explícita em Cristo não mais que uma disposição divina. Suárez se mostra mais realista que Belarmino ao colocar a iluminação divina em lugar do socorro extraordinário por um anjo ou missionário.

Michaël Du Bay, chamado Bayo, professor de Lovaina, ensinava um agostinismo extremo no âmbito da graça. Sua tese era severa com os não cristãos. Foi censurado pela Sorbonne, Alcalá e Salamanca. Foram extraídas de seus livros diferentes listas de proposições condenáveis que foram sintetizadas na bula *Ex Omnibus Afflictionibus* de Pio V que condenava setenta e nove proposições, entre as quais:

⁸⁸ Rm 10,14.

22. Pensam como Pelágio os que compreendem como referido aos gentios que não têm a graça da fé o texto do apóstolo aos romanos no <capítulo> segundo: “Os gentios, que não têm a lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei” [Rm 2,14]⁸⁹.

25. Todas as obras dos infiéis são pecados [26.] e as virtudes dos filósofos são vícios⁹⁰.

68.[65.] A falta de fé puramente negativa, <que existe> naqueles aos quais Cristo não foi pregado, é pecado⁹¹.

A crise jansenista, que ocupa metade do século XVII e todo o século XVIII, foi muito mais grave e duradoura do que a bayana. Cornelio Jansen, conhecido como Jansenio, seguia um agostinismo extremo. Falecido na paz da Igreja deu-se a conhecer pelo seu célebre livro póstumo, o *Augustinus*. Nele considerava que o pelagianismo e o semipelagianismo haviam retornado perigosamente ao seio da Igreja. Identificava a presença destas heresias particularmente na tese jesuíta sobre a graça e a salvação dos não cristãos. Enquanto os jesuítas refletiam sobre sua experiência missionária mundial, os jansenistas não queriam sair do horizonte de pensamento agostiniano. Jansenio estimava que os infiéis estavam excluídos de toda participação na graça e que Cristo morrera apenas pelos predestinados.

O mesmo procedimento de análise de proposições condenáveis foi conduzido contra os jansenistas cuja adesão extrema à letra das fórmulas agostinianas, levou-os a contradizê-las. Sua proposição de que Cristo não morreu por todos é formalmente herética por contradizer a vontade salvífica universal de Deus presente nas escrituras.

A primeira condenação não bastou para resolver a crise cujo desenvolvimento na França sob o reinado de Luis XIV e a influência que exerceu nos meios mais católicos são conhecidos. Em 1690, o papa Alexandre VII autorizou a publicação de um decreto do santo ofício no qual se condenava trinta e oito proposições jansenistas.

Ao condenar o jansenismo e a fórmula “Fora da Igreja não há graça”, o magistério romano reconhece que os não cristãos podem receber a graça que vem de Cristo. Se a graça está ordenada à salvação, é possível sustentar sua exclusão de toda salvação?

A crise jansenista não se apaziguou no século XVIII. O rigorismo da teologia francesa persistiu. Nesta época, o magistério romano era muito mais aberto que a teologia francesa. A Sorbone afirma em 1717 a necessidade da fé explícita em Jesus Cristo para a salvação. A assembleia dos bispos de 1720 interpretou a bula *Unigenitus* de forma muito restritiva e

⁸⁹ DH 1922.

⁹⁰ DH 1925.

⁹¹ DH 1968.

formulou um axioma que recorda a fórmula florentina. A condenação da proposição de Quesnel sobre a ausência da graça fora da Igreja foi reduzida ao mínimo por esta assembleia.

Os catecismos são uma boa referência para comprovação da doutrina ensinada. Sua autoridade não é magisterial, mas sua redação é bastante vigiada. Possuem um atraso com relação à investigação teológica, mas é instrutivo seguir sua evolução do século XVI até o final do século XVIII.

O catecismo de Pedro Canisio tem uma posição próxima à do concílio de Florença. Fora da comunhão com a Igreja católica não há salvação para os mortais. Canisio invoca o argumento de Cipriano de que quem não tem a Igreja por mãe, não tem a Deus por Pai. Sua preocupação era com os católicos tentados pela reforma na Europa central. Seguindo o pensamento de Cipriano, pensa naqueles que se negam a pertencer à Igreja voluntariamente. Tem consciência do fundamento doutrinal de tal afirmação: não há salvação sem a Igreja, porque não há vida sem Cristo; é preciso pertencer ao corpo de Cristo para ter parte em sua vida⁹².

No catecismo romano, chamado catecismo do concílio de Trento, a posição é sensivelmente distinta. Não formula o adágio clássico negativamente. São excluídos três tipos de pessoa: os infiéis que nunca estiveram em seu seio, os hereges e cismáticos que a abandonaram e os excomungados que foram dela expulsos. Todos os demais, por piores que sejam, fazem parte da Igreja. Este catecismo possui uma fórmula severa contra as igrejas separadas. Contudo, nenhuma destas afirmações prejudicam a salvação de cada um.

Os catecismos do século XVII repetem a afirmação da necessidade da Igreja para a salvação. Porém seu foco passa cada vez mais da questão doutrinal para a identificação de quem pertence ou não à Igreja e se estariam condenados os últimos. A resposta se encontra entre ignorância culpável ou não culpável. Os catecismos dos séculos XVIII e XIX reiteram a cláusula da ignorância e da não culpabilidade. Além disto, as ideias novas sobre a bondade dos que pertencem a outras religiões penetraram na consciência dos católicos e contribuíram para apagar o adágio e introduzir fórmulas próximas ao indiferentismo. Passa-se a elogiar a religião da consciência.

Os grandes temas do século XVIII, século da ilustração, já se encontram presentes no século XVII. François de La Mothe Le Vayer, preceptor de Luis XIV, foi um filósofo cético considerado libertino em seu tempo. Escreveu um tratado sobre a virtude dos pagãos. Nela distingue três estados da natureza humana: o estado de direito natural entre Adão e Abraão, o

⁹² RAMSAUER, Die Kirche in den Katechismen *apud* SESBOÜÉ, Fuera de la Iglesia no hay salvación, p.155.

estado da lei no Antigo Testamento e o estado da graça no Novo Testamento. O estado da graça acentua o problema da salvação para o que não receberam o Evangelho. Conforme Tomás de Aquino, é necessária uma fé explícita para a salvação. Le Vayer discorda desta posição, defendendo que não é possível recusar aos pagãos de hoje aquilo dado aos de outrora. Acredita que Tomás de Aquino concederia aos pagãos que viveram depois da vinda de Cristo o mesmo concedido aos que o antecederam caso soubesse dos descobrimentos de novos mundos.

A obra de Le Vayer é a expressão de uma nova mentalidade cultural que rejeita a ideia de que a maior parte da humanidade esteja condenada. Le Vayer não era um teólogo de profissão. Com ele, entra no debate o homem honesto e culto do século XVII que se preocupa com a questão e a trata com mais liberdade em nome de uma solicitude humanista. Percebe-se um grau de indiferentismo: os seres humanos podem se salvar em qualquer religião?

Jean Jacques Rousseau foi o primeiro a qualificar de dogma o adágio “Fora da Igreja não há salvação”. Coloca-se contra o vínculo necessário entre a salvação do gênero humano e o mistério de Jesus Cristo. Não é possível uma salvação da humanidade que lhe chega na história, pois sua contingência não tem parte na exigência de salvação sendo limitada no espaço e no tempo. Esta contestação da unicidade salvadora de Cristo aparece como uma antecipação perspicaz da problemática contemporânea do diálogo inter-religioso.

No período da modernidade até agora apresentado, pode-se falar de duas rupturas: uma ruptura teológica e uma ruptura cultural⁹³. Houve uma virada clara na perspectiva teológica em relação ao magistério medieval representado pelas declarações pontifícias medievais e pelo concílio de Florença. Estabelece-se uma passagem no modo de interpretar o adágio: de uma interpretação maximalista que exclui os não católicos da salvação a uma interpretação minimalista adaptada a situações completamente novas.

A ruptura cultural tira a Igreja de uma situação de cristandade na qual sua autoridade não era contestada para uma realidade na qual deve fazer frente não somente à crítica relativa à sua origem como também à crítica de algumas de suas afirmações capitais, julgadas em nome de uma exigência ética que ela mesma ajudou a construir. Esta fissura trará graves consequências para os séculos seguintes.

Nos começos do século XIX, aparece a doutrina dos limbos como solução justa para a salvação dos não cristãos de vida virtuosa. Estende-se de um modo amplo a doutrina anteriormente elaborada para as crianças mortas sem Batismo ao caso dos adultos. Os não

⁹³ Cf. SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p. 164.

cristãos passam a ser recompensados em um lugar no qual estão privados da visão beatífica, porém não sofrerão e gozarão de uma felicidade natural em proporção com suas boas obras. Esta concepção dos limbos se mostra solidária com uma teologia que separa o fim natural e o fim sobrenatural do ser humano, considerando este último como algo adicional e extraordinário.

Outra solução desenvolvida ao longo do século XIX é a solução do tradicionalismo na qual se afirma a existência de uma revelação primitiva de Deus a Adão. Nesta perspectiva, o cristianismo é tão antigo quanto o mundo. A existência desta revelação encontra-se atestada nas diferentes religiões, ainda que desfigurada, e permite um ato de fé necessário para a salvação. Isto se dá particularmente por meio das práticas culturais e sacrifícios que remetem ao sacrifício do único mediador. Esta posição será condenada mais tarde por causa de seu fideísmo.

Giovanni Perrone, professor da Universidade Gregoriana de Roma, considerava que a lei do Evangelho só poderia se tornar obrigatória em uma região depois de ser nela promulgada. Defendia que, antes do século XVI nas Américas e do século XVIII na Austrália e Oceania, era difícil afirmar a pregação do Evangelho de forma suficiente. Estas populações se encontravam na mesma situação dos que haviam vivido antes de Cristo, bastando-lhes a fé implícita. Para ele, pertence à divina providência a oferta dos meios de salvação que sejam suficientes para todos. Como Deus quer que todos se salvem e ninguém pode ser salvo sem a fé, em virtude de sua misericórdia e por causa dos méritos de Cristo, concede aos que não lhe põem obstáculos uma iluminação sobrenatural ou uma instrução exterior sobre o que diz respeito à fé. Isto não requer milagres, pois faz parte da providência divina sobrenatural e ordinária.

Neste ponto de vista, o adágio “Fora da Igreja não há salvação” refere-se aos hereges, cismáticos ou incrédulos de uma forma culpável. Não diz respeito aos que ignoram a existência da Igreja de maneira não culpável. A bondade de Deus não tolera que alguém seja castigado eternamente sem uma falta voluntariamente culpável. As opiniões de Perrone se imporiam cada vez mais e seriam confirmadas pelo papa Pio IX.

Em 1830, Pio VIII, em um breve relativo à questão dos matrimônios mistos, invoca o adágio como um dogma pela primeira vez num texto magisterial. O termo dogma deve ser entendido como uma doutrina e uma verdade divinamente revelados que o juízo público da Igreja

propõe como de fé divina de tal forma que sua afirmação contrária seja condenada como heresia⁹⁴.

Gregório XVI parecia obcecado pelo indiferentismo que progredia em seu século. Rejeitava formalmente que uma profissão de fé distinta da católica permita a possibilidade da salvação, conforme afirma o texto abaixo:

Chegamos agora a uma outra nascente transbordante dos males pelos quais lamentamos estar aflita, no presente, a Igreja, a saber, o indiferentismo, ou seja, aquela opinião perversa ... <que reza> que em qualquer profissão de fé se pode conseguir a eterna salvação da alma, desde que os costumes se conformem à norma do que é reto e honesto. ... E desta bem fétida nascente do indiferentismo brota a absurda e errônea sentença, ou melhor, delírio, de que se deva admitir e garantir para cada um a liberdade de consciência⁹⁵.

Pio IX, que sucedeu a Gregório XVI em 1848, continua obcecado com o indiferentismo religioso crescente no século XIX. Rejeita a posição de que não católicos e não cristãos se encontrem em igual situação a respeito da esperança da salvação. Assim, expressa na alocução *Singulari Quadam* uma grave restrição a esta esperança.

Na encíclica *Quanto Conficiamur Moerore*, além de reforçar a crítica contra o indiferentismo religioso, coloca a exceção a esta regra. Aqueles que vivem em uma ignorância invencível se observam a lei natural inscrita por Deus em seus corações podem chegar à salvação. Invoca-se o texto de Perrone no qual se afirma que Deus somente condena alguém por uma falta voluntária.

No concílio Vaticano I, na constituição dogmática *Dei Filius* sobre a fé católica, fica fixado no pensamento eclesiástico que o adágio “Fora da Igreja não há salvação” significa que “Sem a Igreja não há salvação”, conforme o texto abaixo:

Donde resulta que ela, qual estandarte elevado no meio das nações [cf. Is 11,12], não só convida para junto de si os que ainda não abraçaram a fé, mas também garante a seus filhos que a fé que professam se baseia em fundamento firmíssimo. A este testemunho acresce o auxílio eficaz da força do alto. De fato, o mui benigno Senhor excita e ajuda com sua graça os que vagueiam no erro, a fim de poderem “chegar ao conhecimento da verdade” [1Tm 2,4]; e confirma com sua graça o que transferiu das trevas à sua luz maravilhosa [1Pd 2,9; Cl 1,13], para que perseverem nesta mesma luz, não <os> abandonando senão quando <por eles> abandonado⁹⁶.

Newman, o grande teólogo convertido do anglicanismo, confrontou-se com o adágio “Fora da Igreja não há salvação” e concluiu que nenhum católico pode pensar em discutir tal dogma. Sem remontar às escrituras, é doutrina de Inácio, Cipriano e Ireneu nos três primeiros séculos.

⁹⁴ CHRISTMANN, Philippe Neri. La règle de la foi catholique *apud* SESBOÜÉ, Fuera de la Iglesia no hay salvación, p. 174.

⁹⁵ DH 2730.

⁹⁶ DH 3014.

No quarto e no quinto séculos foi também doutrina de Agostinho e seus contemporâneos. Segundo ele, esta verdade do adágio contém dois aspectos: há somente uma Igreja e quem estiver fora dela não pode se salvar. Contudo, a pertença à Igreja pode ser unicamente espiritual, ou seja, pode-se pertencer à alma da Igreja sem pertencer a seu corpo. Portanto alguém pode se salvar sem a intervenção ministerial da Igreja, pertencendo à sua alma sem pertencer a seu corpo. Assim, Newman distingue entre alma e corpo da Igreja, sendo que pode pertencer à alma sem pertencer ao corpo.

Na modernidade, o adágio passa por muitas modificações em seu significado, reduzindo sua amplitude aos termos originais do mesmo. Um grande progresso verificado é a irrupção da ideia de uma alma da igreja com Belarmino que enriqueceu o significado do adágio, estendendo a pertença à Igreja além dos limites visíveis. Por outro lado, o emprego do adágio acirra o crescente conflito entre a Igreja e o mundo moderno. Seus adversários compreendem o adágio como manifestação da intolerância católica, desfigurando-o com uma hermenêutica rígida e absoluta. O adágio funciona de forma negativa nas consciências pelo seu ensino constante transmitido através dos catecismos. Adentra-se o século XX e sua problemática.

2.6 O adágio no século XX

2.6.1 Antes do Vaticano II

No século XX, houve um grande movimento de reflexão eclesiológica que não podia evitar encontrar-se com o adágio “Fora da Igreja não há salvação”. Pela primeira vez, o adágio apresenta dificuldades aos teólogos no sentido de uma exclusão espontaneamente chocante. O pensamento iluminista finalmente atinge a consciência dos teólogos. O adágio deixa de ser algo evidente necessitando ser bem compreendido e justificado. Busca-se a interpretação mais aberta o possível. Passa-se da formulação negativa “Fora da Igreja não há salvação” à formulação positiva da “Salvação pela Igreja”.

Edmond Dublanchy entende o adágio no sentido da necessidade do Batismo para a salvação, diferenciando adultos e crianças. No caso das crianças, importa se a região onde nasceram teve suficiente promulgação do Evangelho. Caso tenha sido promulgado o Evangelho na região, é necessário o Batismo e a pertença à Igreja. Caso contrário, a salvação pode ser alcançada pelos meios antigos sem a recepção do Batismo e a pertença à Igreja. Para os adultos das regiões onde não foi pregado o Evangelho suficientemente, vale o desejo explícito

ou implícito de aderir à Igreja. Excetuando-se os casos anteriores, requer ser membro da Igreja para obtenção da salvação.

Auguste Casteléin, um jesuíta belga, publicou em 1898 uma obra muito comprometida contra o rigorismo teológico. Nela, nega que o adágio seja a expressão de uma odiosa crueldade, propondo a distinção entre corpo e alma da Igreja já realizada por Newman. A alma da Igreja consiste na sociedade invisível de todas as almas em estado de graça enquanto o corpo da Igreja é a sociedade visível dos cristãos sob a autoridade do papa. A pertença à alma da Igreja é universal e absoluta enquanto a pertença ao corpo se resume aos que conhecem a instituição, os direitos e a missão divina da Igreja católica.

Édouard Hugon reinterpreta o concílio de Florença com as categorias de alma e corpo da Igreja. Para ele, era necessário à salvação participar tanto da alma quanto do corpo da Igreja. Contudo, a participação no corpo pode consistir no desejo ou voto. Os pagãos, os judeus, os hereges e os cismáticos devem pertencer à alma da Igreja se não desejam ser condenados ao fogo eterno. O teólogo continua fiel ao princípio de Tomás de Aquino que exige um conhecimento explícito da Trindade e do mistério de Cristo. Este conhecimento pode chegar aos homens e mulheres de boa vontade por meio de um missionário, de um anjo ou de uma iluminação interior.

Para o teólogo Jean-Vincent Bainvel, o adágio é um espantalho e fonte de perturbação para muitos católicos que prefeririam que a Igreja guardasse silêncio sobre este ponto. Também constata que os teólogos não estão de acordo na maneira de explicá-lo. Contudo, Bainvel sempre justifica a manutenção do adágio pela Igreja.

Bainvel rejeita a interpretação de Hugon que separando a alma e o corpo da Igreja coloca o adágio sempre se referindo ao corpo da Igreja. Bainvel identifica o corpo da Igreja com o Corpo Místico de Cristo e com a Igreja católica romana. Sua linha de interpretação recupera a distinção entre pertença visível e pertença invisível à Igreja, ou seja, entre pertença de fato e pertença de desejo. Segundo ele, a providência permite que muitos não cristãos cheguem à salvação por meio da participação na Igreja em voto. Contudo, esta salvação é acidental e a economia geral da salvação, à qual se refere o adágio, passa pela Igreja.

Louis Capéran rejeita o sistema dos limbos e coloca que a salvação sobrenatural é oferecida a todos. Reconhece a necessidade do ato de fé e o valor da fé implícita que sempre tem sua fonte em Cristo. Rejeita a ideia de pertença à alma da Igreja, preferindo falar de pertença à Igreja visível, ainda que de coração ou de vontade.

Antonin-Dalmace Sertillanges faz coincidir o conceito de Igreja com o conceito de humanidade. Para ele, “Fora da Igreja não há salvação” significa que fora do bem não há salvação, pois Deus é o verdadeiro e sumo bem. Fora da Igreja estão apenas os sujeitos realmente malignos. Não retém do adágio mais que seu fundamento evidente: o desígnio salvífico de Deus por e em Cristo.

Na mesma época, o movimento eclesiológico começou a dar uma grande importância à teologia do corpo místico de Cristo que se distingue da Igreja visível considerada sociedade perfeita. Em vez de distinguir entre corpo e alma da Igreja, passa-se a falar em Igreja visível e Igreja invisível.

Para Émile Mersch, o corpo místico de Cristo engloba todos os que vivem da graça de Cristo enquanto o termo Igreja representa a sociedade dos crentes batizados e organizados sob a tutela de seus pastores. Ambas as realidades se encontram interligadas e uma envolve a outra. Contudo, elas não se identificam na realidade histórica podendo viver da graça sem estar na Igreja e estar na Igreja sem viver da graça. Portanto, os que pertencem ao corpo místico não estão fora da Igreja.

Yves Congar se preocupou com o problema dos cristãos não católicos que consideram que sua confissão pertence à verdadeira Igreja de Cristo. Sua resposta passa pela distinção entre hereges materiais e formais. Os hereges materiais não são hereges nem aos olhos de Agostinho de Hipona, pois não há pertinácia alguma neles. Seu erro é moralmente invencível, dado o seu crescimento e amadurecimento na experiência de fé não católica. Rejeitando as posições anteriores que colocavam a pertença à alma da Igreja ou ao corpo místico considerado como Igreja invisível, afirma ser o cristão dissidente um membro invisível e real da Igreja visível. Para ele, o adágio expressa um princípio soteriológico que não deve ser aplicado às pessoas, recuperando a consideração do voto e estimando o mínimo de adesão objetiva na fórmula de Hb 11,6.

Henri de Lubac descarta o adágio clássico em sua forma negativa em benefício de uma reflexão sobre a necessidade da Igreja para a salvação. Está convencido de que todos nascem com a graça de Cristo, pois ela é universal. Se o cristianismo implícito basta para a salvação dos que não o conhecem, interroga-se sobre a necessidade de um cristianismo explícito na profissão de fé e na submissão à Igreja católica. A humanidade, no plano natural é um corpo e este corpo deve receber a forma de Cristo. A finalidade da salvação é a união espiritual de todo o gênero humano. A Igreja consiste na soma de corpo invisível de Cristo que se identifica com a salvação final e instituição visível e histórica constituinte do meio

providencial desta salvação. A missão providencial é estender a Igreja pelo mundo inteiro, pois ela é um corpo em crescimento. Assim sendo, os infiéis têm contribuído para o crescimento da Igreja mediante sua busca, suas antecipações parciais e suas invenções naturais. Todos são beneficiados pelo intercâmbio vital com o corpo de Cristo. Converte-se o adágio “Fora da Igreja não há salvação” na fórmula da “Salvação pela Igreja”, tornando-se a humanidade a grande família beneficiária da salvação gratuita de Deus.

A intervenção magisterial mais importante do século XX anterior ao Vaticano II foi a encíclica *Mystici Corporis Christi* do papa Pio XII em 1943. Sua principal afirmação é a estrita identidade entre o corpo místico de Cristo e a Igreja, sendo que seus membros reais e autênticos são os batizados que professam a verdadeira fé e vivem em comunhão com o conjunto do corpo. Os não católicos não são membros da Igreja, nem do corpo místico de Cristo. A encíclica não restringiu a possibilidade de salvação dos não católicos, apesar de ter emitido um juízo negativo radical sobre a pertença dos batizados em outras igrejas cristãs na Igreja católica e, conseqüentemente, no corpo místico de Cristo.

Na primeira metade do século XX, houve uma evolução sensível no tratamento do adágio. Cada vez mais, aceita-se que ele apresenta uma dificuldade pela exclusão que estima em sua formulação. Os teólogos e o magistério sentem a necessidade de justificá-lo, explicá-lo e interpretá-lo devidamente, chegando até a defendê-lo contra conclusões excessivas. Sua interpretação sofre dois alargamentos não conhecidos desde o Vaticano I. O primeiro consiste na aceitação do valor e da realidade de um desejo que segue implícito, conforme a encíclica *Mystici Corporis Christi*. O segundo está na nova subdivisão da necessidade de meio: em virtude da natureza das coisas e em virtude da razão de uma instituição divina. Também se começa a preferir as formulações positivas tais como “Salvação pela Igreja”. O adágio segue incluso e qualificado de infalível, apesar de muito relativizado⁹⁷.

2.6.2 Vaticano II: uma nova colocação do problema

O concílio Vaticano II marcou uma verdadeira virada na consideração da salvação dos que se encontram fora da Igreja. Não somente não assume o adágio, que nunca formula, como renuncia às categorias interior e exterior da Igreja. Abandona inclusive as categorias de membro e não membro. Situa toda a humanidade em diferentes graus de incorporação e ordenação à Igreja.

⁹⁷ Cf. SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p. 228.

Na constituição dogmática *Lumen Gentium*, consagrada ao mistério da Igreja, tem na conclusão de seu primeiro capítulo a explicação do duplo caráter, visível e invisível, da única Igreja, recuperando também a ideia das sementes do Verbo presente na teologia de Justino.

Esta Igreja, como sociedade constituída e organizada neste mundo, subsiste na Igreja católica, governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele, ainda que fora do seu corpo se encontrem vários elementos de santificação e de verdade, que, na sua qualidade de dons próprios da Igreja de Cristo, conduzem para a unidade católica⁹⁸.

O texto citado também se refere aos elementos eclesiais presentes nas outras comunidades cristãs, tomando distância da *Mystici Corporis*. O corpo místico, a verdadeira Igreja, já não coincide com a Igreja católica, mas subsiste nela. Estes referidos elementos se encontram fora do conjunto orgânico, porém não fora da Igreja por se tratarem de elementos eclesiais, próprios da Igreja de Cristo. Estes elementos pertencem tanto à Igreja visível quanto à invisível, indicando uma unidade bem real da Igreja de Cristo e da Igreja católica cujo vínculo dinâmico deve crescer até alcançar uma identidade pura e simples.

Uma mudança de paradigma se realizou no concílio. Passou-se da investigação das condições subjetivas a serem cumpridas pelos indivíduos em vista de sua salvação à situação histórica dos diferentes grupos cristãos e religiosos do ponto de vista histórico. O segundo capítulo da *Lumen Gentium* trata do povo de Deus em sua vocação como povo sacerdotal segundo o desígnio de Cristo. Não se utiliza mais a distinção entre membro e não membro e passa-se a falar em graus de incorporação e da ordenação dos não cristãos à Igreja. Resulta disto que os católicos são os plenamente incorporados à Igreja:

Em primeiro lugar, é aos fiéis católicos que o santo concílio dirige o pensamento. Apoiado na Sagrada Escritura e na Tradição, ensina que esta Igreja, peregrina na terra, é necessária para a salvação. Só Cristo é mediador e caminho de salvação: ora, ele torna-se-nos presente no seu corpo, que é a Igreja; e, ao inculcar expressamente a necessidade da fé e do Batismo (cf. Mc 16,16; Jo 3,5), ao mesmo tempo corroborou a necessidade da Igreja, na qual os homens entram pela porta do Batismo. Por conseguinte, não poderão salvar-se aqueles que, sabendo que Deus a fundou por Jesus Cristo como necessária à salvação, se recusam a entrar ou a perseverar na Igreja católica.

São incorporados plenamente à sociedade da Igreja todos os que, tendo o Espírito de Cristo, aceitam integralmente a sua organização e todos os meios de salvação nela instituídos, e no seu organismo visível estão unidos com Cristo, que a dirige mediante o Sumo Pontífice e os bispos, pelo vínculo da profissão de fé, dos sacramentos, do governo eclesiástico e da comunhão. Não se salvam, porém, os que, embora incorporados na Igreja, não perseveram na caridade, e por isso pertencem ao seio da Igreja não pelo “coração”, mas tão somente pelo “corpo”. Lembrem-se todos os filhos da Igreja que a grandeza da sua condição não se deve atribuir aos próprios méritos, mas a uma graça especial de Cristo; se não correspondem a essa

⁹⁸ LG 8.

graça por pensamentos, palavras e obras, em vez de se salvarem, incorrem num juízo mais severo⁹⁹.

A afirmação da necessidade da Igreja para a salvação se encontra referenciada imediatamente à unicidade da mediação de Cristo que a fundamenta segundo os testemunhos mais antigos da fé. Por isso, aqueles que se negam consciente e voluntariamente a entrar ou permanecer na Igreja católica, colocam-se fora de toda possibilidade de salvação. Esta passa a ser a única categoria de pessoas a que se refere o adágio “Fora da Igreja não há salvação”. Esta formulação pretende ser eminentemente restritiva, não designando a ninguém concretamente.

Os catecúmenos são referenciados juntamente com os fiéis católicos. São os únicos para os quais se invocará o voto de pertencer à Igreja, dado seu pedido de incorporação explícito. Paradoxalmente, são mais católicos que os outros cristãos por estarem a caminho da plena incorporação à Igreja e menos católicos por não serem ainda batizados. Vivem em uma esfera exterior à Igreja, devendo neles habitar o desejo de nela entrar.

Os catecúmenos que, sob a ação do Espírito Santo, desejam e querem expressamente ser incorporados na Igreja, já em virtude deste desejo lhe estão unidos. E a Igreja, como mãe, já lhes dedica o seu amor e os seus cuidados¹⁰⁰.

Os cristãos não católicos são objeto de um tratamento especial. Sua situação não pode ser igualada nem à situação dos catecúmenos, nem à situação dos não cristãos. Trata-se de batizados e crentes cristãos. O documento afirma a união da Igreja católica com eles por meio da ação e graça do Espírito Santo. Recebem os sacramentos em suas próprias Igrejas ou comunidades eclesiais. Estes sacramentos são elementos da Igreja. Portanto, existem fora da Igreja católica agrupamentos cristãos que merecem o nome de Igreja por serem igrejas em sentido próprio:

Por múltiplas razões a Igreja reconhece-se unida aos batizados que se honram do nome de cristãos, mas não professam integralmente a fé, ou não mantêm a unidade de comunhão sob o sucessor de Pedro. Há muitos que veneram a Sagrada Escritura como norma de fé e de vida, manifestam sincero zelo religioso, creem de todo o coração em Deus-Pai Onipotente e em Cristo Filho de Deus e Salvador, são marcados pelo Batismo que os une a Cristo, e admitem mesmo outros sacramentos e recebem-nos nas suas próprias Igrejas ou nas suas comunidades eclesiais. Vários dentre eles possuem também o episcopado, celebram a sagrada Eucaristia, e cultivam a devoção pela Virgem Mãe de Deus. A isto se junta ainda a comunhão de orações e de outros benefícios espirituais; e mesmo certa união verdadeira no Espírito Santo que, também neles, opera com o seu poder santificante por meio de dons e graças, e a alguns fortaleceu até a efusão do sangue. Assim, o Espírito suscita em todos os discípulos de Cristo o desejo e a ação, para que todos, do modo estabelecido por Cristo, se unam pacificamente, num só

⁹⁹ LG 14.

¹⁰⁰ *ibidem*.

rebanho, sob um único Pastor. Para o conseguir, a mãe Igreja, não deixa de rezar, de esperar e de atuar, exortando os seus filhos a purificarem-se e a renovarem-se, para que sobre o rosto da Igreja resplandeça mais brilhante o sinal de Cristo¹⁰¹.

Nestas igrejas e comunidades eclesiais existem muitos elementos de santificação e de verdade, que na sua qualidade de dons da Igreja de Cristo subsistem na unidade da Igreja católica¹⁰². Emprega-se a expressão comunidades eclesiais pelo fato de nem todas as confissões cristãs participarem no mesmo grau do mistério da Igreja. O critério principal para tal classificação consiste na ausência da sucessão episcopal. O adágio não pode mais ser evocado com relação aos membros das outras igrejas cristãs e não se coloca nenhum problema a respeito disto.

O concílio estabelece uma distinção formal entre cristãos e não cristãos. Este texto que segue abaixo entra em confronto imediato com a declaração do concílio de Florença:

Por último, também aqueles que ainda não receberam o Evangelho estão destinados, de modos diversos, a formarem parte do povo de Deus. Em primeiro lugar, aquele povo que foi objeto das alianças e promessas, e do qual Cristo nasceu segundo a carne (Rm 9,4-5); povo em virtude da sua eleição tão amado por causa dos patriarcas: pois os dons e os chamamentos de Deus são irrevogáveis (cf. Rm 11, 28-29). Mas o desígnio de salvação abrange igualmente aqueles que reconhecem o Criador, em particular os muçulmanos, que, professando manter a fé de Abraão, adoram conosco um Deus único e misericordioso, que há de julgar os homens no último dia. Nem mesmo dos outros, que buscam ainda nas sombras e em imagens o Deus desconhecido, está longe esse mesmo Deus, pois ele é quem a todos dá a vida e a ressurreição e tudo o mais (cf. At 17,25-28), e quem, como Salvador, quer que todos os homens sejam salvos (cf. ITm 2,4). Aqueles que ignoram sem culpa o Evangelho de Cristo e a sua Igreja, mas buscam a Deus na sinceridade do coração, e se esforçam sob a ação da graça, por cumprir na vida a sua vontade, conhecida através dos ditames da consciência, também esses podem alcançar a salvação eterna. Nem a divina providência nega os meios necessários para a salvação àqueles que, sem culpa, ainda não chegaram ao conhecimento explícito de Deus, mas procuram com a graça divina viver retamente. De fato, tudo o que neles há de bom e de verdadeiro, considera-o a Igreja como preparação evangélica e dom daquele que ilumina todo o homem para que afinal venha a ter vida. Contudo, os homens, muitas vezes enganados pelo demônio, entregaram-se a pensamentos vãos e trocaram a verdade de Deus pela mentira, servindo mais às criaturas que ao Criador (cf. Rm 1,21 e 25); ou então vivendo e morrendo sem Deus neste mundo, expõem-se à desesperação final. Por isso, solícita da glória de Deus e da salvação de todos, a Igreja, lembrada do mandamento do Senhor: Pregai o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15), põe todo seu cuidado em desenvolver as missões¹⁰³.

¹⁰¹ LG 15.

¹⁰² Cf. LG 8.

¹⁰³ LG 16.

O conjunto dos não cristãos é apresentado segundo a ordem de sua distância da fé católica em quatro situações diversas: os judeus que são o povo destinatário das promessas do antigo Testamento, os muçulmanos monoteístas que guardam a fé de Abraão, os crentes de outras religiões que buscam a Deus e os incrédulos de boa fé que possuem a intenção de viver uma vida reta. Todos estão incluídos no plano salvífico e são destinatários da graça divina.

Não são apresentados como pessoas, mas como grupos religiosos coerentes. Todos estão ordenados ao povo de Deus, pois Cristo morreu por todos seja qual for a sua situação concreta e todos são chamados à salvação. Esta relação é objetiva e se fundamenta no desígnio divino de salvação e não no voto implícito de entrar na Igreja. Tudo o que um não cristão deve desejar sinceramente é a Deus, pois a divina providência não recusa a graça a ninguém e a Igreja considera tudo de bom presente nas outras religiões como preparação evangélica. Assim se manifestam uma benevolência e abertura máximas, colocando em lugar mais importante a vontade salvífica de Deus do que o adágio “Fora da Igreja não há salvação”.

O decreto sobre o ecumenismo *Unitatis Redintegratio* coloca que nas igrejas e comunidades eclesiais não católicas está presente a única Igreja de Cristo, ainda que de modo imperfeito. Estas igrejas e comunidades têm sua participação no mistério da salvação. São verdadeiros meios de salvação cujos dons derivam da graça confiada à Igreja católica. Há um vínculo fundamental de unidade constituída pelo Batismo. A grande reserva com relação às comunidades consiste na falta do sacramento da ordem que impede a manutenção da integralidade do mistério eucarístico.

A constituição pastoral *Gaudium et spes* fala da universalidade da salvação trazida pelo mistério pascal de Cristo. Não há dúvida de que os cristãos são os primeiros a serem associados ao mistério pascal. Contudo, o concílio conclui que a ação universal da graça e do Espírito dá a todos a possibilidade de se associar a este mistério. Estas afirmações possuem um contexto cristológico que explica a ausência de toda menção à Igreja. Na cláusula por um modo só de Deus conhecido, o concílio pensa em uma economia secreta que supera tudo que pode ser conhecido a partir da economia pública de salvação.

O cristão, tornado conforme à imagem do Filho que é o primogênito entre a multidão dos irmãos, recebe “as primícias do Espírito” (Rom. 8,23), que o tornam capaz de cumprir a lei nova do amor. Por meio deste Espírito, “penhor da herança” (Ef. 1,14), o homem todo é renovado interiormente, até à “redenção do corpo” (Rom. 8,23): “Se o Espírito d’Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos dará também a vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita” (Rom. 8,11). É verdade que para o cristão é uma necessidade e um dever lutar contra o mal através de muitas tribulações, e

sofrer a morte; mas, associado ao mistério pascal, e configurado à morte de Cristo, vai ao encontro da ressurreição, fortalecido pela esperança. E o que fica dito, vale não só dos cristãos, mas de todos os homens de boa vontade, em cujos corações a graça opera ocultamente. Com efeito, já que por todos morreu Cristo e a vocação última de todos os homens é realmente uma só, a saber, a divina, devemos manter que o Espírito Santo a todos dá a possibilidade de se associarem a este mistério pascal por um modo só de Deus conhecido¹⁰⁴.

O decreto *Ad Gentes* também comporta um juízo avaliativo sobre as religiões que a Igreja, inevitavelmente, acabaria por encontrar em seu caminho na atividade missionária. Assim, o desígnio universal salvífico da parte de Deus considera os esforços religiosos que vêm da humanidade. Contudo, estes esforços não são individuais e solitários mas compreendem experiências religiosas sociais mescladas que necessitam ser endereçadas. Podem ter valor de pedagogia e preparação evangélica.

A afirmação da *Gaudium et Spes* de que Deus associa todos ao mistério pascal de uma forma conhecida só por ele não isenta a Igreja de sua obrigação missionária. A tarefa missionária é primordial à Igreja se ela quiser manter sua identidade e não ser infiel à sua missão. O texto conciliar opera uma inversão ao colocar as obrigações da Igreja em vez de apresentar as exigências necessárias para a salvação. Assim sendo, a salvação dos não cristãos continua sendo um problema e a atividade evangelizadora deve reconhecer e respeitar as tradições nacionais e religiosas, buscando descobrir as sementes do Verbo nelas presentes¹⁰⁵.

No decreto *Nostra Aetate*, a Igreja católica considera uma relação positiva com o conjunto das religiões não cristãs na história dos concílios. Não são os valores individuais das pessoas que são reconhecidos, mas os valores das religiões enquanto tais, nas quais se reconhece uma faísca da verdade. Assim sendo, a Igreja reconhece o que há de santo e verdadeiro nestas religiões, considerando com sincero respeito os modos de agir e de viver, os preceitos e doutrinas que refletem uma faísca da verdade que ilumina todos os homens¹⁰⁶.

As posições tomadas pelo concílio Vaticano II são uma virada radical a respeito da reflexão anterior sobre o adágio. O pressuposto deixa de ser a oposição entre a Igreja católica e todas as outras. O juízo favorável às outras religiões se converte na regra. Já não se examina esta questão do ponto de vista individual das disposições exigidas a cada homem ou mulher para obter a salvação. Tudo é tratado na perspectiva da história da salvação tanto com relação aos cristãos não católicos quanto com relação aos não cristãos. O adágio não se estende mais aos catecúmenos e aos cristãos não católicos, outrora conhecidos como hereges e cismáticos.

¹⁰⁴ GS 22.

¹⁰⁵ Cf. SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p. 265.

¹⁰⁶ Cf. NA 2.

Irrompe a presença de uma realidade totalmente nova. As confissões cristãs não católicas são também um aspecto da Igreja visível, estão presentes na Igreja de Cristo ainda que não subsista nelas de uma maneira completa. Seus membros não estão ordenados à Igreja, já se encontram incorporados nela. O caso dos não cristãos segue sendo tratado na categoria de ordenação à Igreja e de preparação para o Evangelho. O concílio se limita a recordar que a jornada dos não cristãos à salvação não pode se consumir sem a ajuda da graça e que isto não libera a Igreja do grave dever de anunciar o evangelho a toda criatura por meio de sua atividade missionária segundo a ordem de Cristo¹⁰⁷.

¹⁰⁷ Cf. SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p. 268-270.

3. LIMITES E FRONTEIRAS SOTERIOLOGICOS DA MENSAGEM CRISTÃ

3.1 Introdução

O adágio “Fora da Igreja não há salvação” fez um longo percurso histórico para chegar à sua situação atual. Criado por Orígenes no Oriente e Cipriano no Ocidente, encontra sua fundamentação bíblica na interpretação alegórica dos relatos da arca de Noé e da prostituta Raab. Utilizado originalmente como uma ameaça a todos os membros da Igreja que se afastassem dela, certa interpretação dele estendeu-se a todos que não eram membros seus, durante a Idade Média. Compreendia-se então que a negativa de entrar na Igreja por parte dos pagãos e judeus era uma atitude de má fé pelo fato de a mensagem cristã ser conhecida por todo o mundo de forma suficiente. Esta situação mudou radical e gradativamente na modernidade com os descobrimentos de povos e civilizações inteiras que não conheciam até então o cristianismo. O adágio teve seu campo de condenação reduzido até sua formulação negativa ser abandonada pela formulação positiva da “Salvação pela Igreja”, na qual toda a humanidade participa em diferentes graus da realidade eclesial.

Agora, faz-se necessária uma análise sincrônica do adágio, com o objetivo de estabelecer os limites soteriológicos da mensagem cristã e conhecer melhor a essência do adágio “Fora da Igreja não há salvação” que permanece na formulação da “Salvação pela Igreja” após a análise diacrônica de um ensinamento do magistério ordinário e universal.

Porém, antes de tudo, pergunte-se: o adágio “Fora da Igreja não há salvação” é um dogma? Os dogmas nascem das afirmações que pertencem à fé. Seu critério original de reconhecimento se encontra nos símbolos de fé e nos artigos que os compõem, conforme Sesboüé¹. Muitos deles encontraram sua expressão normativa em definições conciliares.

O adágio se refere à realidade eclesial. No símbolo niceno-constantinopolitano, símbolo de fé definido nos dois primeiros concílios ecumênicos, a fé na Igreja encontra-se como um artigo da fé no Espírito Santo. A Igreja apresentada como una, santa, católica e apostólica consiste em uma comunidade digna de fé por ser inspirada pelo Espírito Santo. Deve-se crer em Igreja e nas verdades por ela professadas. A Igreja não é santa apenas para admiração de toda a humanidade, mas porque é instrumento de santificação instituído por Jesus Cristo. Se a fé deve ser vivida na circunscrição desta comunidade eclesial que por ser católica chama

¹ Cf. SESBOÜÉ, História dos dogmas: O Deus da salvação, p. 20.

todos à participação, encontram-se elementos dogmáticos no adágio “Fora da Igreja não há salvação”.

Pio VIII afirmou o adágio como dogma no *Breve Litteris altero abhine* que trata da questão dos matrimônios mistos². A tradição da crença no adágio já se encontrava fixada na Idade Média. Tornou-se um ensinamento ordinário e universal do magistério. Portanto faz parte da tradição de fé da Igreja. Se o dogma é uma expressão autorizada de um ponto pertencente à fé cristã, o adágio pertence a esta expressão autorizada, desde os primeiros séculos, enquanto era formulado a partir do relato da arca de Noé.

O adágio se estrutura em torno de duas expressões “Fora da Igreja” e “não há salvação”. “Fora da Igreja” pode ser entendido tanto como uma metáfora espacial, quanto uma metáfora presencial. Espacialmente, a expressão “Fora da Igreja” especifica o conjunto de pessoas que não pertencem à realidade eclesial. Conduz a uma ideia de exclusão. A metáfora presencial, por outro lado, designa a ausência da realidade Igreja. Deseja afirmar que se não houvesse Igreja, a salvação da forma como se dá estaria comprometida.

A expressão “não há salvação” indica uma ideia de exclusão da realidade salvífica. Fala de pessoas condenadas a uma eternidade de sofrimento e tormento. Significa a ausência de um sentido pleno de existência, ou seja, as vidas que não são salvas não possuem um sentido e não valem a pena serem vividas.

Reunindo novamente as duas expressões no adágio “Fora da Igreja não há salvação”, compreende-se que sem a Igreja, a vida humana não possui sentido, nem vale a pena ser vivida. Somente nesta comunidade é possível encontrar um sentido e um valor para a vida humana. Portanto, o adágio “Fora da Igreja não há salvação” afirma, aparentemente, algo perigoso e audacioso ao rejeitar o sentido e o valor de uma vida que não aceita participar da realidade eclesial. Isto agride a sensibilidade do homem moderno que se preocupa com e defende a liberdade religiosa.

Segundo Sesboüé, conforme visto no capítulo anterior, a fundamentação do adágio deve considerar uma elipse com dois focos³. O primeiro foco diz respeito aos elementos necessários à salvação. Quais são as condições para que alguém tenha uma vida com sentido

² Cf. Pio VIII, *Breve Litteris altero abhine* *apud* SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p.173.

³Cf. SESBOÜÉ, *Fuera de la Iglesia no hay salvación*, p.27.

que valha a pena ser vivida? O que, aos olhos de Deus, dá valor à existência? Este foco está intimamente ligado à segunda parte do adágio que nega a salvação. O segundo foco diz respeito à possibilidade de salvação dos que se encontram fora da economia salvífica cristã. Tem relação direta com a liberdade religiosa e a questão do pluralismo religioso que desafiam o cristianismo na cultura contemporânea. Liga-se à primeira parte do adágio que especifica a ausência da realidade eclesial. Mal matizado, este foco conduz a um discurso de exclusividade de salvação aos cristãos, negando sentido e valor a grande parte das expressões da humanidade que não são englobadas pelo cristianismo.

O adágio “Fora da Igreja não há salvação” pressupõe uma eclesiologia e uma soteriologia. Elas irão definir o significado a ser dado ao adágio. Uma eclesiologia excludente acabará por supor a condenação de grande parte da humanidade, negando o sentido e o valor de todas as manifestações não cristãs da cultura humana. Por outro lado, uma eclesiologia inclusiva reconhecerá um Deus que valoriza o humano e se enriquecerá em cada encontro com os elementos não cristãos das culturas. A eclesiologia do concílio Vaticano II é do último tipo e já tem manifestado resultados promissores ao longo destes últimos cinquenta anos.

A soteriologia define o papel a ser desempenhado pelos homens na busca de sua salvação. Por meio dela, avalia-se o verdadeiro valor da vida humana e o seu sentido na história. Também, por meio dela, constrói-se o esforço missionário para divulgação da mensagem do Evangelho. Se todos se salvam independente de conhecer o anúncio do Evangelho, qual a finalidade do esforço missionário? Por outro lado, a visualização da Igreja como um grupo exclusivo das vidas que têm valor e merecem ser salvas lhe coloca a imensa responsabilidade de conduzir todos os homens a entrarem nela para chegarem à salvação. Por fim, ainda resta a indagação se apenas o ser humano, em toda criação, merece ser salvo. Ou existe um desígnio salvífico maior da parte de Deus.

Este capítulo propõe-se a responder de forma sintética e básica estas indagações colocadas a partir de uma análise da eclesiologia e soteriologia da Igreja, levando em conta o adágio e sua repercussão. Na primeira parte será desenvolvida uma análise das relações da Igreja com a Trindade, buscando uma melhor compreensão do papel da mesma no desenrolar da história da humanidade. Na segunda parte, levantar-se-á uma pesquisa sobre os elementos necessários à salvação do gênero humano e como eles se relacionam com a eclesiologia trinitária anteriormente apresentada.

3.2 Uma questão eclesiológica

3.2.1 Povo de Deus

Lê-se na constituição dogmática *Lumen Gentium*:

O eterno Pai, por decisão inteiramente livre insondável da sua bondade e sabedoria, criou o universo, decretou elevar os homens à participação da sua vida divina, e não os abandonou quando pecaram em Adão, antes lhes proporcionou sempre os auxílios necessários para se salvarem, na perspectiva de Cristo redentor, que “é a Imagem do Deus invisível, o primogênito de toda criatura” (Cl 1,15). A todos os eleitos o Pai, “que de antemão ele conheceu, esses também predestinou a serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de ser ele o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8,29). Aos que acreditam em Cristo quis convoca-los na santa Igreja, a qual, já prefigurada desde a origem do mundo e preparada admiravelmente na história do povo de Israel e na antiga aliança, e instituída “nos últimos tempos”, foi manifestada pela efusão do Espírito, e será consumada em glória no fim dos séculos. Então, como se lê nos santos padres, todos os justos, a começar por Adão, “desde o justo Abel até o último eleito”, serão congregados na Igreja universal junto do Pai⁴.

A Igreja é o povo de Deus reunido no Filho pelo Espírito Santo para o serviço e glória do eterno Pai. Como todo povo, encontra-se sob o mesmo governo e submetido à mesma lei com um objetivo em comum. É a Qahal de Deus eleita e reunida para louvá-lo e servi-lo na construção de seu reinado definitivo. Consiste em todo o povo chamado à salvação, ou seja, chamados a participar da vida divina. Assim é construída a família desejada por Deus na qual todo o gênero humano é convocado a tomar parte.

Um povo consiste em um grupo de pessoas que falam a mesma língua, têm costumes e interesses semelhantes, história e tradições comuns. O povo de Deus fala a linguagem do amor, possui o costume de acolher e servir a todos, estando sempre interessado na propagação do Reino de Deus e está unido pela aliança eterna e definitiva consumada na história, por meio do sacrifício do Cristo. Esta fé transmite-se através das gerações pelo Batismo. Também possuem a mesma origem no chamado de Deus que reúne toda a humanidade nesta aliança que vem desde os primórdios.

Este povo inicia-se na promessa de Deus a Abraão: “Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê uma benção!”⁵ A descendência de Abraão tornou-se uma benção para todos os povos. Pois dela vem o Cristo que redime e santifica todo o gênero humano. Desta descendência participa todos os que creem, pois sua fé foi levada em conta de

⁴ LG 2.

⁵ Gn 12,1.

justiça e “assim ele se tornou pai de todos aqueles que creem”⁶. Por sua fé, foi-lhe prometida “uma posteridade tão numerosa quanto as estrelas do céu e quanto a areia que está na praia do mar”⁷.

Este povo irrompe na história no evento narrado no livro do Êxodo no qual um grupo de escravos se torna um povo livre sob a lei de Deus. Ocorre o resgate de todo um povo da terra da escravidão para a terra prometida onde mana leite e mel⁸. Este mesmo povo, enquanto caminhava no deserto, recebeu das mãos de Moisés a lei escrita pelo dedo de Deus conforme a narrativa bíblica. Esta lei da antiga aliança tornou-se a instrução dada por Deus a guiar o povo. Assim este grupo de escravos, por meio da aliança e do dom da lei, tornou-se o povo de Deus que deveria ser a luz dos povos.

Uma vez na terra prometida, Deus continuou conduzindo seu povo que se mostrou não tão fiel. Quando necessário, suscitava homens para conduzir o povo a uma situação de libertação. Eram chamados juízes. Contudo, o povo rejeitou o governo divino e pediu para si um rei humano quando Samuel julgava Israel⁹. Neste momento, ocorre uma ruptura entre Deus e seu povo. Contudo, não abandonou o seu povo às vaidades dos reis que, muitas vezes, colocavam-se em posições divinas, suscitando profetas para anunciar seu desígnio salvífico a Israel.

Diante da infidelidade e dos abusos de poder dos reis, prometeu várias vezes suscitar um rei que pastorearia seu povo com justiça, cumprindo com a vontade do coração divino:

Suscitarei para eles um pastor que os apascentará, a saber, o meu servo Davi: ele os apascentará, ele lhes servirá de pastor. E eu, Iahweh, serei o seu Deus e meu servo Davi será príncipe entre eles. Eu, Iahweh, o disse¹⁰.

Outras vezes, o próprio Deus promete pastorear e conduzir seu povo:

Com efeito, assim diz o Senhor Iahweh: Certamente eu mesmo cuidarei do meu rebanho e dele me ocuparei. Como o pastor cuida do seu rebanho, quando está no meio de suas ovelhas dispersas, assim cuidarei das minhas ovelhas e as recolherei de todos os lugares por onde se dispersaram em dia de nuvem e de escuridão. Trá-las-ei dentre os povos, reuni-las-ei dentre as nações estrangeiras e reconduzi-las-ei para ao seu solo, apascentando-as sobre os montes de Israel, nas margens irrigadas dos seus ribeiros e em todas regiões habitadas da terra. Apascentá-las-ei em um bom pasto, sobre os altos montes de Israel terão as suas pastagens. Aí repousarão em bom pasto e encontrarão forragem rica sobre os montes de Israel. Eu mesmo apascentarei o meu rebanho, eu mesmo lhe darei repouso, oráculo do Senhor Iahweh. Buscarei a ovelha que estiver perdida, reconduzirei a que estiver desgarrada,

⁶ Rm 4,11.

⁷ Gn 22,17.

⁸ Ex 3,8.

⁹ Cf. 1Sm 8.

¹⁰ Ez 34, 23-24.

pensarei a que estiver fraturada e restaurarei a que estiver abatida. Quanto à gorda e vigorosa, guardá-la-ei. Eu as apascentarei com justiça¹¹.

Estas promessas se realizam em Jesus Cristo. Da linhagem de Davi, o filho unigênito de Deus governa o seu povo. Verdadeiro Deus e verdadeiro homem, anuncia com sua vida, por meio de vários sinais, a concretização iminente deste reino esperado. Condenado como agitador político¹², por preparar o advento do reinado de Deus¹³, entrega sua vida e se torna a própria realização deste reino de paz e justiça já instalado nas realidades deste mundo que passa, porém ainda não plenamente consumado. Deixou à Igreja, povo de Deus, o papel de anunciar e consumir a oferta da criação ao Pai a fim de que a instauração do reino se plenifique no crepúsculo da história humana.

O povo de Deus em nada difere dos outros povos. Casam-se e se dão em casamento. Celebram suas festas. Sofrem suas derrotas. Porém estão em toda parte e submetidos às leis dos outros povos enquanto caminham na atual ordem das coisas. Além disto, são obedientes à lei de Deus e lutam para que todos os povos sejam parte desta nação santa e régia sob o governo de Deus. Esperam um mundo novo no qual todo sofrimento se encerrará e não haverá mais lágrimas nem choro. E, para ser parte dele, não é necessário pertencer a nenhuma etnia, região ou cultura. Basta aceitar a aliança com Deus e passar a viver sob a ordem da graça de Cristo que é o amor.

Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por língua ou costumes. Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver. Sua doutrina não foi inventada por eles, graças ao talento e especulação de homens curiosos, nem professam, como outros, algum ensinamento humano. Pelo contrário, vivendo em cidades gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida social admirável e, sem dúvida paradoxal. Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira. Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. Põem a mesa em comum, mas não o leito; estão na carne, mas não vivem segundo a carne; moram na terra, mas têm sua cidadania no céu; obedecem às leis estabelecidas, mas com sua vida ultrapassam as leis; amam a todos e são perseguidos por todos; são desconhecidos e, apesar disso, condenados; são mortos e, desse modo, lhes é dada a vida; são pobres, e enriquecem a muitos; carecem de tudo, e têm abundância de tudo; são desprezados e, no desprezo, tornam-se glorificados; são amaldiçoados e, depois, proclamados justos; são injuriados, e bendizem; são maltratados, e honram; fazem o bem, e são punidos como malfeitores; são condenados, e se alegram como se recebessem a vida. Pelos judeus são combatidos como estrangeiros, pelos

¹¹ Ez 34, 11-16.

¹² Cf. SEGUNDO, A História Perdida e Recuperada de Jesus de Nazaré, p. 172-174

¹³ Cf. *ibidem.*, p. 178-179

gregos são perseguidos, e aqueles que os odeiam não saberiam dizer o motivo do ódio¹⁴.

Na constituição dogmática *Lumen Gentium*, afirma-se que todo aquele que tema a Deus e pratique a justiça é por ele aceito. O projeto salvífico de Deus não tem como meta santificar cada um individualmente, não levando em conta as relações humanas, mas formar um povo que o conhece na verdade e o serve na santidade. Para isto, estabeleceu o povo de Israel a quem instruiu gradualmente, comunicando a si próprio e os desígnios de sua vontade em vista da santificação deste povo. Em Cristo estabeleceu um novo pacto no qual formou um povo que realizasse sua unidade no Espírito, constituindo um novo povo de Deus, “uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa” no qual todos são chamados a participar¹⁵.

Portanto, se não há salvação fora do povo de Deus, ou seja, da Igreja, também não existe exclusão de nenhum indivíduo pelo fato de todos serem a ele ordenados. Para ser membro deste povo, o requisito mínimo é o temor a Deus e a prática da justiça. Sendo Deus o sumo bem, a admiração e o amor por aquilo que é bom e a conformação da vida a este bem supremo cumprem com os requisitos para a participação no povo de Deus. Todo homem justo com um grande respeito e admiração pelo que é bom anuncia o reino de Deus que se encontra entre nós e ainda há de vir em plenitude por meio de sua vida. A prática da justiça combate a miséria e busca estabelecer uma realidade na qual não há quem chore, nem passe fome. Esta realidade se identifica com o reino que todos os cristãos esperam encontrar na vida em plenitude da ressurreição da carne.

3.2.2 Corpo de Cristo

Está escrito na constituição dogmática *Lumen Gentium*:

Veio, pois, o Filho, enviado pelo Pai, que ainda antes da criação do mundo nos escolheu nele e nele nos destinou à filiação adotiva, porque lhe aprouve encabeçar em Cristo todas as coisas (cf. Ef 1,4-5.10). E Cristo, para cumprir a vontade do Pai, inaugurou na terra o reino dos céus, cujo mistério nos revelou; e, pela sua obediência, operou a redenção. A Igreja, isto é, o Reino de Cristo já presente em mistério, cresce visivelmente no mundo pelo poder de Deus. Princípio e incremento significados pelo sangue e pela água que manaram do lado aberto de Jesus crucificado (cf. Jo 19,34) e anunciados pelas palavras do Senhor ao falar da sua própria morte na cruz: “E eu quando for levantado da terra atrairei todos a mim” (Jo 12,32 gr.). Sempre que no altar é celebrado o sacrifício da cruz, no qual Cristo, nossa páscoa, foi imolado (1Cor 5,7), atua-se a obra da nossa redenção. E juntamente com o sacramento do pão eucarístico é representada e realizada a unidade dos fiéis, que constituem um só corpo em Cristo (cf. 1Cor 10,17). Todos os homens

¹⁴ Carta a Diogneto, 5.

¹⁵ LG 9.

são chamados a esta união com Cristo, que é a luz do mundo, do qual procedemos, pelo qual vivemos e para o qual tendemos¹⁶.

A salvação consiste em uma profunda união com Cristo. Esta união foi pregada pelo Cristo na parábola da videira verdadeira que narrou a seus discípulos na noite derradeira da véspera de sua paixão. Somente enxertado no Cristo, o ser humano consegue realizar todo o seu potencial. Bebendo da seiva do Espírito Santo, torna-se cada vez mais unido ao Cristo, produzindo frutos de justiça e bondade. Não se distingue mais se quem vive é o Cristo¹⁷ ou o indivíduo. Esta incorporação se dá pela graça do Batismo.

Eu sou a verdadeira videira e meu Pai é o agricultor. Todo ramo em mim que não produz fruto ele o corta, e todo o que produz fruto ele o poda, para que produza mais fruto ainda. Vós já estais puros, por causa da palavra que vos fiz ouvir. Permanecei em mim, como eu em vós. Como o ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanece na videira, assim também vós, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira e vós os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele produz muito fruto; porque, sem mim, nada podeis fazer¹⁸.

Ser um só com Cristo consiste em ter a mesma vontade. A vontade de Cristo se torna expressa no evangelho de João. Todos os fiéis devem ser um só corpo em Cristo, conforme sua vontade¹⁹. O imperativo da Igreja é ser presença real de Cristo no mundo. Cabe aos cristãos viver como Cristo viveu, lutar pelo que Cristo lutou e anunciar o que Cristo anunciou. Cristo anunciou o reinado de Deus e fez de sua vida uma realização deste²⁰. O Pai o ressuscitou e instaurou o tempo da Igreja, ou seja, o tempo do Reino de Deus em mistério que já deve ser vivido em particular pelos cristãos. Contudo todos são chamados a ser Igreja e viver este mistério em suas vidas no decorrer de cada dia.

Nas águas do Batismo, prefiguradas pelo dilúvio no qual apenas oito pessoas encontraram salvação e pela passagem do mar Vermelho em que um grupo de escravos se tornou povo livre regido pela lei de Deus, cada indivíduo morre com Cristo para com ele ressuscitar. Não é algo mágico, nem pontual. Trata-se de um processo no qual cada ser humano morre para o mundo do pecado, saindo da escravidão para a liberdade de filho de Deus, incorporando-se a Cristo e tornando-se Igreja. Passa pelo Batismo todo ser humano que rompe com o pecado e passa a viver vida nova²¹, conformando-se a Cristo. O voto batismal implícito consiste num Batismo implícito que produz efeitos salvíficos tão eficazes quanto o Batismo explícito. O Batismo implícito é uma vida conformando-se a Cristo sem ter passado pelo sacramento

¹⁶ LG 3.

¹⁷ Cf. Gl 2,20.

¹⁸ Jo 15,1-5.

¹⁹ Cf. Jo 17,11.

²⁰ Cf. SEGUNDO, A História Perdida e Recuperada de Jesus de Nazaré, p. 163-167

²¹ Cf. TABORDA, Nas fontes da vida cristã, p. 41-42.

propriamente dito, pois Deus não nega a graça àqueles que o buscam. Um ser humano que vive como cristão potencial aderindo ao bem e rejeitando o mal, está em processo batismal mais do que um cristão batizado que não vive cristãmente e despreza a graça recebida na pia batismal. No último dia, aquele será julgado mais cristão do que este.

Se o Batismo nos incorpora no mistério pascal de Cristo, a eucaristia coloca em comunhão todo o corpo de Cristo por meio do pão e do vinho. A Igreja celebra a Eucaristia e a Eucaristia faz a Igreja ser o que é²². Sacramento da nova aliança, coloca-nos em comunhão com o mistério pascal de Cristo para que vivamos sua vida e sejamos seu corpo, ou seja, sua presença neste mundo. Este sacramento de vida e santidade compõe o corpo de Cristo, estabelecendo verdadeira comunhão de vida entre os membros da assembleia reunida para celebração deste memorial. Não é algo mágico. Um compromisso de vida é exigido²³. Aquele que comunga as espécies eucarísticas, compromete-se a ser presença de Cristo no mundo pelo poder e graça do Espírito. Viver a realidade eucarística espiritualmente também é possível. Muitas comunidades eclesiais que não possuem tão salutar sacramento, comprometem-se a anunciar e viver a realidade do Reino que consiste em viver a vida do Cristo. Muitos não cristãos anunciam com suas vidas o despontar de um novo tempo no qual o Reino de Deus se realiza em plenitude. Eucaristia é vida a ser vivida em comunidade de fé para a construção de um mundo a ser entregue nas mãos do Pai.

O projeto salvífico de Deus é um projeto eucarístico que requer a participação da humanidade. Cada indivíduo deve lutar por um admirável novo mundo de justiça e paz. A oferta do pão e do vinho sobre o altar simbolizam a criação transformada pelo trabalho do homem que Deus transubstancia no corpo e sangue de Cristo, ou seja, no Reino de Deus, pois Cristo é o próprio Reino que já começou a se realizar entre o gênero humano.

A Igreja, corpo de Cristo, composta de vários ministérios, tem por papel anunciar o evangelho a todas as nações, tornando-se cada vez mais presença do Reino de Deus no mundo. Para isso, ele dispõe de vários ministérios assim como um corpo tem vários membros. Atualmente, os ministérios de maior destaque são os ministérios ordenados, a vida religiosa e os teólogos que são sucessores dos apóstolos, profetas e doutores respectivamente

Aos ministros ordenados cabe a liderança do corpo que é a Igreja. São os bispos, presbíteros e diáconos. O epíscopo, como sucessor dos apóstolos, recebe do Senhor a missão de ensinar e pregar o Evangelho para que todos os homens alcancem a salvação pela fé, pelo Batismo e

²² Cf. GIRAUDO, Redescobrimdo a eucaristia, p. 49.

²³ Cf. ibidem.

pela observância dos mandamentos²⁴. Os presbíteros são consagrados para pregar o evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento, à imagem de Cristo, sumo e eterno sacerdote²⁵. O diácono serve o povo de Deus na liturgia, na palavra e na caridade em comunhão com o bispo e seu presbitério²⁶.

Por meio dos votos, os religiosos constituem um estado de vida no plano divino e hierárquico da Igreja no qual os cristãos se obrigam à prática da castidade, pobreza e obediência, auxiliando a Igreja em sua missão salvífica²⁷. Devem ser faróis de autêntica vida cristã a interpelar todos os fiéis que não abraçaram tal estado de vida, lembrando-lhes sempre da efemeridade das realidades deste mundo que passa e chamando todos a abraçar as realidades que não passam.

Conforme Fuellenbach, os teólogos possuem a responsabilidade de interpretar a tradição e seu desenvolvimento. A função de ensinar possui um caráter de ofício não possuído por nenhum dos outros ministérios. Em comparação com os bispos, os teólogos somente ensinam sem dar ordens e nada exigir. Ao dedicar-se à interpretação da tradição, assumem uma posição profética no ministério carismático²⁸.

Além destes três ministérios principais, a Igreja se distribui em numerosos serviços desde as origens como pode-se perceber no texto da epístola aos Coríntios:

Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo. Pois fomos todos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito. O corpo não se compõe de um só membro, mas de muitos. Se o pé disser: “Mão eu não sou, logo não pertença ao corpo”, nem por isto deixará de fazer parte do corpo. E se a orelha disser: “Olho eu não sou, logo não pertença ao corpo”, nem por isto deixará de fazer parte do corpo. Se o corpo todo fosse olho, onde estaria a audição? Se fosse todo ouvido, onde estaria o olfato? Mas Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade. Se o conjunto fosse um só membro, onde estaria o corpo? Há, portanto, muitos membros, mas um só corpo. Não pode o olho dizer à mão: “Não preciso de ti”; nem tampouco pode a cabeça dizer aos pés: “Não preciso de vós.” Pelo contrário, os membros do corpo que parecem mais fracos, são os mais necessários, e aqueles que parecem menos dignos de honra do corpo, são os que cercamos de maior honra, e nossos membros que são menos decentes, nós os tratamos com mais decência; os que são decentes, não precisam de tais cuidados. Mas Deus dispôs o corpo de modo a conceder maior honra ao que é menos nobre, a fim de que não haja divisão no corpo, mas os membros

²⁴ LG 24.

²⁵ LG 28.

²⁶ LG 29.

²⁷ LG 43.

²⁸ FUELLENBACH, Igreja: Comunidade para o reino, p.212-213.

tenham igual solicitude uns com os outros. Se um membro sofre, todos os membros compartilham o seu sofrimento; se um membro é honrado, todos os membros compartilham a sua alegria.

Ora, vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada um por sua parte. E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar, apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro lugar, doutores... Vêm a seguir, os dons dos milagres, das curas, da assistência, do governo e o de falar diversas línguas. Porventura, são todos apóstolos? Todos profetas? Todos doutores? Todos realizam milagres? Todos têm o dom de curar? Todos falam línguas? Todos as interpretam?²⁹

Tomás de Aquino utiliza da metáfora do corpo oriunda das cartas deuteropaulinas que afirmam Cristo como cabeça da Igreja. Para ele, Cristo é denominado cabeça da Igreja por comparação ao corpo natural do homem. Três aspectos da cabeça devem ser considerados: ordem, perfeição e poder³⁰. A ordem diz respeito ao fato de a cabeça ser a primeira parte do homem. Assim tornou-se costume designar todo princípio por cabeça. A graça de Cristo é a mais elevada e anterior a todas as outras. Toda graça é recebida em relação com a sua. A perfeição consiste na presença de todos os sentidos interiores e exteriores enquanto nos outros membros se encontra apenas o tato. A graça de Cristo possui a plenitude de todas as graças. A cabeça tem o poder sobre o movimento dos outros membros e o governo dos seus atos em razão da eficiência sensitiva e motora que nela domina. Cristo tem o poder de causar a graça em todos os membros da Igreja, ficando assim claro a conveniência de designar Cristo como cabeça da Igreja.

Contudo, o Aquinate, antecipando o que viria a afirmar o concílio Vaticano II, estabelece graus diversos na ligação entre Cristo e os homens, quando afirma Cristo ser cabeça de toda a humanidade³¹. Em primeiro lugar, Cristo é cabeça da Igreja triunfante que já desfruta da glória celeste. Em seguida, todos os que possuem a caridade estão a ele ligados pelos atos de suas vidas. Em terceiro lugar, os homens que creem e estão ligados à Igreja institucionalmente. Por fim, todos os outros homens que ainda não entraram na Igreja fazem potencialmente parte do corpo de Cristo. Portanto, segundo Tomás de Aquino, todo o gênero humano participa de modo indissociável do mistério da Igreja.

Na constituição dogmática *Lumen Gentium*, afirma-se a incorporação plena dos fiéis na sociedade da Igreja em contraste com os cristãos não católicos os quais não professam integralmente a fé ou não mantêm a unidade de comunhão sob o sucessor de Pedro. Por fim, coloca que os não cristãos estão destinados, de modos diversos, a formarem parte do Povo de Deus.

²⁹ 1Cor 12,12-30.

³⁰ Cf. STh III q.8 a.1.

³¹ Cf. STh III q.8 a.3.

Portanto, toda a humanidade tem em seu destino a participação no corpo de Cristo e dele participam em maior ou menor grau, caminhando em direção à realidade do Reino de Deus.

3.2.3 Templo do Espírito Santo

Está presente o seguinte texto na constituição dogmática *Lumen Gentium*:

Consumada a obra que o Pai confiara ao Filho para que ele a realizasse na terra (Cf. Jo 17,4), no dia de pentecostes foi enviado o Espírito Santo para santificar continuamente a Igreja e assim dar aos crentes acesso ao Pai, por Cristo num só Espírito (cf. Ef 2,18). Este é o Espírito que dá a vida, fonte da água que jorra para a vida eterna (Cf. 4,14; 7,38-39); por ele, o Pai dá vida aos homens mortos pelo pecado, até que um dia ressuscitem em Cristo os seus corpos mortais (cf. Rm 8,10-11). O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo (cf. 1Cor 3,16; 6,19): neles ora e dá testemunho de que são filhos adotivos (cf. Gl 4,6; Rm 8,15-16.26). Leva a Igreja ao conhecimento da verdade total (Jo 16,13), unifica-a na comunhão e no ministério, dota-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos, com os quais a dirige e embeleza (cf. Ef 4,11-12; 1Cor 12,4; Gl 5,22). Com a força do Evangelho, faz ainda rejuvenescer a Igreja, renova-a continuamente e eleva-a à união consumada com o seu Esposo. Pois o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: “Vem” (cf. Ap 22,17).

Assim a Igreja universal aparece como “o povo congregado na unidade do Pai e do Filho e do Espírito santo”³².

Conforme o Evangelho de João, estando os discípulos de portas fechadas, Jesus ressuscitado lhes apareceu. Após mostrar-lhes as mãos e o lado enviou-lhes em missão e soprou sobre eles o Espírito Santo³³. Assim, pelo poder do Espírito, constituiu a hierarquia da Igreja ao lhe dar a capacidade de perdoar e reter os pecados, nesta narração de pentecostes presente no Evangelho joanino.

Em Atos dos Apóstolos, há várias narrações de pentecostes. O Espírito Santo gradativamente constitui e gera a Igreja. No primeiro pentecostes, ocorrido na festa do dom da lei judaica, quando os discípulos estavam reunidos no mesmo lugar, veio o Espírito Santo em línguas de fogo³⁴, dando-lhes o dom de começar a falar em outras línguas e reunindo novamente o que o pecado de Babel havia separado³⁵. Em Babel, o ser humano quis construir para si um valor histórico sem referência a Deus e, por isso, a comunidade humana se fragmentou por causa de seu egoísmo. Pentecostes reata o gênero humano ao enxerta-lo em Cristo, fazendo da humanidade uma grande irmandade. Começando pelo povo fiel, estava publicamente manifestado o mistério da Igreja. Aqui se estabelece um paralelo com LG 14, pois os

³² LG 4.

³³Cf. Jo 20, 19-23.

³⁴Cf. At 2, 1-13.

³⁵ Cf. Gn 11, 1-9.

primeiros a serem chamados foram os que compunham o povo fiel de Israel que se encontravam plenamente incorporados à realidade do Povo de Deus na antiga economia.

O segundo pentecostes ocorre entre os samaritanos por meio da imposição das mãos dos apóstolos³⁶. Os samaritanos são um grupo que abraçara a fé de Israel de modo incompleto. Eram fiéis ao mesmo Deus, mas não tinham o hábito de louvar a Deus no templo de Jerusalém, conforme mandava a religião judaica. Por analogia, são como os cristãos não católicos citados em LG 15. Faziam parte do Povo de Deus na antiga economia apesar de não seguirem todos os preceitos. Foram o segundo grupo a receber o dom do Espírito.

O último pentecostes narrado em Atos dos Apóstolos foi o caso do centurião Cornélio que recebera a ordem de chamar Pedro para que lhe fosse pregado o Evangelho³⁷. A resistência de Pedro a anunciar a mensagem evangélica a um gentio sem nenhum vínculo com o povo da antiga aliança foi quebrada pela visão dos animais impuros³⁸. No momento em que pregava o Evangelho em casa de Cornélio, o Espírito Santo desceu sobre todos ouvintes da palavra. Neste momento, confirma-se que o Espírito Santo não é restrito a uma comunidade ou etnia. O Povo de Deus constitui-se de toda a humanidade chamada a servir e louvar o Senhor em uma vida de entrega de amor. Aqui pode-se estabelecer um paralelo com LG 16 que fala dos povos não cristãos.

Conforme Fuellenbach, o Concílio Vaticano II ressalta o fato da Igreja ser criação do Espírito Santo³⁹. Tal concepção nunca foi negada na teologia católica, apesar do pneumatológico diversas vezes ter desempenhado um papel secundário frente ao aspecto cristológico mais enfatizado. Na verdade, Cristo institui a Igreja e o Espírito Santo a constitui, conforme Jean Zizioula citado por Fuellenbach. A comunhão no Espírito ultrapassa o institucionalismo e constitui a Igreja em sua fonte e em seu desdobramento histórico. Pela força do Espírito Santo, Deus se faz presente na história por meio do corpo de seu Filho perpetuado na Igreja. E, a partir da Igreja, derrama o espírito de filiação sobre todos os povos.

A Igreja, constituída pelo Espírito Santo, irrompe como comunidade carismática na qual cada um tem uma função a desempenhar no único corpo de Cristo⁴⁰. O bem-estar da comunidade depende do exercício destas funções baseada nos carismas recebidos por cada um. Cada indivíduo possui um carisma com o qual pode contribuir para o crescimento da comunidade.

³⁶Cf. At 8,14-17.

³⁷ Cf. At 10, 44-48.

³⁸ Cf. At 10, 9-16.

³⁹ Cf. FUELLENBACH, Igreja: Comunidade para o Reino, p. 95-103.

⁴⁰ Cf. Rm 12; 1Cor 12.

Cada um é constituído templo do Espírito Santo com um carisma específico, um verdadeiro talento a ser utilizado em prol da comunidade⁴¹ que deve se tornar a inabitação do Espírito Santo entre os seres humanos. Na comunidade carismática da Igreja, talentos e ministérios são profundamente interligados, sendo que cada um tem dons que lhe capacitam melhor para determinado serviço.

Instituição e carisma são duas dimensões da estrutura eclesial. A dimensão institucional mantém e protege a Igreja de se esfacelar em muitas partes, identificando-se com a hierarquia. A dimensão carismática realça o sopro inesperado do Espírito, também presente na dimensão institucional. Uma Igreja sem a dimensão institucional acabaria se desmanchando, pois não existe grupo sem organização. Uma Igreja sem a dimensão carismática acabaria por se tornar rígida e inflexível, afastando de si o convívio do ser humano. Portanto, a tensão equilibrada e saudável entre estas duas dimensões constitui a Igreja assim como a ordem dada por Cristo e o impulso do Espírito definem os rumos a serem seguidos.

No Antigo Testamento, o templo era considerado casa de Deus. No segundo livro de Samuel, Davi mostra intenções de construir uma casa para o Senhor Deus habitar⁴². No livro dos Salmos, apresenta-se o templo como casa de Deus e lugar de sua habitação⁴³. Conforme a profecia de Ezequiel, o templo é o lugar do trono de Deus no qual ele habita em meio aos israelitas⁴⁴.

Contudo, também no Antigo Testamento, a habitação de Deus não se restringe ao templo de Jerusalém. Devido aos pecados de Israel, a glória de Deus deixou o templo de Jerusalém⁴⁵. Isto mostra o templo como lugar que Deus quer habitar e não espaço em que é confinado. Deus é muito maior que o templo de Jerusalém.; o céu é seu trono e a terra, escabelo de seus pés. Deus habita em toda a criação⁴⁶.

Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada. Quem não me ama não guarda minhas palavras; e minha palavra não é minha, mas do Pai que me enviou. Essas coisas vos disse estando entre vós. Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que vos disse⁴⁷.

⁴¹ Cf. Mt 25, 14-30.

⁴² Cf. 2Sm 7, 1-17.

⁴³ Cf. Sl 27,4; 23,6; 84,2-4; 122,1; 5,8.

⁴⁴ Cf. Ez 43,7.

⁴⁵ Cf. Ez 10,19.

⁴⁶ Cf. Is 66, 1-2.

⁴⁷ Jo 14, 22-26.

O Novo Testamento revela o coração humano como morada de Deus. Cada membro da comunidade cristã torna-se uma pedra viva do templo vivo que é a Igreja. O Espírito de Deus habita em cada irmão da comunidade cristã⁴⁸. Assim sendo, o verdadeiro templo de Deus é a comunidade cristã edificada sobre o testemunho dos apóstolos e dos profetas do qual Cristo é a pedra angular⁴⁹.

Segundo Tomás de Aquino, nenhum ser humano é capaz de fazer o bem sem o auxílio da graça. Sempre é necessária uma moção divina para agir bem⁵⁰. A graça ultrapassa toda a potência da natureza criada, sendo uma participação na natureza divina. Nenhuma criatura pode causar a graça em outra. Somente Deus pode dar a graça⁵¹. É fato conhecido de todos que não há ser humano que não tenha praticado o bem em algum momento de sua vida. E isto somente é possível se Deus der a graça que consiste na presença de seu Espírito. Sendo o templo o lugar no qual está presente o Espírito de Deus e a graça esta presença, todo ser humano é templo de Deus, chamado constantemente a uma vida virtuosa.

Na constituição pastoral *Gaudium et Spes* afirma-se a necessidade do procedimento segundo a consciência para que o ser humano atinja sua dignidade libertando-se da escravidão das paixões e que a liberdade humana só se torna efetiva com a ajuda da graça divina. Portanto, somente sendo um templo do Espírito Santo, o ser humano realiza plenamente sua vocação natural de uma vida de liberdade orientada para o bem⁵².

3.3 Uma questão soteriológica

3.3.1 Introdução

A história humana consiste numa tentativa de resposta à contínua ameaça da morte que paira sobre o ser humano. A mutabilidade e a finitude do cosmos impulsionam o espírito humano na aventura chamada civilização. Se não houvesse morte e mudança, seria desnecessária qualquer atividade pois tudo poderia ser eternamente postergado. Diante do escândalo da morte e da contínua mudança da realidade, faz-se necessária uma busca do sentido da vida humana no mundo. O cristianismo responde a esta questão por meio da experiência de um Deus que se autocomunica na revelação. Nela, o ser humano acolhe o dom divino de uma vida a se plenificar de significado em seu caminho rumo à eternidade.

⁴⁸ Cf. 1Cor 3,16.

⁴⁹ Cf. Ef 2,20.

⁵⁰ Cf. STh I-II q. 109 a. 2.

⁵¹ Cf. STh I-II q. 112 a. 1.

⁵² Cf. GS 17.

O grande desafio do cristianismo consiste na universalidade de sua mensagem. Pergunta-se: Como a salvação de todo o gênero humano pode estar circunscrito a um evento histórica e culturalmente localizado?

A mensagem de salvação cristã somente pode ser profundamente refletida a partir da relação entre história e eternidade. Para muitos, configura-se um falso dualismo entre eternidade e história. A história permanece conectada ao efêmero e passageiro enquanto a eternidade ao imutável e definitivo. Cria-se uma divindade em contraposição ao ser humano quando se contrapõem tempo e história. A salvação passa a ser fuga do tempo e da realidade mundana para uma eternidade onde tudo é definitivo.

No cristianismo, tempo e eternidade se entrelaçam pelo fato crístico. A eternidade se faz tempo⁵³. O eterno e imutável recolhe-se sobre si mesmo e entra na história. O criador se torna criatura. Deus se faz homem para que o homem seja feito deus. Constitui-se o sentido último da vida humana neste abraço entre o definitivo e o passageiro, entre o mortal e o vivificante, entre criador e criatura. A suprassunção da história à eternidade a faz história de Deus entre os homens. Não há mais oposição entre o histórico e o eterno. O cristianismo supera a radical oposição entre história e eternidade, fazendo a eternidade histórica e a história uma dimensão da eternidade.

Deus se autocomunica plenamente no evento Cristo. No Cristo, torna-se possível saber quem realmente Deus é. Por meio dele, história e eternidade se entrelaçam. O ser humano é chamado a participar da divindade, vivendo a plenitude da humanidade ao conformar sua vida com a de Jesus Cristo. Na pessoa de Jesus, Deus oferece a salvação a todo o gênero humano. Na sua morte, os portões existentes entre história e eternidade se abrem para todos. Estabelece-se a norma da vida valorosa aos olhos de Deus. O humano é entronizado na realidade divina. A análise cristológica faz-se vital para a compreensão do fenômeno soteriológico visto que a oferta da salvação se faz pelo evento crístico.

Cabe ao ser humano responder à oferta salvífica de Deus. Isto se dá na história que consiste no entrelaçamento dos espíritos através do fluxo do tempo. Não há história sem relações entre seres espirituais. A história é uma realização e encontro de liberdades na constante mudança da natureza. A salvação se dá no encontro entre os seres humanos e Deus. Deus se faz presente em cada relação humana por meio do Espírito Santo. E o ser humano se realiza no encontro com seus semelhantes na construção de um sentido para a sua vida na realidade da

⁵³ Cf. VAZ, Antropologia filosófica II, p.233.

história. Assim, o humano constrói sua relação existencial com o outro absoluto de quem recebe a salvação.

A cristologia e a antropologia são duas dimensões da realidade soteriológica. A iniciativa salvífica parte de Deus para o ser humano. A cristologia estuda as condições nas quais a salvação se operou universalmente na história e as condições de sua realização para cada ser humano a partir do evento Cristo. A antropologia teológica pesquisa o processo salvífico na história individual e cada ser humano, levando em conta a resposta que o mesmo dá ao chamado da graça divina em sua vida. Assim, as duas dimensões da soteriologia se complementam: a cristologia apresenta o Cristo salvador como modelo normativo de salvação para o ser humano enquanto a antropologia trabalha a resposta do ser humano ao processo salvífico realizado em Cristo.

Dois desafios se apresentam à soteriologia. O primeiro consiste em considerar as condições de salvação dos que viveram anteriormente ao evento Cristo. Como Jesus Cristo poderia salvar aqueles que viveram anteriormente à sua irrupção histórica? É o problema da delimitação temporal do evento Cristo. Não se sabe quanto seres humanos viveram antes do nascimento de Jesus de Nazaré. Suas vidas não teriam sentido? Estariam todos irremediavelmente perdidos para sempre?

O segundo desafio diz respeito à delimitação espacial do fato cristão. Como a salvação atinge aqueles que desconhecem a mensagem cristã? É justo delimitar a salvação de toda a humanidade a um evento ocorrido em uma terra distante e esquecida? Como acolher uma salvação que ainda não chegou ao conhecimento? Como construir o sentido da vida em Cristo, se ele não passa de um desconhecido?

3.3.2 Cristologia

Conforme a Primeira Epístola a Timóteo, há só um mediador entre Deus e os seres humanos⁵⁴, Jesus Cristo. Toda salvação se opera em Cristo e por meio dele. Não é possível ninguém se salvar sem a mediação de Cristo. Isto se configura num desafio para a mensagem cristã na contemporaneidade diante da pluralidade religiosa. Por isso, é importante a compreensão de quem é Jesus Cristo e como se dá o processo salvífico por meio dele antes de julgar a mensagem cristã como excludente.

Toda cristologia se constitui na tensão entre os aspectos ascendente e descendente. Chama-se uma cristologia de ascendente quando ela toma como ponto de partida a pessoa humana de

⁵⁴ Cf. 1Tm 2,5.

Jesus de Nazaré e descobre nela a revelação do divino, ascendendo da história à eternidade. Uma cristologia descendente constrói-se a partir do mistério da encarnação do Verbo divino, desvelando o movimento de Deus em direção à humanidade. Toda construção cristológica possui elementos de ascendência e descendência. Não há como falar da pessoa de Jesus de Nazaré sem nenhuma referência à sua divindade e não há como se falar da pessoa divina do Filho de Deus sem considerar sua encarnação na história. Contudo, uma cristologia pode ressaltar mais um aspecto do que outro, chamando-se ascendente ao destacar mais o lado humano do Cristo e descendente ao dar mais consideração ao aspecto da ação divina na história.

Todas as narrativas da vida pública de Jesus iniciam-se com João Batista. Conforme Segundo, é provável que Jesus tenha começado como discípulo de João e esta experiência tenha sido uma etapa na construção da consciência de sua missão⁵⁵. Há muitos elementos comuns na pregação de Jesus e de João. Ambos são profetas escatológicos, anunciando a iminente ação de Deus na história.

João Batista anuncia a ira iminente de Deus. O juízo divino está próximo e se faz necessária uma mudança de vida para fugir da condenação. “O machado já está posto à raiz das árvores e toda árvore que não produzir bom fruto será cortada e lançada no fogo”⁵⁶. Seu estilo de vida também anunciava esta verdade. Vivía no deserto, vestindo e comendo como alguém que vive na solidão desamparada, na qual é necessário recorrer ao essencial para sobreviver. Diante da ira iminente de Deus, tudo que não era essencial devia ser abandonado⁵⁷.

Jesus, por outro lado, anunciava o reinado de Deus. O reinado de Deus é a irrupção da realidade na qual a vontade de Deus se faz suprema. Identifica-se com a plena realização das bem-aventuranças. Não haverá mais pobres, aflitos ou injustiçados no mundo. É uma boa nova para todos os que sofrem. Contudo, é uma péssima notícia para os ricos e poderosos opressores. O estabelecimento da justiça elimina privilégios e retira o excesso de conforto dos que oprimem. Os recursos serão igualmente distribuídos entre toda a humanidade, acabando com todos os luxos. A humanidade passará a viver como uma grande irmandade, dividindo entre si tudo o que está disponível e Deus haverá de ser o Pai que cuida de seus filhos, o Rei que governa e protege seu povo, o pastor que conduz seu rebanho⁵⁸. O surgimento do Reino de Deus em sua plenitude não é algo independente da ação histórica do ser humano. A

⁵⁵ Cf. SEGUNDO, A História Perdida e Recuperada de Jesus de Nazaré, p. 143.

⁵⁶ Mt 3,10.

⁵⁷ Cf. SEGUNDO, A História Perdida e Recuperada de Jesus de Nazaré, p. 145.

⁵⁸ Cf. *ibidem.*, p. 146-161.

humanidade é chamada à busca do Reino de Deus e sua justiça. A irrupção do Reino somente ocorrerá quando houverem se realizado as condições favoráveis para tal. Quando o gênero humano apresentar em seu coração o verdadeiro desejo de realizar um mundo de justiça e amor ao Pai pelas mãos do Filho, o Espírito Santo haverá de tornar este mundo no Reino de Deus. Esta é a realidade celebrada em cada Eucaristia. Cada um entrega ao Pai pelas mãos de Cristo todo o seu esforço para a construção do Reino de Deus na matéria do pão e do vinho que são transubstanciados no Cristo que é a realização em plenitude do reinado de Deus.

O anúncio do Reino de Deus chama a uma verdadeira conversão do ser humano a Deus. Esta conversão, para ser concreta, necessita alcançar todas as estruturas criadas pelo ser humano. Isto inclui as estruturas políticas que geram injustiça e miséria no mundo. Jesus, não somente anunciou o Reino de Deus, mas preparou seu advento. Neste seu esforço, questionou a ordem política vigente em Israel. Não se opôs diretamente ao império romano, mas às estruturas que o suportavam. O império se ocupava apenas da manutenção da ordem e do recolhimento de tributos, deixando a divisão do trabalho e as cargas suportadas pelos diferentes grupos humanos com a estrutura sociopolítica e fechada mantida por uma teocracia regida pelo sinédrio. É a esta força político-religiosa, praticante de atos abomináveis a Deus, que Jesus se contrapôs⁵⁹.

Por isso, acusava-se a Jesus de andar com pecadores públicos e prostitutas. Seu estilo de vida, anunciando com grande alegria a vinda do Reino de Deus foi deturpado por muitos. E até hoje, sua mensagem continua sendo distorcida por vários grupos religiosos que ambicionam a manutenção da ordem vigente. Muito pouco compreendido, acaba sendo desacreditado pelos destinatários de sua mensagem. Quando olha para Israel com tristeza ou ira, sua geração responde com festa e regozijo. Quando olha para Israel com alegria e promessas, sua geração responde com tristeza e escândalo⁶⁰. Seu estilo de vida profético opunha-se ao de João Batista. Jesus se sentia como encarregado do anúncio de uma nova iniciativa libertadora e salvadora da parte de Deus. A chegada do “governo” transformador de Deus a Israel manifestava-se em sua alegria.

A mensagem de Cristo não foi entendida por seus contemporâneos. Depois da multiplicação dos pães quiseram fazê-lo rei⁶¹. Isto seria totalmente contrário a seu anúncio no qual o único e verdadeiro rei é Deus. A partir deste momento, a multidão pareceu perder o interesse nele. Esta crise do ministério na Galiléia se manifesta nos evangelhos sinóticos pela pergunta

⁵⁹ Cf. *ibidem.*, p.174.

⁶⁰ Cf. *ibidem.*, p. 163-164.

⁶¹ Cf. Jo 6,15.

teológica sobre o que pensam os homens a respeito dele⁶². Daí, focou-se mais na formação dos discípulos e se preparou para anunciar o Reino de Deus em Jerusalém. Ali no centro do poder teocrático de Israel foi escrito seu destino histórico. Tinha consciência de que sua ousadia não sairia impune. Contestar a presente ordem religiosa política vigente então, significava morte. Contudo, Jesus tinha plena confiança em Deus e sabia que não seria abandonado pelo pai. Assim, enfrentou a morte. Foi uma situação de profunda dor existencial na qual sua esperança não feneceu, apesar de todo o caminho doloroso.

Na encarnação da Palavra, o eterno se faz história. Na morte do Filho, a história se liga à eternidade. Deus, o Eterno, gera sua palavra no evento Cristo. No momento da concepção virginal de Jesus em Maria, começa o processo histórico da encarnação do Filho de Deus. Nasce o homem que se tornou Palavra de Deus para a humanidade. Na sua morte, ao adentrar os salões da eternidade, o Filho de Deus é gerado antes de todos os séculos⁶³. Da eternidade, seu Espírito Santo é derramado sobre toda a história humana, antes e depois da história de Jesus de Nazaré. Ali, Jesus Cristo torna-se presente de Deus a todo o gênero humano de todos os tempos. Assim, desde a criação, todo o gênero humano é chamado a participar da vida divina. Na eternidade, não há antes e depois de Cristo. Existe apenas o eterno momento do agora que passa por todos os tempos. Nenhum ser humano morre sozinho, pois o Cristo com eles morre e ressuscita. A salvação se dá neste encontro entre Deus que se faz homem e homem que pode ser feito Deus em Deus feito carne.

A ressurreição passa a ser, desde a criação, o destino final de todo o gênero humano. Na consumação e ápice da existência histórica de cada sujeito humano, a morte indica o começo de uma existência eterna na qual a opção histórica será plenificada. Toda a história de acolhida e rejeição da graça divina se torna definitiva. No Cristo ressuscitado, primícias⁶⁴ dos que Nele esperam, converge toda a história e seu sentido. O Filho, gerado na história e na eternidade, é origem e fim da mesma. A elevação do homem Jesus à divindade, eleva todo o gênero humano. Todos os seres humanos são chamados a serem filhos no Filho na história de cada vida a ser plenificada na eternidade.

Responde-se à pergunta de como a mensagem cristã situada historicamente pode chegar a todos os homens. Aos seres humanos que viveram antes de Cristo, sua presença se dá no clímax de suas existências, no momento da morte, quando encontram Cristo a ressuscitar e são convidados a participar deste evento de grande significado. Aos que não tiveram a chance

⁶² Cf. Mc 8,27; Mt 16,13; Lc 9,18

⁶³ Cf. DURRWELL, A morte do Filho, p.44.

⁶⁴ Cf. 1Cor 15,20.

de conhecer a mensagem cristã, encontram-se na hora fatídica de sua existência com o Cristo que não tiveram chance de conhecer verbalmente. Por fim, todos os seres humanos são guiados pelo Espírito de Cristo a fim de serem plenamente humanos aos olhos de Deus. Assim sendo, não há ser humano que não tenha conhecido de alguma forma o Cristo em sua jornada na aventura histórica.

Encerrada a cristologia que coloca o Cristo como modelo do humano aos olhos de Deus, agora faz-se necessário analisar a possibilidade de acolhida da mensagem cristã pelo gênero humano. Pergunta-se: como e por que o homem acolheria o Cristo como modelo supremo do viver e agir humano, estando ele situado histórica e geograficamente em determinada cultura e povo? Esta insigne tarefa de compreender o evento soteriológico a partir do elemento humano é o desafio a ser cumprido no próximo tópico.

3.3.3 Antropologia

Enquanto a cristologia estuda a iniciativa de Deus no processo salvífico, cabe à antropologia pesquisar as condições e o modo pelo qual o ser humano responde a este convite. Para isso, necessita-se de uma conceituação do que seja o ser humano e uma visão da história de sua relação com Deus. Também se faz necessário conhecer como age no ser humano a graça de Cristo e quais são suas possíveis respostas diante deste dom.

Todo ser humano possui um conjunto de características que o definem como tal. Estas características compõem sua essência. Esta essência realiza-se na particularidade da existência, possibilitando a singularidade de cada sujeito humano. Conforme Vaz, o conhecimento intelectual humano não possui um caráter intuitivo, necessitando ser expresso na forma do conceito que o delimita a uma região de objetividade. Contudo o conhecimento intelectual do ser humano aponta para a infinidade do ser, indo além do horizonte delimitado pelo conceito⁶⁵. Para se autocompreender, o ser humano deve cruzar epistemologicamente as experiências objetivas e subjetivas de sua ipseidade. Estas experiências podem ser categorizadas a partir de sua relação com o mundo, com a sociedade e consigo mesmo⁶⁶. O espaço conceitual no qual se circunscreve o ser humano tem como coordenadas conceitos de estrutura, de relação e de unidade⁶⁷.

O ser humano se torna presente ao mundo por meio de seu corpo. O corpo não é apenas um objeto a ser estudado e manipulado pelas ciências, nem uma máquina operada pelo intelecto.

⁶⁵ Cf. VAZ, Antropologia filosófica I, p.152-153.

⁶⁶ Cf. ibidem., p.145-146.

⁶⁷ Cf. ibidem., p.153-154.

É uma dimensão constitutiva e expressiva do ser humano. Por meio dele, o sujeito se situa no tempo e no espaço. Contudo, há uma distância intencional entre cada ser humano e seu corpo. O sujeito humano não se resume a seu corpo. Mas não pode ser pensado sem ele. É por meio do corpo que o sujeito se torna história. Suas marcas, rugas e cicatrizes são efeitos da história sobre a carne. E estas marcas fazem parte do ser singular de cada sujeito humano. Os acidentes corpóreos desvelam a singularidade histórica de cada sujeito humano. Faz parte do processo de humanização de cada indivíduo a aceitação das limitações e capacidades de sua corporeidade. Alguém somente se humaniza quando acolhe sua corporeidade, tornando-se carne⁶⁸.

A alma ou o psiquismo media a relação entre o corpo e o espírito humano. Consiste numa experiência mediada pelo corpo. Nela, o sujeito humano plasma sua consciência pela captação e tradução do mundo exterior na sua interioridade, edificada sobre os eixos da imaginação e da afetividade. No psiquismo, o tempo e o espaço submetem-se a um movimento de interiorização. O Eu que emerge como polo do mundo interior passa a ser a origem das coordenadas espaço temporais. Nesta estrutura conceitual, nasce a linguagem que investe na tradução psíquica do mundo exterior. Assim também psiquicamente, o sujeito se realiza na história por meio das marcas psíquicas deixadas pelo prazer e pela dor, tornando-se o que é. Em virtude do princípio de totalização, o discurso sobre o mistério humano é impelido para além do psíquico e do corpóreo⁶⁹.

No nível do espírito, o ser humano abre-se para a transcendência ao atingir o ápice da sua unidade. O espírito é princípio interno ou forma superior de vida, atividade de contemplação que assinala a forma mais alta de conhecimento, razão ordenadora e consciência de si. No espírito, o ser humano torna-se imagem de Deus, ser livre e inteligente. Mas o ser humano só pode realizar sua liberdade no sumo bem que é Deus e sua inteligência na plenitude da verdade divina. Também, por meio da dimensão espiritual, o ser humano abre-se para o mundo e passa a constituir relação com a natureza e com a sociedade. Portanto, a vida plenamente humana é a vida segundo o espírito na qual todas as potencialidades humanas se realizam. A negação da vida espiritual conduz o ser humano a um fechamento em si mesmo e à negação de uma vida verdadeiramente humana⁷⁰.

O sujeito humano é situado no mundo e se estabelece com ele uma relação não recíproca de objetividade por meio de sua abertura espiritual. O mundo ao qual o ser humano tem seu

⁶⁸ Cf. *ibidem.*, p.157-166.

⁶⁹ Cf. *ibidem.*, p.167-179.

⁷⁰ Cf. *ibidem.*, p.181-264.

destino inexoravelmente entrelaçado apresenta-se como caminho para o encontro com Deus, conforme a Epístola aos Romanos⁷¹. O mundo é significado por meio da linguagem e expresso no discurso. Assim, o mundo torna-se uma habitação para o gênero humano e as coisas são organizadas em utensílios ao alcance da mão e enigmas que provocam admiração ou espanto. Também o mundo se modifica conforme o fluxo do tempo. As coisas vêm e vão, conforme a ordem irreversível do antes e do depois⁷². Nesta realidade espaço temporal, cada ser humano constrói o sentido de sua vida por meio do trabalho que transforma o mundo natural em mundo significado. Diferenciando-se dos objetos, estabelece um sentido para o mundo em que vive⁷³.

Nenhum ser humano tem condições de possibilidade de alcançar a realização de seu potencial ou de sobreviver no solipsismo. Sempre é fruto de uma cultura e sociedade humana que sobrevive na história. A partir do contato com o outro semelhante, inicia-se a aventura de viver no mundo na história que não existe fora da realidade da comunidade. Na intersubjetividade, por meio dos olhos dos outros, ele se reconhece como um ser humano com direitos e deveres. Aprende uma linguagem e encontra um lugar no mundo humano. É introduzido na comunidade ética e se relaciona com os seus antepassados que já se foram por meio da cultura que recebe e ressignifica com sua vida⁷⁴.

O ser humano não se satisfaz com a vida em sociedade e nem com a transformação do mundo. Sempre deseja mais. Esta insaciedade que experimenta como ser no mundo com os outros tem como expressão interior uma profunda solidão existencial em função da separação que existe entre ele e o mundo e o outro. Somente Deus pode estabelecer esta união de cada ser humano com o resto da criação. Nesta relação de transcendência com o Senhor, o ser humano realiza sua vocação plenamente ao amar a verdade e conhecer o bem que estão presentes em Deus⁷⁵.

Por meio de suas relações com o mundo, com a sociedade e com Deus, o ser humano está em contínuo processo de realização na história por meio da supressão dos valores recebidos da cultura em que está inserido⁷⁶. Identifica-se afetivamente com testemunhos de vida que se tornam para ele paradigmáticos por neles depositar sua confiança e sua esperança de felicidade⁷⁷. Molda sua personalidade no seu tempo de existência histórica, podendo somente

⁷¹ Cf. Rm 1,19-20.

⁷² Cf. VAZ, Antropologia filosófica II, p. 23.

⁷³ Cf. *ibidem.*, p. 9-36.

⁷⁴ Cf. *ibidem.*, p. 49-79.

⁷⁵ Cf. *ibidem.*, p. 93-124.

⁷⁶ Cf. *ibidem.*, p. 141-174.

⁷⁷ Cf. SEGUNDO, A História Perdida e Recuperada de Jesus de Nazaré, p.17-18.

avaliar se sua existência foi digna de valor quando estiver próximo de sua consumação, incapaz de escolher um caminho diferente do que trilhou até então. Uma vida somente se torna realizada diante do seu fim, ou seja, somente diante da morte o ser humano é capaz de avaliar quão satisfatória foi sua vida.

A história da realização do ser humano inicia-se com a criação do mesmo por parte de Deus. Conforme os relatos do livro do Gênesis, o destino do ser humano encontra-se inexoravelmente interligado com o destino de toda a criação⁷⁸. O mundo é criado como espaço da relação entre Deus e o ser humano. Cabe ao gênero humano, cuidar deste espaço da relação tornando-o num jardim vivo e fecundo⁷⁹. Ainda no relato do Gênesis, o ser humano é constituído como o responsável por dar sentido ao mundo enquanto realiza nele sua vocação de união com Deus. O mundo só alcança sentido a partir do trabalho do ser humano.

O sinuoso caminho da resposta humana ao dom de Deus passa pelo pecado. Conforme o relato de Gênesis, o ser humano fechou-se em si mesmo, rejeitando o dom de Deus. Em vez de ser co-criador, tornou-se destruidor. Sua ruptura da relação com Deus, contaminou toda a criação. O mundo tornou-se o espaço de satisfação dos prazeres da vida segundo a carne e a sociedade a realidade na qual o outro se torna um instrumento para se alcançar os objetivos egoístas.

Contudo, cada ser humano de cada tempo deve trilhar seu caminho existencial e buscar sua realização na história pela resposta ao dom de Deus e o cumprimento da tarefa da vida humana. Diante de cada um, delineiam-se dois caminhos: o caminho do encontro com Deus e a plena realização e o caminho da negação da transcendência e o fechamento em si mesmo tendo por consequência a falha total da vocação humana.

A realização humana se completa na consumação da existência histórica, ou seja, na morte. Somente quando se encerra o tempo histórico do sujeito humano que o verdadeiro sentido de sua existência pode ser avaliado. Enquanto houver tempo de vida, o ser humano ainda é um ser em processo de realização. Na morte, o tempo se encerra e o sujeito humano penetra na esfera da eternidade. Diante da ameaça da inexistência, seu coração passa a saber todas as consequências de suas escolhas feitas no decorrer de sua existência. Prestes a adentrar o eterno agora, conhece todas as suas falhas e acertos. Passa a ter plena consciência do que se tornou após viver a aventura da história. Nesta hora derradeira, o ser humano não está sozinho. Ali com ele, está Cristo ressuscitado a derramar o seu Espírito Santo e ressuscitá-lo.

⁷⁸ Cf. Gn 2,4b-7.

⁷⁹ Cf Gn 2, 8-9.

Cabe ao ser humano, reconhecer sua pobreza e miséria diante da glória do Cristo ressuscitado e aceitar o dom de Deus em sua vida tornada definitiva pelo evento da morte⁸⁰. Somente assim, o sujeito humano conseguirá realizar plenamente sua vocação de conhecer o bem e viver na verdade que é Deus. A outra opção consiste na falência completa do sentido da existência e num tormento eterno de uma vida sem significado que é nomeada inferno. Nela se reúnem todos os que odeiam o bem e a verdade, vivendo uma eterna existência de fuga da luz divina.

O ser humano e o mundo compartilham do mesmo destino. A história rumo para o fim. Os dias do universo estão contados. Em algum momento, todas as galáxias irão inevitavelmente desaparecer. Contudo, o ser humano necessita do espaço do cosmos para se relacionar com Deus. O mundo se constitui em espaço da relação entre Deus e o ser humano. A humanidade ressuscitada deverá ter um mundo no qual estabeleça relação com Deus. Este mundo, conforme a revelação bíblica, também será transformado em algo novo no dia em que se consumir sua história. No momento final da jornada histórica do cosmos, a história se dobrará como um pedaço de papel reclinando-se sobre a eternidade. E assim, o universo como espaço da relação entre Deus e o homem chegará à plenitude da ressurreição por meio da graça de Cristo, conforme escrito no livro do Apocalipse⁸¹.

Portanto, todo ser humano é chamado por Deus a realizar a vocação de conhecer o bem e amar a verdade em sua estrutura triádica corpo-alma-espírito por meio das relações com o mundo, a sociedade e consigo mesmo. No final, não poderá fugir à sinceridade consigo mesmo diante da descoberta do valor de sua vida aos olhos de Deus, bem e verdade supremo, que iluminará sua consciência em relação à sua realização histórica que somente terá seu sentido coroado na entrega de todo seu ser.

3.4 Conclusão

Neste capítulo, pretendeu-se dar uma resposta atualizada e efetiva ao problema dos dois focos da elipse de Sesboüé. O problema consiste na relação entre os critérios para se alcançar a salvação na fé cristã e a salvação da inumerável quantidade de pessoas que vivem ou viveram sem ter conhecimento desta mensagem em função de sua limitação geográfica e histórica⁸². Isto traz o problema da legitimidade da experiência religiosa não cristã dado o fato de que somente a mensagem cristã seja portadora de verdadeira salvação. Contudo, não há como

⁸⁰ Cf. BLANK, Escatologia da Pessoa, p.155-157.

⁸¹ Cf. Ap 21,1-7.

⁸² Cf. SESBOÜÉ, Fuera de la Iglesia no hay salvación, p.27.

negar a afirmação conciliar de que há elementos de salvação embutidos nestas culturas. Daí surge o desafio de explicar como tais elementos salvíficos podem chegar a uma cultura não cristã.

O único nome pelo qual o ser humano pode ser salvo é o nome de Jesus Cristo⁸³. Esta verdade constitui o grande desafio da mensagem cristã. O fato cristão, além de ser recente na história humana, está circunscrito a uma realidade cultural que não alcança o mundo inteiro. Por mais que a mensagem cristã se pretenda universal, boa parte do mundo ainda não a conhece. Surge o problema da salvação dos que não tiveram a chance de conhecer a mensagem cristã. Conforme desenvolvido neste capítulo, o fato cristão não é apenas uma informação, mas uma mudança de realidade que estabelece relação entre eternidade e história. Cristo não foi apenas um modelo de vida para o ser humano, consistindo também no estabelecimento de um novo modo de relação entre Deus e o ser humano em toda a história. É o evento que chama o ser humano a participar da divindade desde sua criação. Desde a criação, derrama-se o Espírito Santo sobre o gênero humano. Cada ser humano da história é chamado à vida como potencial filho de Deus. Em Cristo, tudo muda. O ser humano torna-se filho no Filho desde suas origens mediante o fato histórico da vida e morte de Jesus de Nazaré. A salvação chega tanto aos que antecederam o evento Cristo quanto aos que não tiveram chance de conhecê-lo por meio da graça do Espírito Santo. Toda a humanidade caminha para a conformação com Cristo.

Ao ser humano, criado à imagem de Deus, cabe responder ao dom da graça de Cristo. Sendo corpo, alma e espírito relaciona-se com o mundo, com a sociedade e com Deus. Realiza-se na história enquanto ser situado no mundo com os outros para o bem e a verdade. Somente realiza sua vocação no processo de cristificação que o torna semelhante a Deus. No mais íntimo de si, em sua abertura radical à transcendência, encontra Deus que o une à toda a criação chamando-o ao dom de uma vida divina. Contudo, em seu livre arbítrio, o ser humano pode se fechar em si mesmo, negando sua abertura ao mundo, ao outro e a Deus. Este fechamento, conhecido como pecado, é não realização da vocação humana de ser no mundo com os outros para Deus.

A salvação do ser humano está na acolhida do dom do Cristo. Por meio do Cristo, a partir da eternidade, Deus convida o ser humano a uma vida de sentido pleno. Toda verdadeira realização humana está intimamente ligada ao mistério da redenção. O ser humano é redimido por Cristo desde sua criação. Na cruz, o Espírito Santo é derramado sobre toda a história. Toda a natureza se torna agraciada desde sua origem. E a graça de Cristo vai conduzindo a

⁸³ Cf. At 4,10-12.

história do mundo rumo à sua plenitude escatológica por meio do trabalho humano. O ser humano, principal destinatário da graça divina, torna-se co-criador e auxiliar de Deus em seu projeto. Cabe ao gênero humano, por meio de sua atividade, dar um sentido ao mundo da natureza, construindo uma sociedade harmônica em comunhão com o Criador. Este mundo trabalhado pela sociedade humana será entregue ao Pai pelas mãos do Filho sendo transformado em Reino de Deus pelo Espírito Santo.

O Reino de Deus já está presente em mistério na história desde o evento Cristo, pelo surgimento da Igreja. Comunidade instituída por Jesus, a Igreja é a comunidade a qual todo o gênero humano é chamado a participar. Cada ser humano que abandona o egoísmo para abraçar a vida em prol do outro inicia a passagem pelo processo batismal e se incorpora a Cristo, cabeça da Igreja, tornando-se membro de seu corpo. Todo ser humano que realiza em sua existência a vocação de conhecer o bem e amar a verdade pertence à Igreja. Cada ser humano só poderá ser plenamente Igreja após sua morte, pois somente na morte a existência humana será plenamente realizada.

A Igreja, presença do Reino de Deus em mistério, está em processo de realização. Somente ao encerrar a história, o reino de Deus estará presente em plenitude no meio do gênero humano. Enquanto isso, ela não é noiva santa e perfeita de Cristo, está em construção. Já apresenta os traços de sua evolução final, mas ainda contém membros pecadores. Por isso necessita constantemente de purificação⁸⁴. É o povo de Deus caminhando na história.

Ser Igreja significa estar incorporado a Cristo. É ser membro do corpo de Cristo. Alguém só se torna membro do corpo de Cristo em plenitude após a realização definitiva de sua vida, ou seja, na morte. Quando um ser humano morre, ele não está sozinho. Junto a ele, está Cristo ressuscitado. Na morte, todos os seres humanos se encontram. A ressurreição vem para todos. Cristo, pelo poder do Espírito Santo dá vida a todos ao mesmo tempo em um novo céu e uma nova terra que irrompe no encerramento de toda a história natural. Uns ressuscitam acolhendo o dom da salvação no amor à verdade e no conhecimento do bem realizando sua vocação humana. Outros rejeitam o significado de sua vida, tornando definitivo o fechamento em si próprios e se condenando a uma eternidade de sofrimento por não ter realizado sua vocação humana. Esta é a escolha final que cada ser humano vivente deverá enfrentar⁸⁵.

Portanto, não há quem seja excluído do projeto salvífico de Deus. Toda a humanidade é chamada à participação na vida divina. Todos são chamados a participar do povo de Deus. E,

⁸⁴ Cf. LG 8.

⁸⁵ Cf. Dn 12, 1-3

por fim todos participam da Igreja em maior ou menor grau. A graça é dada a todos, pois todo ser humano, por pior que seja, pratica algum bem no decorrer de sua vida. Esclarecido este ponto, cabe agora enfrentar os desafios que a contemporaneidade coloca diante do adágio “Fora da Igreja não há salvação”.

4. CONCLUSÃO: PROBLEMAS CONTEMPORÂNEOS

4.1 Problemática contemporânea do adágio

Conforme visto no capítulo anterior, não há quem não seja atingido pela iniciativa salvífica de Deus. A partir do mistério pascal, o Espírito Santo é derramado sobre a humanidade em todos os tempos históricos. Deus chama todo o gênero humano a participar de seu Reino que já se inicia em mistério na Igreja. Cabe a cada ser humano acolher o dom do Espírito em sua existência a fim de que sua vida tenha sentido aos olhos de Deus. A acolhida do dom do Espírito Santo consiste no deixar-se ser enxertado em Cristo e viver uma vida nova, tornando-se membro do Corpo de Cristo que é a Igreja. Participar da Igreja significa a realização da vocação humana de amar a verdade e conhecer o bem. Constatando-se que a Igreja é o espaço da realização da vocação humana, pode-se afirmar que “Fora da Igreja não há salvação”.

Muitos consideram o adágio superado pelos avanços no diálogo macro ecumênico. Consideram-no discurso eclesiocêntrico por demasia. Percebem o trabalho de evangelização como uma violência às culturas não cristãs. No atual andamento, discute-se a posição central de Deus no discurso. Outro grupo digno de consideração, mais comum em comunidades eclesiais não católicas, prende-se ao adágio “Fora da Igreja não há salvação” excluindo do processo salvífico todos que não estão vinculados institucionalmente à sua comunidade de fé¹.

No contexto da pós-modernidade, a tolerância foi elevada a valor central. A intolerância passou a ser considerada o mais insuportável dos defeitos. A tolerância passou a ser vista como uma ruptura com os grandes projetos coletivos, ou seja, os grandes discursos. A cultura neo-individualista se harmoniza com os valores da liberdade pessoal, rejeitando tudo que afronta este princípio². Muitas vezes, o retorno do religioso é entendido como indício do viés intolerante da atual ordem democrática. As concepções religiosas se desestruturaram, ficando pautadas pelo self-service em função de uma busca pessoal subjetiva. O discurso totalizante cristão vê-se ameaçado pelo pluralismo cultural.

O religioso sai da esfera pública e passa a ser algo da realidade privada de cada um. O estado se define como laico, tornando-se, muitas vezes, laicista. As razões religiosas deixam de ser aceitas como justificativa para a vida social. A vontade de Deus deixa de ser relevante para a vida humana em sociedade. As convicções de fé não têm lugar na legislação. Em nome da

¹ Cf. DUPUIS, Hacia una teología cristiana del pluralismo religioso, p. 271-273.

² Cf. LIPOVETSKY, A Sociedade pós-moralista, p. 125-133.

democracia, tolhe-se a liberdade de consciência religiosa em nome dos direitos do indivíduo que agora é obrigado a ter uma racionalidade ateísta quando se refere à vida pública.

Em uma civilização que se pretenda universal e propugne pela satisfação material e imediata do indivíduo, toda cultura é válida desde que atinja o objetivo do prazer sensitivo e psíquico imediato. Não há valores supremos e cada ser humano define o seu papel. O cristianismo rejeita esta mentalidade, colocando o ser humano como alguém vocacionado à prática do bem e à busca da verdade. Diante de outras culturas, é possível reconhecer a ação do Espírito Santo neste sentido. Todas as grandes culturas milenares têm algo a dizer sobre o ser humano e seu destino final. E todos estes discursos contêm elementos de salvação conforme o Concílio Vaticano II³. Portanto, o próprio cristianismo pode se enriquecer com elementos destas culturas que realçam valores muitas vezes esquecidos no interior da Igreja.

No último milênio, um dos maiores pecados cometidos pelo povo de Deus foi a sua divisão em diversas Igrejas e comunidades eclesiais. Na Igreja Católica, subsiste a Igreja de Cristo⁴. Contudo, nas outras denominações cristãs, destacam-se elementos que merecem ser realçados na experiência católica em sua caminhada histórica rumo à sua realização como noiva de Cristo pura e sem mancha.

A Igreja está em contínuo processo de aperfeiçoamento em sua caminhada histórica. Cada geração humana efetua sua contribuição para o crescimento da Igreja em sua jornada rumo ao Reino de Deus. Cada verdade da fé é transmitida e reinterpretada por cada geração. Um dogma não consiste em uma verdade estática, mas em uma chave que auxilia direcionar a compreensão da fé. A experiência da fé deve ser revivida a cada geração. No momento no qual um dogma se cristaliza e cessa de ser compreendido, tornando-se apenas aceito, uma porta na compreensão da fé se fecha e a experiência cristã se empobrece.

A mensagem da boa nova cristã é uma mensagem expansiva por natureza. Com interpretações mais restritas do adágio “Fora da Igreja não há salvação”, a missão era uma necessidade para a salvação. Conforme já visto, isto não é de todo verdade, pois o Espírito Santo foi derramado sobre todo o gênero humano em todos os tempos. Assim sendo, um ser humano pode se salvar sem nenhum vínculo institucional com a Igreja. Isto coloca a indagação da necessidade da divulgação da mensagem evangélica a todo o mundo. Ficam as perguntas: Basta ter um comportamento verdadeiramente ético para se alcançar a salvação? O conhecimento teórico de Cristo e sua mensagem é algo relevante?

³ Cf. NA 2.

⁴ Cf. LG 8.

Outro desafio para a mensagem cristã consiste no encontro com outras grandes tradições religiosas. Necessita-se sabedoria e coragem para o estabelecimento de um diálogo verdadeiramente frutuoso. Pergunta-se: Quais os elementos da identidade cristã devem ser apresentados a estas outras grandes tradições? O que é essencial e o que é dispensável na mensagem cristã? Muitas vezes, o medo de agredir a sensibilidade do interlocutor conduz a uma negação da própria identidade. Esta característica do pensamento pós-moderno enfrenta o desafio dos fundamentalismos contemporâneos tanto da parte dos cristãos quanto da parte dos não cristãos. O receio de oprimir ao afirmar a identidade pode conduzir à violência da parte do radical intolerante. Fica a questão: Como anunciar o evangelho nos dias atuais?

Os dois grandes desafios contemporâneos enfrentados pelo adágio “Fora da Igreja não há salvação” a serem tratados neste capítulo são a relevância do anúncio do evangelho no processo salvífico da história e o estabelecimento do diálogo com as grandes tradições religiosas. Conforme já visto, o grande desafio eclesiológico dos tempos atuais consiste em conciliar o mandato do anúncio do evangelho com o discurso da tolerância que é muito cara ao pensamento ocidental.

4.2 Relevância do anúncio do Evangelho

O pensamento contemporâneo desafia a mensagem cristã em sua propagação ao romper com todos os grandes discursos totalizantes. A mensagem institucional perde sua força e o testemunho pessoal ganha cada vez mais espaço. A religião passa do centro para a periferia da cultura. O ser humano se torna descrente de um futuro promissor em pleno século XXI. Diante da indiferença pós-moderna, contesta-se a relevância do anúncio evangélico. Com a crescente sensibilidade do homem moderno com relação à busca da felicidade como salvação intramundana, não é possível conceber a condenação de uma parcela da humanidade por desconhecer a mensagem cristã. Por outro lado, conforme já visto no capítulo anterior, o próprio Deus também se ocupa de conduzir o gênero humano à salvação por meio do dom de seu Espírito. Assim, a salvação se torna possível para aqueles que não tiveram a chance de conhecer a mensagem cristã. Nestas condições, pergunta-se: Qual a finalidade do anúncio do evangelho se, aparentemente, a salvação pode ser alcançada sem o conhecimento dele?

Nos evangelhos, Jesus confia aos discípulos o futuro de sua mensagem, ordenando-lhes anunciar o evangelho e batizar todo o gênero humano⁵. Cabe à Igreja cumprir com este

⁵ Cf. Mc 16, 15-16; Mt 28,1-20.

mandato missionário pois Deus quer que todos cheguem à salvação⁶. A salvação somente se realiza no conhecimento da verdade, ou seja, em uma relação de fidelidade com um Deus fiel. Esta relação consiste na plena realização da vocação humana de amar o bem e conhecer a verdade. Conhecer a verdade significa tomar conhecimento de que somente há salvação no nome de Jesus, o Cristo.

Contudo, a salvação está ao alcance de todo o gênero humano por meio do dom do Espírito Santo. Não há ser humano que não seja constantemente interpelado por Deus à prática do bem e à busca do conhecimento da verdade. A opção de uma vida virtuosa sempre está diante do sujeito. E, caso não tenha condições de conhecer a verdade do Cristo em sua jornada histórica, isto lhe será plenamente revelado em sua hora derradeira, no momento em que fechar os olhos e encontrar Cristo ressuscitado. Portanto, todo ser humano tem diante de si a salvação e a perdição⁷. Cabe a ele escolher sabiamente o caminho que deseja trilhar.

Se Cristo ordena à sua Igreja o anúncio do evangelho, como um não cristão enxertado em Cristo e, portanto, sendo Igreja pode anuncia-lo? Um ser humano que não esteja institucionalmente vinculado à Igreja, não possui a completude da mensagem do evangelho. Tendo conhecimento incompleto do evangelho, somente lhe é possível anunciar um evangelho incompleto. Este evangelho incompleto consiste na realização possível de sua vocação humana de intelecto e liberdade que o impulsiona na busca da verdade e no amor ao bem. Portanto, todo ser humano enxertado no Cristo, anuncia a mensagem cristã conforme sua condição histórica, cumprindo com o mandato evangélico.

A solução apresentada à questão da salvação dos não cristãos no capítulo anterior parece desprezar o mandato de anúncio do evangelho, colocando o processo salvífico de Cristo independente do conhecimento da história da relação entre Deus e o ser humano. Isto acabaria por anular o mandato de anúncio do evangelho. Se o processo salvífico não necessita de adesão explícita ao anúncio do evangelho de Jesus Cristo, por que a obrigação da divulgação da mensagem cristã ao mundo?

Mas, aí irrompe a solução ao desafio de fundamentar o anúncio evangélico. A vocação humana direcionada ao amor e acolhida de toda a criação, por sua natureza, deve ansiar pela plenitude de todas as coisas. Um ser humano que ame seu irmão desejará para ele a plena realização de sua vocação humana. Sendo o conhecimento da verdade, uma das metas às quais é chamado o ser humano a realizar, jamais um ser humano em realização o negaria a seu

⁶ Cf. 1Tm 2,4-6.

⁷ Cf. Dt 30,15.

semelhante. Na vocação ao amor, está presente o mandato de anunciar a verdade ao próximo. E a verdade mais essencial e importante consiste no teor do evangelho de Jesus Cristo.

Jesus Cristo anunciava o Reino de Deus⁸. Os primeiros destinatários desta mensagem são os pobres, os pequeninos⁹. O Reino se realiza na presença de Cristo no mundo. Sua presença se dá por meio da Igreja que é seu corpo. Porém, a Igreja é o reino ainda em mistério¹⁰, crescendo e se desenvolvendo até atingir sua plenitude no tempo escatológico. O crescimento da Igreja é o crescimento do Reino de Deus. Entenda-se Igreja também como a realidade mística na qual a humanidade se encontra enxertada em Cristo, caminhando para a plena realização de sua vocação. Cabe a ela preparar o advento do reino de Deus em plenitude.

O crescimento da Igreja de Cristo indica o desenvolvimento do Reino de Deus entre a humanidade. O anúncio do evangelho tem por objetivo uma vida humana mais plena e realizada. O Reino de Deus se manifestará em plenitude quando todos os seres humanos conhecerem com clareza a verdade de sua vocação. A verdade da vocação humana encontra-se no evangelho a ser anunciado a todo o gênero humano. Somente na conformação a Cristo que o gênero humano conseguirá atingir sua plenitude. E o Reino de Deus é a plenitude de todas as coisas em Cristo. Daí, irrompe a profunda necessidade do anúncio do evangelho a todos os povos da terra.

Cristo, não apenas anunciou o reino como também preparou o mundo para seu advento. A Igreja, corpo de Cristo, consiste na manifestação de Cristo no mundo. Cristo é conhecido por meio de sua Igreja. A Igreja deve continuar a missão de Cristo. Sendo assim, seu papel não se resume apenas a anunciar o Reino de Deus, mas em preparar o mundo para o advento deste Reino que se faz cada vez mais presente.

O advento do reino de Deus em plenitude não se dá apenas religiosamente falando. O Reino de Deus em progresso se choca com a injustiça presente em todas as esferas da vida humana. Não é mero discurso religioso, mas alcança todas as esferas da vida humana. Isto inclui a esfera política. Atualmente, a Igreja tem se resumido a impedir a invasão da política pós-moderna na privacidade. Tem tomado posições contra o aborto, o casamento homossexual e outras temáticas que dizem respeito à vida privada dos sujeitos. Parece não se sentir segura para agir na esfera verdadeiramente pública com o anúncio do evangelho. Não são ouvidos clamores como os efetuados pelo profeta Isaías contra os que exploram os pobres e fazem leis

⁸ Cf. Mc 1,15.

⁹ Cf. Lc 4,18-19.

¹⁰ Cf. LG 3.

injustas¹¹. O discurso sobre a vontade de Deus com relação aos rumos que a sociedade tem tomado são ocultados por um discurso ético que visa validar o posicionamento dos cristãos diante da sociedade fragmentada do mundo pós-moderno. Cabe à Igreja questionar a injustiça de um mundo no qual poucos têm tudo e a grande maioria se encontra na miséria. E deve fazê-lo anunciando o Reino de Deus com força e poder.

Na plena realização do reino de Deus, haverá um só rebanho e um só pastor¹². Será somente um único povo de Deus, governado por Jesus Cristo. Cabe à Igreja instituída por Cristo preparar o mundo para esta realidade. Neste sentido, um passo acertado consiste na atividade ecumênica. O ecumenismo reúne todas as religiões na luta para que se torne possível a realização da vocação humana ao bem e à verdade. Unifica os esforços para a construção de um mundo mais justo e digno para todos. Anuncia o advento do Reino de Deus em plenitude ao reunir todas as tradições humanas em torno do único e verdadeiro pastor que é o Cristo.

Portanto, o anúncio do evangelho possui duas finalidades: garantir as condições de possibilidade de realização mais plena da vocação humana ao bem e à verdade que é Deus e preparar o advento do Reino de Deus que consiste em justiça e paz para todos. A Igreja não deve se intimidar diante dos desafios da pós-modernidade. Não deve temer perseguições e deserções. Deve estar sempre pronta a cuidar dos pobres e necessitados, advertindo os poderosos de que a justiça de Deus vai se realizar para todos os homens. Cabe à Igreja anunciar a verdade de Deus e ao gênero humano acolher este anúncio, colocando em realização sua vocação para o encontro com Deus.

4.3 Questão ecumênico soteriológica

Toda cultura situada histórica e geograficamente é produto do espírito humano por meio de seu psiquismo na manifestação de seu corpo. Todo ser humano nasce em uma cultura e por ela é condicionado. O Espírito de Cristo se manifesta como presença de Deus em cada sujeito humano. Esta presença marca toda ação humana e, conseqüentemente, modela a cultura. Por isso, pode-se chamar a história humana de história da salvação. Os recentes avanços no diálogo macro ecumênico indicam o fim do véu diáfano que separa a história profana da história salvífica. Não existe uma história do homem sem a presença de Deus. Toda ação humana consiste em uma reação à graça divina.

¹¹ Cf. Is 10,1-2.

¹² Cf. Jo 10,16.

Em uma perspectiva de história sequencial, modo pelo qual a humanidade vive no tempo, Deus estabeleceu várias alianças com o gênero humano. Segundo Ireneu de Lião foram quatro as alianças estabelecidas: a alianças cósmicas com Adão e Noé, a aliança mosaica e a última e definitiva aliança em Jesus Cristo¹³.

A aliança com Adão se encontra na narração da criação em Gênesis. Nela, Deus coloca o ser humano no jardim de Éden. Conforme Giraudo, o jardim do Éden consiste no espaço no qual se desenvolve a relação entre Deus e o ser humano¹⁴. Neste espaço, há uma aliança estabelecida na qual não comer do fruto da árvore é a única regra estabelecida. Pelo pecado, o ser humano rompe com esta aliança e cria a primeira ruptura na sua relação com Deus.

O relato do dilúvio apresenta outra aliança do gênero humano com Deus. Nela, Deus entrega os cuidados do mundo ao ser humano, comprometendo-se a não destruir a criação por causa dos pecados do ser humano¹⁵. É uma aliança anterior à mosaica, feita com um homem pagão. Noé não era hebreu. Portanto, esta aliança simboliza a aliança de Deus com todo o gênero humano.

Por meio da aliança mosaica, Deus constitui para si um povo chamado a ser sinal de salvação para todos os outros. Parece um afunilamento na relação entre Deus e a humanidade, mas constitui um passo importante na história da salvação na medida em que um povo se torna mediação e modelo para o resto do gênero humano. Este povo sacerdotal recebe a lei de Deus e passa a ser sinal da presença de um Deus totalmente transcendente na história dos povos.

Por fim, em Cristo se estabelece a aliança eterna e definitiva pela qual o ser humano é divinizado pelo dom do Espírito de Deus derramado pelo Filho. Nesta aliança, o ser humano atinge o ápice de sua plenitude na ressurreição da carne, realizando sua vocação ao bem e à verdade e se tornando um com Deus¹⁶. Todas as promessas feitas na aliança mosaica são cumpridas. Inicia-se a instauração do Reino de Deus que alcançará plena realização na realidade escatológica.

Pergunta-se: o estabelecimento de uma nova aliança derroga as alianças anteriores? O estabelecimento da aliança definitiva em Cristo faz cessar as alianças anteriores? É fato que uma nova aliança com Deus é superior àquela que a antecede. A primeira aliança estabelece o ser humano como responsável pela criação, colocando nas mãos de Deus a prerrogativa da lei moral. A aliança com Noé entrega a criação nas mãos do ser humano quando Deus se

¹³ Cf. IRENEU DE LIÃO, *Contra as Heresias*, 3,11,8.

¹⁴ Cf. GIRAUDO, *Num só corpo*, p. 29-30.

¹⁵ Cf. SEGUNDO, *O dogma que liberta*, p. 57-58.

¹⁶ Cf. Jo 17,21.

compromete a não desfazer seu trabalho diante da infidelidade do ser humano. A aliança mosaica cria um povo para ser sinal da presença de Deus no mundo. E a partir da aliança em Cristo, Deus passa a morar no coração humano.

Numa visão de história sequencial, o ser humano estabelece sua relação com Deus na progressão da história linear. Cada iniciativa divina de estabelecer uma aliança está situada em um momento específico. Somente deste modo, o ser humano pode estabelecer sua relação com Deus. E, assim, a história do mundo se torna história da relação entre o humano e o divino.

Cada cultura progride a seu próprio tempo na relação com Deus. Cada ser humano amadurece em seu próprio ritmo. As civilizações da antiguidade, impulsionadas pelo Espírito de Cristo, tiveram diferentes respostas ao apelo divino, chegando a diferentes estágios do processo salvífico. Deus não ignora este processo e suas idiossincrasias, acolhendo todo ser humano que busca a verdade e pratica o bem. Todo ser humano é fruto de uma cultura situada no tempo e no espaço. Cada ser humano se molda a partir da rejeição e acolhida dos valores da cultura em que se encontra inserido. E na rejeição e acolhida de valores, o ser humano molda a cultura na qual as futuras gerações irão se desenvolver. E o Espírito de Deus no interior do ser humano sempre o impulsiona para a prática do bem, produzindo uma cultura com elementos importantes de salvação.

Segundo Dupuis, a aliança cósmica de Deus com Noé serve de base permanente para toda a salvação humana. Não consiste apenas em uma religião natural fundamentada em uma mera manifestação de Deus pelos fenômenos naturais. O texto de Gênesis sublinha uma relação íntima entre Deus e Noé e uma aliança eterna com Noé e sua descendência¹⁷. É símbolo de um compromisso pessoal de Deus com todas as nações¹⁸. É um passo importante no estabelecimento de uma aliança definitiva com todo o gênero humano.

A aliança mosaica não foi derogada pela aliança em Cristo, mas levada à perfeição. Cristo não veio abolir a lei e os profetas, mas dar-lhes pleno cumprimento¹⁹. Não existe dicotomia entre a aliança mosaica e a aliança em Cristo. Ambas consistem na mesma e eterna aliança apresentada em etapas na progressão histórica. Israel e o cristianismo estão indissolivelmente

¹⁷ Cf. Gn 9, 1-17.

¹⁸ Cf. DUPUIS, Hacia una teología Cristiana del pluralismo religioso, p. 335.

¹⁹ Cf. Mt 5,17.

unidos. Jesus Cristo não existe sem a caminhada histórica de Israel e Israel foi eleito povo de Deus em vista do Cristo que dele sairia²⁰.

A aliança em Cristo inaugura uma nova era para a humanidade. Nela, Deus recapitula toda a criação em Cristo por meio do Espírito Santo. A humanidade adentra os átrios do templo celeste. O ser humano tona-se divino graças a Deus que se faz homem. Numa perspectiva de história a partir da eternidade na qual não existe o passado e o futuro, o Filho é gerado na morte²¹. E na sua morte atrai todos a si²², chamando toda a criação a uma nova vida em Deus.

Dupuis diferencia modelo e paradigma. Para ele, um modelo tem caráter descritivo, atraindo atenção sobre os aspectos de uma determinada realidade, sem pretender defini-la de forma adequada ou distintiva. Diferentes modelos não se excluem mutuamente, mas se complementam. Sua combinação é necessária para a obtenção de uma visão compreensiva da realidade em questão. Por outro lado, paradigma consiste em princípios de inteligibilidade, chaves de interpretação gerais da realidade que se excluem mutuamente. Para se adotar um paradigma é necessário a exclusão de outros²³.

No atual estado da teologia das religiões, três paradigmas devem ser levados em conta: o paradigma exclusivista ou eclesiocêntrico, o paradigma inclusivista ou cristocêntrico e o paradigma pluralista ou teocêntrico.

O paradigma exclusivista nega a possibilidade de salvação fora da Igreja. Identifica-se com as interpretações mais extremadas do adágio “Fora da Igreja não há salvação”. Vincula a salvação à vinculação institucional. Muitos ambientes do protestantismo neo-ortodoxo defendem esta posição. Também alguns autores católicos se posicionam em defesa deste paradigma²⁴. A Igreja católica rejeitou este paradigma como se pode deduzir na carta ao padre Feeney em 1949²⁵.

O paradigma inclusivista ou cristocêntrico representa uma virada importante cheia de consequências para a teologia. Significa uma radical descentralização da Igreja que agora se centraliza no mistério do Cristo. O centro do mistério cristão é o Cristo e não a Igreja. A Igreja consiste num mistério derivado que encontra sua razão de ser no Cristo. Esta centralização no mistério de Cristo é necessária para evitar as interpretações radicais do adágio “Fora da Igreja não há salvação”. O mistério de Cristo e o mistério da Igreja jamais

²⁰ Cf. DUPUIS, Hacia una teología Cristiana del pluralismo religioso, p. 345.

²¹ Cf. DURRWELL, A morte do Filho, p.44.

²² Cf. Jo 12,32.

²³ Cf. DUPUIS, Hacia una teología Cristiana del pluralismo religioso, p. 265-266.

²⁴ Cf. DUPUIS, Hacia una teología Cristiana del pluralismo religioso, p. 271-273.

²⁵ Cf. DH 3866-3870.

devem ser postos no mesmo nível²⁶. Contudo, a Igreja é o corpo de Cristo e faz parte integral do mistério cristão. Ser incorporado a Cristo significa participar do mistério da Igreja, mesmo que isto não implique em vínculos institucionais.

O paradigma pluralista retira Cristo do centro, colocando Deus em seu lugar. A adoção de um paradigma implica na rejeição do paradigma anterior. Este paradigma afirma haver várias figuras salvíficas que conduzem o ser humano a Deus, negando a única medição de Cristo. O verdadeiro centro em torno do qual giram todas as religiões é Deus. Cristo consiste apenas em mais um meio salvífico entre outros. Todas as experiências religiosas têm igual significado.

Analisando a teologia das religiões de uma visão histórica a partir da eternidade, perceber-se-á que as questões gestadas numa mentalidade de história sequencial tornam-se supérfluas e desnecessárias. Se Cristo salva toda a humanidade a partir da eternidade, todos os seres humanos de todos os tempos recebem o dom do Espírito de Cristo, tornando-se palavra de Deus para o mundo por meio de uma vida verdadeiramente santa e inspirada²⁷. Sendo assim, todas as figuras salvíficas da história foram seres humanos que acolheram o dom do Espírito e por isso se tornaram modelares. A raiz de toda salvação está em Cristo que derrama, em sua paixão, o seu Espírito santificador. Dissolve-se a visão pluralista que nega a unicidade e universalidade da salvação cristã no fato de toda religião ser uma revelação do Cristo. Nega-se a visão exclusivista na experiência de que a incorporação a Cristo, ou seja, o mistério da Igreja é maior que a instituição visível.

Portanto, a história da salvação encontra-se em diversos estágios conforme os povos e as culturas acolhem o dom de Deus. O fato cristão consiste na última e definitiva revelação universal ao gênero humano. Contudo, existem sementes do verbo espalhadas em todas as culturas prontas a germinar e crescer, frutificando no Reino de Deus. O diálogo entre as religiões tem por finalidade o progresso espiritual e humano de todos os povos e nações. Sua finalidade última é a plena realização do Reino de Deus.

²⁶ Cf. DUPUIS, Hacia uma teología Cristiana del pluralismo religioso, p.273.

²⁷ Cf. Verbum Domini, 48.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. amp. São Paulo: Paulus, 2002.
- AGUSTÍN. *Tratado sobre el Bautismo*. in: *Obras Completas de San Agustín XXXII: Escritos Antidonatistas(Iº)*. Madrid: BAC, 1988. p.567-617
- BENTO XVI. *Verbum domini*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BERGERON, Richard. *Fora da Igreja também há salvação*. São Paulo: Loyola, 2009.
- BLANK, Renold J. *Escatologia da pessoa*. São Paulo: Paulus, 2010.
- CIPRIANO DE CARTAGO. *Carta 43: Cipriano a todo el pueblo*. In: *Obras de San Cipriano*. Madrid: BAC, 1964. p.488-495
- _____. *Carta 71: Cipriano a Quinto*. In: *Obras de San Cipriano*. Madrid: BAC, 1964. p.665-669
- _____. *Sobre la unidad de la Iglesia católica*. In: *Obras de San Cipriano*. Madrid: BAC, 1964. p.142-168
- CONCÍLIO VATICANO II. *Documentos do concílio ecumênico Vaticano II*. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2007.
- DENZINGER, Heinrich; HÜNERMAN, Peter. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas; São Paulo: Loyola, 2007.
- DUPUIS, Jacques. *Hacia una teología Cristiana del pluralismo religioso*. Maliaño: Sal Terrae, 2000.
- DURRWELL, François-Xavier. *A morte do Filho: O mistério de Jesus e do homem*. São Paulo: Loyola, 2009.
- FUELLENBACH, John. *Igreja: Comunidade para o reino*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- _____. *Redescobrimdo a eucaristia*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- IGNACIO MARTIR. *Carta a los filadelfios*. in: *Padres Apostólicos*. Madrid: BAC, 1965. p. 481-488
- IRENEU DE LIÃO. *Contra as heresias*. São Paulo: Paulus, 2012.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A sociedade pós-moralista*. Barueri: Manole, 2005.
- PADRES apologistas. São Paulo: Paulus, 1995.
- RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005.
- RUBIO, Alfonso García. *Unidade na pluralidade*. São Paulo: Paulus, 2006.
- SEGUNDO, Juan Luis. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré: dos sinóticos a Paulo*. São Paulo: Paulus, 2011.
- _____. *O Dogma que liberta*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- SESBOÜÉ, Bernard. *Fuera de la Iglesia no hay salvación: historia de uma fórmula y problemas de su interpretación*. Bilbao: Mensajero, 2006.
- _____. *História dos dogmas: O Deus da Salvação*. São Paulo: Loyola, 2002.
- TABORDA, Francisco. *Nas fontes da vida cristã: Uma teologia do batismo-crisma*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teologica IV*. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____. *Suma Teologica VIII*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2009.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica II*. São Paulo: Loyola, 1992.
_____. *Antropologia Filosófica I*. São Paulo: Loyola, 1991.
_____. *Escritos de Filosofia I: Problemas de Fronteira*. São Paulo: Loyola, 1986.